



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**

**ANA EDWIGES SILVA BENTO**

**UMA DANÇA QUE ESCORRE: AÇÕES DANÇANTES ANTIMANICOMIAIS  
COM MULHERES ASSISTIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL  
(CAPS) EM FORTALEZA**

Salvador  
2022

**ANA EDWIGES SILVA BENTO**

**UMA DANÇA QUE ESCORRE: AÇÕES DANÇANTES ANTIMANICOMIAIS  
COM MULHERES ASSISTIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL  
(CAPS) EM FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Virgínia Mignac da Silva

Salvador  
2022

Bento, Ana Edwiges Silva.

Uma dança que escorre: ações dançantes antimanicomiais com mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) em Fortaleza / Ana Edwiges Silva Bento. - 2022.  
155 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Virgínia Mignac da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2022.

1. Dança. 2. Arte e doença mental. 3. Mulheres - Saúde mental - Fortaleza (CE). 4. Política de saúde mental - Fortaleza (CE). 5. Centro de Atenção Psicossocial (Fortaleza, CE). I. Silva, Márcia Virgínia Mignac da. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3098131

CDU - 793.3:616.89(813.1)

**ANA EDWIGES SILVA BENTO**

**UMA DANÇA QUE ESCORRE: AÇÕES DANÇANTES ANTIMANICOMIAIS  
COM MULHERES ASSISTIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL  
(CAPS) EM FORTALEZA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança, Escola de Dança, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em 30 de maio de 2022.

Banca examinadora

Márcia Virgínia Mignac da Silva – Orientadora \_\_\_\_\_

Doutora em Comunicação e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Helena Tânia Katz \_\_\_\_\_

Doutora em Comunicação e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Daniela Maria Amoroso \_\_\_\_\_

Doutora em Artes Cênicas – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

À minha tia-avó Fransquinha, que me ensinou a dançar com a vida, escorrer e existir.

À minha avó, que me permitiu ser sua cúmplice, ensinando-me os sentidos de se caminhar uma com a outra.

À minha mãe, que me ensinou a conviver com as plantas e com as pessoas.

Às minhas tias, que me trouxeram a possibilidade de ser muitas e várias.

Às minhas primas, que me fizeram irmã.

Às minhas primas menores, que me fizeram tia e avivam, em mim, o amor e a cumplicidade que minha avó me ensinou.

Às mulheres, que latejam e ardem com desejos em carne viva.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma maneira de fazer circular e prosperar aquilo que me foi concedido, possibilitado, oportunizado, compartilhado. Sinto um fluir que me chega, atravessa, compõe e segue em percursos em profusão. O agradecimento vem acompanhado de uma generosidade. A generosidade de quem tanto contribuiu para comigo nesta pesquisa e em tudo que ela moveu junto.

Meus agradecimentos não são hierárquicos, não possuem necessidade de ser, porque cada pessoa, coisa e relação tem o seu lugar. Um lugar muito único. Por isso, os agradecimentos vêm em fluxos de espontaneidade, e não em graus de relevância. Tantas pessoas se avivam quando sento e assento para agradecer.

Às mulheres do CAPS, tão inesquecíveis nesse caminhar, com quem construí laços de cumplicidade para nossos afetos e desejos em dança. Sou agradecida a elas por me nutrirem e me fortalecerem em minhas sensibilidades intensas. À companheira de trabalho, com a qual juntei forças em lutas para construir e preservar um espaço para a dança e para a antimanicomialidade, que apoiou e motivou meu ingresso no mestrado a partir desse trabalho, que acreditou. Aos colegas profissionais que se dispuseram a contribuir com a investigação. Às colegas Edvânia e Fabiana, que não mediram esforços para me auxiliar no processo de entrar em contato com as mulheres da pesquisa. Agradeço ao CAPS, que foi espaço para essa experiência e que remexeu nos meus modos de estar com o mundo. À Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, que autorizou a realização desta pesquisa, sem a qual a sua efetivação não teria sido possível.

Penso em minha mãe, Maria Darci, mulher que mais me ensinou sobre lidar com pessoas em sofrimentos psicossociais, com seu jeito próprio. Minha mãe não estudou para isso, a vida deu um jeito de lhe encaminhar. À ti, minha mãe Cizinha, agradeço por tudo que abdicou, submeteu e lutou para me fazer prosperar com dignidade. Lembro do seu esforço para conseguir vaga na escola pública, considerada a melhor da cidade na época, quando eu ainda era muito pequena; como preparava bananada e abacatada para meu lanche, o cuidado que tinha para que não me faltasse nada, em especial, em relação aos meus estudos. Lembro de quando a vida fez a gente se cruzar no CAPS, eu enquanto psicóloga e você como familiar de um usuário. Ali eu tive mais certeza ainda do quanto de você deságua em mim.

Agradeço às minhas tias Novinha, Lucilda, Lene, Rocilda, Sandra e Inha que trouxeram outras referências em vida, mostrando-me outros deságues. Como se uniram para encontrarem soluções emocionais e financeiras para que eu pudesse crescer como pessoa e no meu papel de

estudante. Eu sei que sem vocês tudo teria sido mais difícil e penoso. Em especial, à minha tia Novinha, que me cuidou e me ama como filha, que é fonte de inspiração e que sempre confiou em mim e nas minhas escolhas estudantis e profissionais. Muito saudosamente, sou grata à Lulu, que partiu rápido e cedo e não pode compartilhar comigo esse momento e essa experiência. À Lene, que ia comigo trocar livros no centro da cidade porque eram mais baratos, tentava conseguir alguns com seus colegas professores e que me ensinou a cuidar dos livros. E que, em seus últimos dias, me deu força para continuar com o pré-projeto de mestrado. Aos meus tios, que sempre foram apoio, aquele apoio estrutural que possibilita caminhos de mais tranquilidade.

As amigadas são um bem precioso para mim. Quando elas vêm com dança, mais ainda. Agradeço à Clarissa, Flávia, Ana Cristina, Eremita, Inês, Leila, ao Freddie, Genivaldo, Severo, a esta gente que ama se encontrar para dançar e falar da vida e que foram chão macio e acolhedor para meus desabamentos e minhas edificações. Agradeço à Andrea Bardawil, por me receber em dança no meu ir e vir de Salvador. Às amigas Alana, Laís, Débora, Iara, Débora, Mayara, que estiveram comigo nos processos todos. Às amigas de mestrado Gardênia, Bruna, Jana e ao amigo Jean, que, de algum modo, ajudaram-me a continuar. À Mãe Rita, Pai Wellington e Vanda Machado por todo o cuidado espiritual.

À Fátima Wachowicz, minha primeira orientadora que, em um curto tempo de relação, acolheu-me e me ajudou a chegar e me situar na Escola de Dança. À Márcia Mignac, minha professora (pró), orientadora, amiga e parceira, que, desde o início, até mesmo quando ainda não tinha se tornado minha orientadora, acreditava na pesquisa. Em muitos momentos, acreditou até mais que eu. Com sua sensibilidade e inteligência, acolheu dúvidas e angústias e percebeu potencialidades, construindo junto, aprendendo junto. Marcinha, sou toda agradecimento a você. Agradeço a nós pela amizade construída.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Dança pelo acolhimento ao projeto de pesquisa, por ter sido território para seu desenvolvimento. Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA e à Plataforma Brasil pela apreciação e aprovação desta pesquisa.

Ao meu companheiro Norval, Pretito, parceiro nessa construção de tantos significados. Dificuldades, medos, descobertas, alegrias e você comigo lembrando-me, quando facilmente esquecia, do meu axé. Nas idas e vindas a Salvador, nas idas e vindas a Fortaleza, para estarmos juntos, apoiando as empreitadas um do outro. E que, nos meus momentos de extrema autocrítica e de cansaço, você me convidava para correr, pedalar, tomar um banho de mar e beber água de coco. O seu jeito de me convidar a me fazer mais leve.

Agradeço à Oxum e Iansã, que são assentamentos para meus movimentos, por me fazerem filha das águas e dos ventos, por me guiarem e protegerem, por me fazerem dançar.

Graças!

*A água sempre descobre um meio.*

(Provérbio africano)

**BENTO, Ana Edwiges Silva. Uma dança que escorre: ações dançantes antimanicômiais com mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) em Fortaleza.** Orientadora: Márcia Virgínia Mignac da Silva. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

## **RESUMO**

Esta pesquisa emerge da necessidade de investigar, desenvolver e aprofundar compreensões e articulações entre dança, corpo e a saúde mental no contexto de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), na cidade de Fortaleza, a partir da experiência realizada nos anos de 2017 e 2018 em um grupo com mulheres. Dessa maneira, apresenta como objeto de estudo a implementação da dança enquanto propositora de ações antimanicômiais com um grupo de mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Assim, objetiva apresentar a dança como uma ação propositiva capaz de instaurar outras formas de vida com mulheres em sofrimento psicossocial. Para tanto, revisita-se a experiência de dança desenvolvida no CAPS nos anos de 2017 e 2018, utilizando-se de conteúdos em imagens e escritas durante a ocorrência do grupo e realizando entrevistas semiestruturadas com as mulheres, profissionais do serviço e familiares. A metodologia escolhida se constitui como uma abordagem múltipla que combina pesquisa bibliográfica, cartografia e pesquisa de campo. Toda a construção da pesquisa se dá a partir do entendimento de que as ações de dança trabalhadas no e pelo corpo que dança podem ativar nesses corpos outros modos de se perceber e existir distintos das ações de intervenção aos quais foram submetidos, como também aos processos de subjetivação vinculados à saúde mental. Considerando o CAPS como locus da pesquisa, o atravessamento de saberes e práticas dos campos da dança, da saúde mental e dos estudos de gênero buscam abordar a complexidade do tema, sem a ilusão de exauri-lo. Deste modo, intenta-se compreender as relações entre a percepção de estados corporais e a construção de modos de existência enquanto mulheres no contexto de um equipamento das políticas públicas de saúde mental. Os conhecimentos compartilhados pelas mulheres proseiam com referenciais teóricos constituindo-se como possíveis intercessores na fundamentação da pesquisa, como Katz e Greiner (2005, 2015), Pelbart (2018, 2019), Foucault (1997, 2014), Oliveira (2009, 2012), Amarante (1994, 1995, 2007), Santos (2011), entres outros. Intenciona-se, assim, abrir espaços para caminhos investigativos em dança acerca dos processos de subjetivação e formas de vida no campo da saúde mental e contribuir para a produção de conhecimento em que exista interlocuções entre arte e saúde.

Palavras-chave: Dança e Saúde Mental. Dança e Luta Antimanicomial. CAPS. Percepção, Processos de Subjetivação e Formas de vida. Mulheres em sofrimento psicossocial e Dança.

**BENTO, Ana Edwiges Silva. A dance that flows: anti-asylum dancing actions with women assisted at a Psychosocial Care Center (CAPS) in Fortaleza.** Thesis advisor: Márcia Virgínia Mignac da Silva. Dissertation (Master in Dance) – Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

## **ABSTRACT**

This research emerges from the need to investigate, develop and deepen understandings and articulations between dance, body and mental health in the context of a Psychosocial Care Center, in the city of Fortaleza, based on the experience carried out in 2017 and 2018 in a group with women. In this way, it presents as an object of study the implementation of dance as a proponent of anti-asylum actions with a group of women assisted in a Psychosocial Care Center (CAPS). Thus, it aims to present dance as a purposeful action capable of establishing other ways of life with women in psychosocial suffering. To this end, the dance experience developed at CAPS in the years 2017 and 2018 is revisited, using content in images and writings during the group's occurrence and conducting semi-structured interviews with women, service professionals and family members. The chosen methodology is constituted as a multiple approach that combines bibliographic research, cartography and field research. The entire construction of the research takes place from the understanding that the dance actions worked on and by the dancing body can stir up in these bodies other ways of perceiving and existing different from the intervention actions to which they were submitted, as well as the processes of subjectivation linked to mental health. Considering the CAPS as the locus of research, the crossing of knowledge and practices from the fields of dance, mental health and gender studies seek to address the complexity of the theme, without the illusion of exhausting it. In this way, it is intended to understand the relationships between the perception of bodily states and the construction of modes of existence as women in the context of an equipment of public mental health policies. The knowledge shared by women interacts with theoretical references, constituting themselves as possible intercessors in the foundation of the research, such as Katz and Greiner (2005, 2015), Pelbart (2018, 2019), Foucault (1997, 2014), Oliveira (2009, 2012), Amarante (1994, 1995, 2007), Santos (2011), among others. It is intended, therefore, to open spaces for investigative paths in dance about the processes of subjectivation and ways of life in the field of mental health and to contribute to the production of knowledge in which there is dialogue between art and health.

**Keywords:** Dance and Mental Health. Dance and Anti-Asylum Fight. CAPS. Perception, Subjectivation Processes and Ways of Life. Women in Psychosocial Suffering and Dance.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Dança camuflada em água .....	24
<b>Figura 2</b>	Experimentação com bolas e parede .....	59
<b>Figura 3</b>	Experimentando apoios e articulações .....	59
<b>Figura 4</b>	“Eu morro de preguiça de vir, mas quando chego aqui é tão bom” (Neide) ...	59
<b>Figura 5</b>	Uma com a outra 1 .....	61
<b>Figura 6</b>	Uma com a outra 2 .....	61
<b>Figura 7</b>	Uma com a outra 3 .....	61
<b>Figura 8</b>	Desenho de Lizzie feito para presentear o grupo no último encontro em 2018 .....	68
<b>Figura 9</b>	Fios e composições 1 .....	77
<b>Figura 10</b>	Fios e composições 2 .....	77
<b>Figura 11</b>	Sentir e perceber a coluna – experimentação com objetos .....	85
<b>Figura 12</b>	Corpos em “escorrecências” .....	97
<b>Figura 13</b>	Escrita de Lizzie ao longo do grupo .....	108
<b>Figura 14</b>	Escrita de Lizzie após o término do grupo, durante a realização da pesquisa .....	123

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
DINSAM	Divisão Nacional de Saúde Mental
MTST	Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental
PTS	Projeto Terapêutico Singular
PPGDança	Programa de Pós-Graduação em Dança
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO: OLHO D'ÁGUA OU SOBRE O ESCOAMENTO DE FORÇAS DE VIDA.....</b>	<b>16</b>
<b>2. FERVEDOURO.....</b>	<b>25</b>
2.1 AS FORÇAS DA EFERVESCÊNCIA: COMPARTILHAMENTOS E DIVAGAÇÕES SOBRE AS ARTICULAÇÕES QUE CONSTITUEM O MANICOMIAL, O ANTIMANICOMIAL E A CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS .....	27
2.1.1 As correntes de água na efervescência: os fios históricos que se tramam na construção manicomial das vidas, das histórias de mulheres.....	32
2.1.2 As correntes de água na efervescência: antimanicomialização como movimento vazante .....	45
2.2 RESERVA DE ÁGUA E AS POSSIBILIDADES DE ESCOAMENTO: CORPOS QUE ESCORREM E TAMBÉM CONSTITUEM FORÇAS.....	51
<b>3. AGUACEIRO OU SOBRE A FORÇA DAQUILO QUE ESCORRE: CONSTRUINDO UM MODO DE PENSAR A DANÇA COM AS MULHERES .....</b>	<b>56</b>
3.1 CAMINHOS VAZANTES: CONVIVENCIALIDADES DO CORPO E DA DANÇA NOS TERRITÓRIOS DE SAÚDE MENTAL .....	56
3.2 UMA DANÇA QUE ESCORRE: PERCEPÇÕES EM MOVIMENTO E A EXPERIMENTAÇÃO EM DANÇA.....	69
<b>4. MANGUEZAL.....</b>	<b>91</b>
4.1 ÁGUA DOCE, ÁGUA SALGADA E RAÍZES AÉREAS: MODOS DE ESTAR E A TRAMAGEM DE CONDIÇÕES PARA UMA CONVIVENCIALIDADE EM DANÇA .....	91
4.2 O SOLO QUE PERMITE VIDAS DIVERSAS: MODOS DE ESTAR EM DANÇA E AS PISTAS PARA AÇÕES E RELAÇÕES ANTIMANICOMIAIS E DECOLONIAIS .....	111
<b>5. FOZ: VERTIGINAR, ESCOAR, DESAGUAR.....</b>	<b>121</b>
5.1 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM DANÇA E A TEMPORALIDADE DA “ESCORRESCÊNCIA”	121
5.2 OS FLUXOS EM DESÁGUES: A DANÇA E AS PISTAS PARA PENSAR UMA POLÍTICA DA CONVIVENCIALIDADE .....	126
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>130</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA AS MULHERES ASSISTIDAS NO CAPS .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA FAMILIARES DAS MULHERES ASSISTIDAS NO CAPS.....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS (AS) PROFISSIONAIS DO CAPS .....</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS .....</b>	<b>139</b>

<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): MULHERES ASSISTIDAS NO CAPS .....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): FAMILIARES ...</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): PROFISSIONAIS</b>	<b>148</b>
<b>ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA .....</b>	<b>151</b>

## **1. INTRODUÇÃO: OLHO D'ÁGUA OU SOBRE O ESCOAMENTO DE FORÇAS DE VIDA**

Uma cena real inventada

“Você já nasceu rasgando tudo”. Disse a mãe à filha. Aquelas palavras e, especialmente, a entonação enigmática e composta por um misto de medo e admiração contaminaram misteriosamente o corpo da então filha-mulher, que ia reproduzindo em seus próprios passos a mistura do medo e da admiração. Mas também vem temperando este caldo com algo seu: a curiosidade e a coragem para engendrar passos desconhecidos em um chão feito de mistérios e intuição. A cada movimento estranho a ele mesmo, era como um rasgo. Um rasgo circularmente gestador e gestado de uma abertura. Abertura que também era desfazimento e feitura. Um rasgo que vinha do mover e era movimento. Um rasgo, uma abertura, uma dança, um olho d'água. A nascida, então, sublevou-se e reivindicou uma existência própria.

...

Introduzo-me com esta cena. Tratando-se agora de uma inserção, não apenas com rasgos e aberturas no corpo, mas também com mudas de pele, com uma pressão aquosa de escoamento, com desbordamentos para outras bordas, em pequenos deslocamentos do que pode existir. Insiro-me, então, com um modo de escrever em primeira pessoa, uma espécie de diário compartilhado, uma dissertação-diário, expressando que não há aqui necessidade de apartamento entre mim, as pessoas copesquisadoras e a própria pesquisa.

Existe, sim, a consideração de afastamentos e aproximações condizentes às relações investigativas e aos processos de construir mundo, de se construir no e com o mundo, em movimentos de sublevações que não são origem e nem fim, mas que estão se entranhando e se desentranhando, atravessados e atravessando, combinando-se, são forças em suas manifestações e intensidades. Um fervedouro.

A possibilidade de realizar esta pesquisa, que deságua nesta dissertação, vem me permitindo viver experiências singulares e remexer memórias, histórias e afetos, um processo de avivar sensações. Deste modo, não intenciono escrever verdades universais, absolutas, neutras e imutáveis. É preciso ressaltar que escrevo de modo histórico e localizado, pois encontro-me numa temporalidade e territorialidade específicas atravessadas por suas questões

e possibilidades. Tais colocações refletem uma compreensão vivida dos processos e das ações de investigação científica nesta pesquisa de mestrado.

Se busco algo, trata-se do pequeno, do pequeno de um lugar, pequenos poros, pequenos escoamentos, mas não um escoamento enquanto soluções e saídas messiânicas. Escoamento enquanto outras maneiras de viver, modos de viver vazantes, como águas que vão escorrendo enquanto escorrem. Pequeno que não se refere a graus de relevância, apenas renuncia à busca de uma supremacia que possa engendrar encarceramentos e opressões aos conhecimentos e aos modos de existir.

Pois, talvez, seja uma oportunidade e possibilidade de realmente expandir a compreensão de que ações manicômias e antimanicômias não dizem respeito apenas ao campo da saúde mental, e sim às construções sociais cotidianas, portanto, a processos e experimentações de “convivencialidades”<sup>1</sup>. Uma insurgência que vaza e é vazante.

Considero, portanto, que esta pesquisa são expressões de histórias, e mais ainda, histórias que se encontram dançando e para dançar. Assim, sinto que devo exercitar, ao longo de todo o processo de investigação, o cuidado com tais histórias, respirando ao escutar e escrever cada palavra para que, em um aperreio de existir, eu não atrepele as outras existências.

Compartilho que esta pesquisa não apresenta sua nascente no mestrado. Não encontro um início para ela, mas um espaço que é entre. Não é meio de um tempo “inventadamente” em linha reta. E sim um tempo alargando-se e se espalhando pelo espaço, borrando fronteiras. Hoje, compreendo que, possivelmente, esta pesquisa foi parida a partir de uma permissividade, de uma autopermissão em investigar em movimento. O parto é a decisão de dançar. Minhas histórias encontram a dança e se (re) inventam em e com a dança. Uma mulher que se percebe dançando. Muitos rasgos, muitas costuras, muitos cozimentos, temperanças e marinados. Água, terra molhada, terra seca. Ventos e vertigens.

Um corpo que busca mínimas sustentações para girar e experimentar deslocamentos e permanências. Um corpo de uma mulher com histórias atravessadas por processos de colonização social, política, subjetiva, de gestos e movimentos, mas que busca ser tocada nisso

---

<sup>1</sup> A palavra “convivencialidade” sai de meus dedos de modo fluido. Não construo uma concepção anterior a escrevê-la. Confesso que não sei se já existe o uso do termo. E, ao mesmo tempo, penso que, nesse mundo enorme de conhecimento, é provável que sim, embora ainda não tenha lido ou escutado. Ela surge por sentir que a palavra convivência não corresponde à minha sensação de movimento ao falar de constituições de tramagens de relações que se fazem em fluxos. “Convivencialidades” são composições móveis, transitórias de relações mútuas entre os seres. Ao longo da escrita, algumas palavras fluem nessa correnteza, intensamente influenciada pela escritora Conceição Evaristo, que me arrebatou e atira a possibilidade de tramar experiências, movimentos, sensações, percepções e palavras. Uma escrita movida por ataçamentos e arrebatamentos.

e se permitir construir e descobrir escoamentos pelo próprio movimento, desuniversalizando a construção de uma mulher e de sua vida, fissurando uma conceitualização universal de mulher.

Eis que, assim, a partir deste lugar que habito e no qual me assento na atualidade provisória do viver, me aproximo de outras mulheres e suas histórias. São nesses encontros e a partir deles que inquietações se tornaram pesquisa.

Como psicóloga, adentro o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da Secretaria Regional III da cidade de Fortaleza, no Ceará, em 2017. Interrogações foram ganhando vida a cada dia em que eu estava presente nesta unidade de saúde mental e atenção psicossocial e me relacionava com as pessoas que buscavam algum tipo de atendimento terapêutico, seus familiares e profissionais. No entanto, tais interrogações, muitas vezes, se (con)fundiam a uma inquieta sensação de que a concebida saúde mental estava enclausurada num reduto tendencioso a uma priorização da medicalização e manicomialização das pessoas e de suas existências.

Depois da assumir a decisão de dançar, foi se tornando difícil e parecendo-me até um desperdício olhar para o mundo e percebê-lo, criar vínculos, teias e relações com ele, estar nele sem ser pelo corpo que dança, pelo corpo em movimento. Não é que a dança seja o único caminho, mas se tornou um espaço precioso para se degustar e debulhar as questões que emergem quando se trama Arte e Saúde.

Precioso porque possibilita associar processos de criação em dança com processos de subjetivação e modos de existência, permitindo a emergência de compreensões e percepções no e pelo corpo em movimento acerca de temas como mulheres e saúde mental, ações em dança e práticas antimanicomiais, dança e formas de vida. Precioso porque o corpo que dança se configura como um campo de relações em mundo e com ele, desenhando caminhos de conhecimento e pensamento em ação, fluxos que se encontram na construção possível de maneiras de pesquisar e (des)construir conhecimentos.

Necessito, vez por outra, lembrar e sentir novamente este lugar de pesquisar em dança. Quando retorno à “Como pesquisar em dança?”, o corpo se expande num sentido de uma escuta mais íntima e respeitosa com a própria pesquisa. O que ela precisa, os caminhos que ela abre, as escolhas que necessitam ser feitas. Aqui, deparo-me em um processo de decantação e filtração.

Nem tudo é vivido com mansidão. Esta experiência de pesquisar faz revolver certa angústia diante de incertezas concernentes ao tempo em que ela vai se fazendo. Pesquisar em meio a uma crise sanitária causada pela Covid-19, econômica e política em suas micro e macro manifestações e alcances tem sido um rio caudaloso de incertezas, medos e necessidades quase

constantes de parar, respirar, “reescutar” os possíveis e impossíveis das circunstâncias para os viveres.

Envolve um abrir mão, um desapegar da possibilidade de realização do nosso próprio desejo de nos encontrar pele com pele em toques e em danças naquele CAPS, no qual construímos uma “convivencialidade” em dança. Além de que tem se tornado uma necessidade latejante, por mais difícil que seja em muitos momentos, e diante de omissões, negligências e práticas classistas e racistas da morte de muitos, reencontrar e avivar aquilo que faz viver.

Assim, sinto que tal pergunta enche de vida a própria pesquisa, permitindo uma presentificação, uma construção de fios de sustentação em águas que se movem, e não apenas em uma única direção e sentido, mas em ritmos, fluxos e correntes diversas. O que me remete a uma sensação do que venho concebendo como presença cartógrafa<sup>2</sup>, uma experimentação cartográfica, deixar o corpo ser interpelado pelo tempo na e da pesquisa, uma cartógrafa, uma escutadora do tempo e do que ele oportuniza e impossibilita. Sinto a imagem de percursos d’água.

Escorro.

...

Na história de constituição do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), a arte tem o seu lugar dentro de uma terapêutica, um recurso que, compreendido enquanto tal, é apresentado e utilizado em seus caminhos de expressividade, criatividade, fonte de análises de conteúdos emocionais e até indicativos de quais vias seguir na continuidade do acompanhamento de determinado usuário do serviço.

A arte, porém, tem seu ar de insubmissão, não se reduzindo a um recurso terapêutico, mesmo que também possa sê-lo, mas ela não se conforma a uma redução arbitrária em termos de uso e funcionalidade. A dança, portanto, que é arte e área de conhecimento, não é entendida apenas como um recurso terapêutico e uma atividade física, é compreendida, nesta pesquisa, enquanto ação cognitiva do corpo, pensamento implicado no corpo, constituída e constituindo uma trama de forças biopolíticas.

Tal compreensão é água em que esta investigação se camufla para circular e se agenciar a outros saberes, em um processo de desasfixiar as práticas cotidianas em saúde mental e atenção psicossocial e em dança, como uma potente queda d’água. Uma investigação em dança

---

<sup>2</sup> No Capítulo 3, escorrerei com e sobre a presença cartógrafa.

que está camuflada em água presentifica-se em fluxos, em possibilidades de composições diversas e singulares com outras formas de existência de conhecimentos e saberes. Assim, enquanto água, ela escorre para além dela mesma. Quando a dança pode escorrer para além de suas fronteiras, diversifica-se, construindo outras formas de estar com ela mesma e com a vida. Água é sinal de vida.

A partir dessa compreensão, abre-se um campo de presença da dança na saúde mental e atenção psicossocial e em interlocuções com estudos feministas decoloniais para pensar ações antimanicomiais em saúde mental, em dança e nos espaços sociais de implicação desse encontro para se pensar políticas para a vida.

Retornei ao CAPS e às experimentações em dança convidadas com algumas mulheres que realizavam acompanhamento na unidade, carregando em mim as reverberações dos respingos do que ia emergindo em nossos encontros em dança, das emergências corporais que interrogavam e investigavam a percepção de si enquanto mulheres em sofrimento psicossocial, a singularidade de suas experiências e os espaços possíveis nos quais elas possam existir para além de territórios existenciais estigmatizados.

As mulheres com as quais “copesquisei” e dancei frequentam o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da Secretaria Regional III da cidade de Fortaleza, no Ceará, para a realização de acompanhamento<sup>3</sup> através de práticas de cuidado por estarem em sofrimento psicossocial.

Por se propor a estar nos lugares de encontro de saberes e histórias, já que o CAPS é um equipamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), inserido nas políticas de saúde mental, que são integrantes do Sistema Único de Saúde (SUS), e é constituído por equipe multiprofissional e interdisciplinar, é preciso dizer que a consideração dos atravessamentos e

---

<sup>3</sup> Para conhecer o acesso aos serviços assistenciais do CAPS, faz-se necessário compreender que o CAPS é um equipamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). A RAPS se compõe por equipamentos e serviços em saúde mental, criada como meio de efetivar a Política Nacional de Saúde Mental, segundo as diretrizes, os princípios, as determinações e a organização do Sistema Único de Saúde (SUS), portanto, tendo sua área de intervenção distribuída articuladamente entre os diferentes níveis de atenção em saúde. O CAPS é um serviço de porta aberta, o que significa dizer que as pessoas que se dirigirem ao CAPS, deverão ser recebidas, orientadas, acolhidas pelos profissionais da equipe, sem obrigatoriedade de agendamento e encaminhamento por outro serviço da rede de atenção à saúde. No CAPS em que o grupo aconteceu, as pessoas que chegavam eram acolhidas e passavam por uma triagem para reconhecimento da demanda. Caso sua condição em saúde mental atual e sua demanda estivessem dentro do que propõe a portaria n° 336, de 19 de fevereiro de 2002, do Ministério da Saúde, que define que o CAPS Geral é destinado a acolher e acompanhar pessoas maiores de 18 anos com transtornos mentais graves, severos e recorrentes, era aberto um prontuário e, a partir disso, desenvolvido o Projeto Terapêutico Singular (PTS) juntamente com a pessoa e os familiares, se houvesse, como forma de acompanhamento. Existem discrepâncias, divergências, dificuldades e potencialidades na efetivação desse modelo. Nem tudo acontece como está colocado. Entretanto, esta pesquisa não se propõe a desenvolver tal discussão. São informações para esclarecimentos e contextualizações. As leis, portarias e resoluções oficiais referentes à Política de Saúde e à Política de Saúde Mental no Brasil podem ser encontradas no site do Ministério da Saúde: <https://www.saude.gov.br>.

entrecruzamentos de gênero, raça, classe, idade, entre outros que possam marcar as experiências singulares e coletivas das mulheres atua como chão para esta pesquisa na produção de conhecimentos e percepções quando se encontram em convivência saúde mental, mulheres e dança.

...

Este trabalho investigativo se desenvolveu no Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDança), curso de Mestrado Acadêmico, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na linha de pesquisa Dança, Corpo e Cognição, desaguando nesta dissertação.

A cada momento vivenciado do processo de pesquisa, reflexões e percepções se anunciavam e se revelavam, permitindo-me vivê-la de uma maneira visceral em que consigo senti-la enquanto um processo de criação. A escrita pelas palavras, a dissertação, interroga-me: como encontrar ou inventar uma maneira honesta de escrever, que seja singular e plural, mas não egocentrada e nem, ao mesmo tempo, soberba, colocando-se como universal e, assim, afogando tudo aquilo que lhe escapa? Como é dissertar uma pesquisa em dança que envolve o encontro de minha história com a história de outras mulheres sem engendrar apagamentos? É possível?

Penso que dissertar pode ser uma ação de tramar e deixar escorrer ideias, afetos, experimentações e articulações com o já dissertado por outras pessoas, uma escrita divagadora, que vai se compondo, se costurando enquanto divaga. Encontrei na literatura e nos diários escritos por mulheres uma espécie de lampejo e enraizamento propulsor, acendendo e impulsionando a ideia de uma dissertação-diário, em que entendo diário como um espaçamento para criar a si e se dizer com o mundo, com sua característica de se tornar espaço para criar e atestar existências. Uma dissertação-diário tramada nos encontros da vida, da vida de mulheres que resolvem se experimentar dançando. Uma pesquisa escrita em que se permita sentir as implicações que a tramaram.

Escrevo com o corpo, mas não apenas o meu. Outras mulheres escrevem esta dissertação-diário comigo, fazem-me companhia. E, assim, assumidamente corro os riscos dos embaçamentos da convivência. Uma escrita de e com mulheres naquilo que lhes é latejante, lembrando que não somente a dor lateja, há outras pulsações nesses corpos que dançam, que se encontram e se escrevem no mundo.

...

Esta dissertação-diário se compõe e se desenha em cinco capítulos que se espalham como água e se tramam feito teia.

O primeiro capítulo, Introdução: Olho d'água ou sobre o escoamento de forças de vida, apresento e introduzo os lugares que habitei e habito em todo o processo da pesquisa, trago algumas perspectivas pelas e com as quais a investigação vai se constituindo, as forças que escoarão ao longo dessa construção.

No segundo capítulo, Fervedouro, compartilho e divago sobre forças manicomiais e antimanicomiais que circulam em e constroem territórios existenciais a partir dos fios históricos das construções sociais e de como se dão as articulações em torno da relação mulheres e saúde mental para também construir um entendimento de corpo e dança para a pesquisa.

O terceiro capítulo, Aguaceiro ou sobre as forças daquilo que escorre: construindo um modo de pensar a dança com as mulheres, é discutido um entendimento de corpo e dança a partir da presença desta no CAPS. Para tanto, dialoga-se com a Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2005). As mulheres e suas falas estão presentes em compartilhamentos de suas experimentações em dança, a partir das quais é tecida uma conversa entre experimentação em dança, percepção e formas de vida.

O quarto capítulo, Manguezal, abordará as possibilidades de construções de “convivencialidades” a partir das experimentações em dança no grupo. Assim, pensar os modos de estar em dança e suas articulações com ações e relações antimanicomiais e decoloniais.

No quinto capítulo, Foz: Vertiginar, escoar, desaguar, ocorre um desaguar em vários fluxos, em que se busca argumentar e discutir os vazamentos que a construção de conhecimento em dança podem assumir e se compor com outros saberes para a constituição de práticas e políticas do corpo e de “convivencialidades” em saúde mental através dos lampejos que algumas pistas encontradas nos caminhos desse pesquisar podem suscitar, abordando os processos de subjetivação em dança e a temporalidade da “escorrescência”<sup>4</sup>.

A dissertação-diário também apresenta as referências para estes percursos investigativos, com suas afluições e confluências, além dos anexos e apêndices em continuidade.

...

---

<sup>4</sup> O entendimento da expressão “escorrescência” e da temporalidade que constitui e pela qual é constituída serão desenvolvidos ao longo da dissertação.

A pesquisa apresenta como questão a relação entre corpo que dança e formas de vida no contexto da Saúde Mental. Para investigar as possíveis relações, escolhi e acreditei na abordagem qualitativa (FLICK, 2009; WELLER, PFAFF, 2013), considerando as subjetivações e os processos nos rumos investigativos, o que permite que a pesquisa se avive a cada passo no seu caminhar, sendo interpelada e interpelando o território em que acontece.

Dessa maneira, inserida em tal abordagem qualitativa, a pesquisa demanda mais tramagens em sua feitura e estabelece relações com a cartografia (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015; PASSOS, KASTRUP, TEDESCO, 2016; ROLNIK, 2016) e a revisão bibliográfica, além de construir liga com as construções reflexivas e argumentativas da produção dissertativa.

Inicialmente, este estudo se propunha a realizar uma pesquisa de campo em dois momentos. No primeiro deles, seriam realizadas entrevistas com as mulheres, seus familiares e profissionais do CAPS de modo individual. O segundo momento seria composto por encontros para dançar, nos quais seriam experimentadas proposições em dança. Importa esclarecer que a crise sanitária ocasionada pelos encontros da COVID-19 dificultou acessos e contatos, impedindo, inclusive, a realização dos encontros para dançar. Foi necessário, então, reconsiderar alguns objetivos e caminhos que vinham sendo traçados e escutar as possibilidades que foram surgindo.

Importa dizer, portanto, que esta pesquisa foi submetida à apreciação e aprovação ética na Plataforma Brasil, base nacional de registros de pesquisas envolvendo seres humanos, vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA<sup>5</sup>.

O momento das entrevistas aconteceu e as falas que nelas foram expressas estarão escrevendo junto ao longo do corpo da dissertação, como uma conversa, uma escrita de diário em que conteúdos vão emergindo e proseando. Assim, não ficarão localizadas em um capítulo específico destinado ao enfoque da pesquisa de campo, como versam manuais da pesquisa científica.

Uma pesquisa que tem como um de seus temas de reflexão e discussão o corpo que dança, que também é tema de outros campos de estudos e saber, estabelece aqui um ponto de interlocução com o campo da saúde mental, e desse modo atesta e expande as possibilidades de produção de conhecimento em dança na pesquisa acadêmica e na vida.

---

<sup>5</sup> O documento referente ao processo de apreciação e aprovação ética se encontra no Anexo D.

...

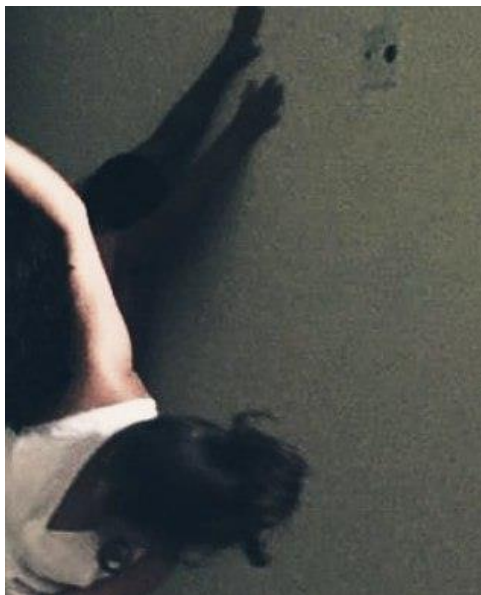
Observação: Os três pontos que aparecem em alguns momentos vêm se fazendo como tempos para respiros, alguns movimentos, espreguiçamentos, um olhar pela janela, alguns passos e/ou um gole d'água.

...

## 2. FERVEDOURO

Uma imagem

**Figura 1:** Dança camuflada em água



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Mover com. E um entremear de forças. Gotículas de água se juntando.

Dança se camufla em água e “escorrescências” acontecem pelos corpos, que se continuam e descontinuam um com outros sendo vislumbres de aguaceiro por se formar. Dança camuflada em “água pra vaziar a vida”<sup>6</sup>.

...

Uma segunda imagem, em palavras

Há no subterrâneo, fios de vida. Estes fios não estão escondidos esperando para serem desvelados e revelados. Eles habitam um território próprio e estão em comunicação com fios de vida no sobre terra, construindo “convivencialidades” e formas de viver em interdependência, que se alteram nessa própria “convivencialidade”, que por sua vez, já se torna outra a partir dos encontros permeáveis. Uma infiltração e um vazamento.

---

<sup>6</sup> A expressão “água pra vaziar a vida” faz parte da letra da música Água, de Djavan, no álbum intitulado Djavan do ano de 1978.

...

Existe um acontecimento no Jalapão, Tocantins, chamado fervedouro. As águas descem em chuvas e se infiltram por entre areias finas, constituindo uma fonte de águas subterrâneas. Essas mesmas águas também se espalham no sobre terra, formando um poço de águas transparentes. Nessa região de encontro e porosidade, os gases que circulam exercem uma força e pressão que impedem objetos e seres afundarem, um fenômeno que também é conhecido como ressurgência das águas. Logo ao redor, se forma uma vegetação singular às combinações mesmas que se compõem no lugar. Um fervedouro é, portanto, essa potência de vida que se faz no encontro, uma espécie de avivamento das existências e dos existentes que fervem em “convivencialidade”.

A presença das águas nesse processo de pesquisa e escrita chegou sem avisar, como aquela chuva que cai em meio a um dia ensolarado em que ninguém está atento aos seus sinais ou esperando por ela, mas que molha e deixa seus rastros. Em muitos momentos, tentei me esquivar desse modo de estar água, pensando que poderia se tornar escorregadio em compreensões e construções acadêmicas.

Porém, a quase todo instante, imagens e sensações aquosas se presentificavam, criando um caminho próprio de escoamentos para as muitas vertentes de pensamentos e ações científicas, como se tal estado de aquosidade possibilitasse a respiração, a circulação de gases, dos movimentos da pesquisa. Decidi, então, deixar-me ser água.

Hoje, enquanto escrevo estas palavras, sinto que essa aquosidade possa ser um estado de dança, permitindo relações próprias na articulação, circulação e compreensão dos atos de pesquisar em dança, que seriam outras se fosse um estado de qualquer outra coisa. A dança se torna a própria água e a água se faz dança na pesquisa, possibilitando composições de experiências e conhecimentos.

Quando sinto o mundo das águas, percebo-me em interrelações que se combinam, compondo teias de contaminação de formas de vida e, por conseguinte, de maneiras de estar na vida. No instante em que me percebo sentindo-o, sinto as águas de meu corpo como se fossem rios e cachoeiras, em seus fluxos móveis e moventes, em suas relações com os ritmos e intensidades, no contínuo de desmanchar-me e fazer-me em movimento. Às vezes, jorro. Às vezes, pingo. Outras, desaguio.

Falo, mais uma vez, de onde e como estou para poder falar, escrever e dançar com quem me encontro ao longo deste processo de pesquisar. Trago para mais perto a primeira imagem,

que abre este capítulo. E, assim, conto agora as histórias constituidoras e avivadoras desta imagem.

## 2.1 AS FORÇAS DA EFERVESCÊNCIA: COMPARTILHAMENTOS E DIVAGAÇÕES SOBRE AS ARTICULAÇÕES QUE CONSTITUEM O MANICOMIAL, O ANTIMANICOMIAL E A CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS

...

Era uma sexta-feira à tarde. Os encontros para dançar e falar da vida aconteciam toda sexta, entre 14h e 16h. Às vezes, passava um pouco, mas isso não era muito desejado, pois elas precisavam pegar ônibus para voltar para casa e moravam longe. Elas não gostavam, pois podia demorar e os caminhos se tornarem mais perigosos. Quando esse encontro aconteceu, já estávamos juntas há aproximadamente um ano.

Não nos conhecíamos antes disso. Foi no CAPS, da Secretaria Regional III, em Fortaleza, quando fui trabalhar na função de psicóloga, em que o grupo foi se construindo. Não existia, no período, um grupo que vivenciasse, enquanto via comum, propostas de ações em dança e movimento.

Havia uma coordenadora, na época, que pensava em formar um grupo que trouxesse proposta de expressão corporal. Como eu estava observando e refletindo sobre a invisibilização e as tentativas de silenciamento dos corpos pela medicalização e moralização naquele espaço de saúde mental, resolvi aproveitar o canal aberto pela coordenadora e propor um grupo com dança.

Outras questões, no entanto, emergiram: eu não tinha uma formação superior em dança<sup>7</sup>, mesmo dançando e tendo feito cursos técnicos, realizando uma formação em técnicas de educação somática<sup>8</sup>, eu poderia propor um grupo de dança e movimento? Não esperei encontrar a resposta para seguir com aquilo que latejava em meu corpo.

Encontrei uma colega parceira, enfermeira, que estava disposta e curiosa para essa nova construção, pois segundo alguns entendimentos sobre facilitação de grupos e acordos entre as

---

<sup>7</sup> Durante o mestrado, comecei o Curso de Licenciatura em Dança na UFBA.

<sup>8</sup> Realizei a Formação em Técnicas de Educação Somática pelo Núcleo Oito Educação Somática, ministrada por Débora Bolsanello e Clarissa Guaraná. A formação se baseia nas pesquisas e trabalhos desenvolvidos por fisioterapeutas e educadores como Godelieve Denys-Struyf, Françoise Mézières, Suzanne Piret, Sylvie Boë, Marie Madeleine Béziers, Philippe Campignon, entre outros.

e os profissionais da equipe do serviço, não era considerado interessante que um grupo fosse facilitado por apenas uma profissional.

Estudamos, planejamos e conhecemos o que cada uma estava disposta a investir em termos de presença e como cada uma poderia ir compondo este grupo. Compartilhamos a proposta nas reuniões de equipe para os outros profissionais e, em paralelo, para as pessoas que faziam acompanhamento no CAPS e seus familiares. As pessoas que se interessassem poderiam comunicar seu desejo e se inscrever na coordenação do equipamento ou com uma das profissionais facilitadoras do grupo.

O CAPS não apresentava uma grande variedade de salas para as propostas grupais. Precisamos negociar em termos de horários e espaço, já que aconteciam outros grupos no serviço. Conseguimos apenas uma sala pequena e resolvemos, então, que o grupo seria constituído por apenas seis pessoas, para que o espaço físico disponível não ficasse desconfortável.

O que havíamos decidido para um início era o horário do grupo, a sala disponível, a quantidade de pessoas, modo de inserção, a fundamentação e metodologia. O que aconteceria, se o grupo se firmaria ou não, não tínhamos como garantir e nem era nossa intenção. O que viria a acontecer, aconteceria nos e dos próprios encontros.

As propostas para o grupo estavam pautadas em promover experimentações com o corpo em movimento, com o objetivo de facilitar processos de (re)conhecimento das próprias experiências de corpo e as decorrentes construções sobre ele, como se constituem no mundo e se relacionam com a percepção de si e do outro em seus contextos e territórios de circulação e de vida, (re)construindo suas histórias.

Nessa perspectiva, o grupo possuiria alguns momentos em que, inicialmente, houvesse um tempo para conversarmos, falarmos sobre o que fervia no momento. Depois, um momento com técnicas de educação somática baseada no método G.D.S.<sup>9</sup> e com utilização de objetos como bolas de tênis e de espuma, *aqua* tubos, entre outros.

Em seguida, haveria as ações propositivas para experimentações em dança<sup>10</sup>. Finalizaríamos com o que emergisse e quisesse ser compartilhado num caminho de fechamento

---

<sup>9</sup> O método G.D.S. de Cadeias Musculares e Articulares, que leva o nome de Godelieve Denys-Struyf, precursora do método, diplomada em fisioterapia e osteopatia, é compreendido como uma prática de educação somática que, por sua vez, é um campo de conhecimento prático-teórico formado por métodos que apresentam intervenções que investem no movimento do corpo (BOLSANELLO, 2016). O método G.D.S. propõe exercícios com o corpo considerando o papel das cadeias musculares e articulares na constituição de organizações de estruturas do corpo para os movimentos, posturas, gestos (DENYS-STRUYF, 1995).

<sup>10</sup> No capítulo 2, serão apresentadas e dialogadas a concepção e as articulações relativas à experimentação em dança na pesquisa.

enraizante do encontro. Após o grupo, seria servido um lanche, algo habitual e constitutivo do cotidiano dos grupos no CAPS.

Comecei, então, uma certa arqueologia na busca por possíveis materiais existentes no equipamento que estivessem disponíveis para os trabalhos em grupo. Encontrei colchonetes, bolas de borracha, *aqua* tubo e bambolês. Eu levava equipamentos de som pessoal e outros elementos que foram utilizados nos encontros e processos de experimentação.

Essa seria a metodologia assentadora dos encontros. A intenção era uma metodologia que fosse uma espécie de articulação, uma metodologia como uma possibilidade de fazer mover, de movimento. Portanto, estaria aberta aos (des)alinhavos que aparecessem nos percursos, e não uma metodologia já fechada em procedimentos. Uma metodologia que não estava pronta e que foi se construindo com a escuta do que emergia entre nós, em que houvesse tempo e espaço para realizar práticas de disponibilização do corpo ao movimento, ações em dança e para compartilharmos nossas experimentações no grupo e na vida.

Ela foi apresentada no primeiro dia de encontro, em que apareceram mais pessoas do que o limite que havíamos estabelecido. Percebemos que, como seria o dia de primeiro contato, apresentações e explanações, aquelas pessoas tinham o direito de expressarem o seu desejo de estarem ali.

Perguntas sobre como seria essa dança, que dança era essa, se é verdade que a pessoa se sente mais feliz quando dança, se a dança vai ajudar a pessoa a se curar e a parar de tomar remédios, se vai ajudar a dormir melhor, se quem nunca fez aula de dança pode fazer, se a pessoa for “dura” pode fazer, e se a pessoa estiver “em crise” pode fazer, entre outras, emergiram nesse primeiro encontro.

Pauso, então, essa contação para compartilhar os caminhos flutuantes e divagatórios pelos quais fui levada por essas perguntas.

...

Territórios.

Elementos, combinações, composições. Mundo invisível e existente. Chão concreto. Águas correntes. Ar circulante. Como aqueles corpos, como este corpo. Como o próprio CAPS.

Território é uma palavra-conceito bastante utilizada e pronunciada nas políticas públicas de saúde. Lembro, em primeiro relance, de Milton Santos<sup>11</sup> (1926-2001) e sua geografia

---

<sup>11</sup> Milton Santos é um geógrafo, cientista, escritor, professor universitário brasileiro, negro que fomentou novas perspectivas na geografia desenvolvida no Brasil na década de 1970.

abridora de vãos para compreensão de modos de viver. “O território é lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, p.13, 2011).

Peço licença a Milton Santos (1926-2001) apenas para alterar a utilização da palavra homem como conceito universal, representativo e includente das mulheres. Isso não cabe nesta pesquisa. Mas sigo com a consideração de território enquanto lugar de “exercício da vida” (SANTOS, 2011, p. 14). Deste modo, me aproximo dessa conceituação de território na geografia desenvolvida por Milton Santos (1926-2001), para trazê-la para perto, com todo respeito e dignidade, e com certa ousadia e responsabilidade para construções de conhecimentos. Aproximar às perguntas que foram feitas no primeiro dia de encontro do grupo, ressaltando a compreensão de território para além de sua dimensão física, mas também em seus fluxos, dinâmicas e relações sociais, biopolíticas, culturais e históricas.

Começo, então, a pensar vários territórios que se encontram, cruzam-se, tramam-se, criando um território plural e comum, com característica de fervedouro. CAPS enquanto território, grupo enquanto território, corpos enquanto territórios. E a própria dança enquanto território. Territórios aquosos, permeáveis e moventes.

...

Conhecer e compreender a história de constituição deste e dos outros Centros de Atenção Psicossocial do país não é tarefa almejada e possível para esta pesquisa. No entanto, é necessário conhecer as condições de possibilidade de construção destes equipamentos de saúde pública para conjecturar as forças e pressões atuantes que circulam e compõem esse território específico e localizado, que é o CAPS da Regional III, em Fortaleza. E, principalmente, para escutar as vozes e os silêncios dos corpos que realizam nele a sua existência.

É importante dizer que, ao flutuar nesta construção de um CAPS enquanto território, não intenciono construí-lo como único território possível de existência para as mulheres construtoras da pesquisa, o que seria, em certo nível, uma compreensão de institucionalização de suas vidas.

Ao contrário, intenciono pensá-lo como território em relação a outros territórios para a construção de ações antimanicomiais nele e para além dele. Deste modo, CAPS território, Grupo território, Corpos territórios como territórios que coexistem, cruzam-se, interpelam-se, convocam-se, questionam-se, afetam-se e se coproduzem, em interdependência com outros

territórios, como a Regional em que se localiza e a própria cidade. Territorialidades múltiplas, diversas, complexas e interdependentes.

Realizo, portanto, deslocamentos e aproximações de entendimentos de áreas de conhecimento. A partir disso, quando se compreende que o território é o lugar onde ocorre o exercício da vida e onde desaguam as manifestações das existências, pode-se dizer que é neste lugar que também se criam e se exercem práticas educacionais, artísticas, econômicas, de cuidado e, portanto, sociais e políticas. Um lugar também de circulação de narrativas e histórias de quem e como podem e não podem existir.

Sinto que é preciso considerar esses aspectos para não cair nos riscos das romantizações e dos idealismos para conceber e me relacionar com e nestes territórios, já que eles se fazem em relações dinâmicas com as pessoas que neles vivem e transitam, em forças que circulam e constroem “convivencialidade”. Deste modo, esta pesquisa não se interessa por qualificar os territórios, a “convivencialidade” e seus processos em termos de bem e mal, de bom ou mau, mas sim assume as implicações éticas do que se discute, (des)constrói e se vive aí.

É assim que retomo as perguntas propulsoras de tais divagações, em fluxos que se cruzam, vão, voltam e se reencontram em distintas direções: a dança vai ajudar a pessoa a se curar e a parar de tomar remédios? Vai ajudar a dormir melhor? Se a pessoa estiver “em crise” pode fazer o grupo de dança?

Tais perguntas me levam a muitas conexões de pensamentos e práticas em dança e em saúde mental, mas também a concepções que são vetores em processos de subjetivação cotidianos no CAPS. Em meio a uma trama intensa e caótica que se faz em meus pensamentos no momento em que escrevo, a ponta do fio que consigo agarrar em primeiro plano, mas não que isso signifique relações de importância e hierarquização, apenas é o que, por algum motivo, sobressai em meio ao caos dos pensamentos, são reflexões em torno das palavras e expressões curar, parar de tomar remédio, estar em crise. Isso porque, de algum modo, remete-me a construções de experimentações e experiências, de gestão de corpo, em especial, no que tange a corpos de mulheres.

Puxo os fios históricos para investigar, testemunhar e desabafar a (des)continuação de tais ideias engendradoras de experiências de mulheres em sofrimentos psicossociais. Porém, não é objetivo desta pesquisa esmiuçar os fatos históricos relativos e cruzantes à constituição de conceitos e práticas institucionais em torno do sofrimento psicossocial, à própria luta antimanicomial e reforma psiquiátrica. Além de que não sou historiadora, e talvez me perca nos caminhos de escrever histórias já narradas, sabendo que existem muitos jogos e negociatas na contação e no apagamento de histórias e narrativas.

É necessário, contudo, reavivá-los num nível a dar nome aos acontecimentos para não os esquecermos e para que se abra um campo de percepção em relação às forças que atuam e circulam historicamente nos espaços institucionais e sociais referentes à saúde mental e que criam entendimentos de corpo nestes espaços.

...

### **2.1.1 As correntes de água na efervescência: os fios históricos que se tramam na construção manicomial das vidas, das histórias de mulheres**

Cura, remédio e crise são termos comuns e cotidianos em lugares que se constituíram e se constituem como espaço de saúde, especialmente, saúde mental. O primeiro espaço destinado especificamente para lidar com as pessoas, na época, denominadas alienadas, foi o Hospício de Pedro II, criado sob o Decreto nº 82 em 18 de julho de 1841, pelo próprio Pedro II nos chamados tempos do Império, sendo inaugurado em 1852.

O primeiro hospital psiquiátrico do Brasil foi construído tendo como argumento se tratar de um lugar propício para receber os alienados que se encontravam na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e ficaria com seus serviços atrelados à Santa Casa (CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014). É preciso considerar duas implicações fundamentais associadas à criação do Hospício de Pedro II.

Uma delas é que, anos antes, com a fuga da família real portuguesa para o Brasil, trazendo a perspectiva de um progresso moderno, foi instaurada a primeira universidade no Brasil, no Rio de Janeiro, e nela a Faculdade de Medicina, fortalecendo a constituição do campo do saber médico no país. A outra implicação é decorrente da própria perspectiva de progresso moderno, a partir da qual se buscou fomentar um processo de urbanização pautado numa higienização da cidade.

Tais implicações se cruzam: o saber médico foi fundamental para o processo de higienização/urbanização, em que, no que diz respeito às ações iniciais no que se considera hoje saúde pública, buscava-se conter a disseminação de doenças infectocontagiosas, situação em que se legitimava o saber médico enquanto regulador e interventor em tais situações, contribuindo para perspectivas higienistas e eugenistas. Assim, vale ressaltar, ainda mais nos tempos atuais, que nenhuma dessas ações eram neutras, ou seja, não estavam dissociadas de interesses e perspectivas políticas da classe privilegiada da época.

Para os médicos que estiveram engajados na criação do hospício, esta instituição deveria ser construída fora dos limites urbanos e o médico deveria ter autonomia para agir sobre a loucura. Este profissional estava revestido da imagem criada pela ciência e pela própria especialização sofrida pela psiquiatria, que lhes conferiu a capacidade de falar pelo louco, agir sobre ele e curá-lo. Além disso, o hospício significava um sinal de ‘civilização’ para a cidade, pois ao ganhar uma instituição asilar, o Rio de Janeiro equiparava-se às mais modernas cidades europeias que, graças à ação de seus alienistas, possuíam hospícios grandes e bem equipados. (CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014)

Tal perspectiva se expande ou se especifica na psiquiatria, que acaba sendo desenhada pelas associações que a medicina fez com outras perspectivas constitutivas do que se pretendia construir como sociedade e população (AMARANTE, 1994). Vale dizer que tanto os ideais de urbanização quanto a perspectiva médica da época em relação à loucura refletiam a grande influência e inserção de conhecimentos europeus, deste modo, o modelo em que se assentou a construção física e científica do Hospício de Pedro II se fundamentava, em primeiro momento, no alienismo francês. E o que isso quer dizer?

Quando abro essa interrogação, lembro-me imediatamente do personagem médico Simão Bacamarte em *O Alienista*, de Machado de Assis, investido em seus paramentos e suas sustentações sociais. Um homem rico, branco, de sobrenome tradicional, com formação universitária médica e moral, que lhe garantia a condição exclusiva para definir, classificar e intervir nas experiências da loucura, criando, com o aval e investimento governamental, a Casa Verde, uma instituição asilar para onde ele encaminharia, a partir de seus critérios, todas as pessoas que considerasse alienadas.

Isso diz, portanto, que a centralidade dos modos de lidar com a loucura e sofrimento psicossocial está fundamentada no isolamento social, reunindo todas as pessoas denominadas alienadas em instituição asilar, constituindo um processo de institucionalização da loucura, e para isso, criando definições referenciais sobre o que seria a loucura, suas causas e seus tratamentos.

A presença do alienista/médico enquanto autoridade principal neste tipo de instituição, legitima-a e fortalece a necessidade de sua existência, tanto como das práticas desenvolvidas nela, assim, capaz de conceber e conceder estados de adoecimento, crise e cura. Um saber que vai se alastrando socialmente, construindo e reproduzindo uma série de sentidos e estigmas sociais.

No período de transição do regime republicano no país, o Hospício de Pedro II passou a ser chamado Hospício Nacional de Alienados, deixando de estar dependente e sob a administração da Santa Casa de Misericórdia, passando a ficar subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. No entanto, essa mudança não se deu sem interesses da própria

classe médica, que buscava cada vez mais se estabelecer em sua autoridade científica positivista.

Da criação do Hospício de Pedro II até a Proclamação da República, os médicos não poupam críticas ao hospício, excluídos que estavam de sua direção e inconformados com a ausência de um projeto assistencial científico. Reivindicam o poder institucional que se encontra nas mãos da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, assim como da Igreja, com a ativa participação da Irmandade de São Vicente, pertencentes aos setores mais conservadores do Clero (AMARANTE, 1994, p. 85).

A instituição foi se tornando superlotada e denunciava seus moldes absolutistas, contrários aos ideários liberais e republicanos que vigoravam no período e que eram defendidos pelos próprios psiquiatras, apontando para as limitações do projeto alienista em vigor. Essas limitações não dizem respeito apenas às restrições de espaço físico, mas refletem os processos de medicalização social, institucionalização e moralização das vidas das pessoas consideradas loucas, as forças que vão desenhando as concepções e ações em torno das vidas dessas pessoas e quem eram e de onde vinham essas pessoas na época. É importante dizer, assim, que os critérios de classificação, entendimento e determinação do que seria loucura vão se modificando segundo os momentos históricos e as forças que se articulam na geração de tais critérios.

Nos períodos de transição entre Império e primeiras décadas da República, o campo da psiquiatria estava em busca de maior influência, reconhecimento e consideração na sociedade que ia se constituindo na época. Período marcado também por um recente término da escravidão e um crescente processo de industrialização.

Uma sociedade que estava sendo almejada por uma elite que se baseava em articulações entre o saber médico e psiquiátrico, ações policialescas, moral religiosa e ideários republicanos para alcançar os parâmetros do que considerava modernização, urbanização e civilização. Havia, assim, um projeto político para a construção de uma sociedade em ação. Essas informações são de extrema importância para compreender sobre quem cairão as classificações, intervenções e os estigmas concernentes à loucura.

Com a superlotação no Hospital Nacional de Alienados, iniciou-se a criação de colônias que “tinham como finalidade tentar resolver os problemas causados pela superlotação do Hospício, além de oferecer uma forma de tratamento voltada para atividades laborais agrícolas, que caracterizava o modelo de colônias de alienados” (CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

As colônias estavam baseadas, mais uma vez, em ideias e experiências europeias, uma tentativa de copia e cola pautada numa valorização e hierarquização de saberes tipicamente

colonial. Deste modo, partiu-se de um modelo belga e se baseava na convivência da pessoa considerada louca e da comunidade, tanto em ambientes de casa quanto de trabalho (AMARANTE, 1994).

Há nessa ideia uma consideração que se torna central, juntamente à medicalização, nas concepções acerca das terapêuticas: o trabalho enquanto elemento fundamental nas propostas de cuidado nas colônias. Como já dito anteriormente, circulavam os ideários republicanos e a formação de uma classe burguesa que tinha como um de seus pilares constitutivos o trabalho.

As colônias se situavam afastadas do que era considerado perímetro urbano e sua ideologia sustentadora era que o trabalho tinha função e objetivo terapêutico, aspectos defendidos e nutridos por renomados psiquiatras da época. A psiquiatria, nesse momento, já estava atravessada por outras influências além do alienismo francês, como a psiquiatria alemã, que apresentava concepções em torno da loucura, já considerada doença mental, fundamentadas primordialmente na biologia.

Existiam fortes articulações dos conhecimentos psiquiátricos baseados na biologia com questões de gênero, raça e classe, constituindo práticas eugenistas na contribuição da construção da mencionada sociedade. As práticas do período, por conseguinte, estavam a serviço do higienismo social propagado pela elite e pelo Estado.

As colônias, na verdade, também funcionavam como ação econômica para o Estado e refletia uma concepção que não se aplicava a todas as pessoas ali. Era destinada às mulheres e aos homens considerados indigentes. O caráter de indigência estava associado à condição de quem não podia pagar pelo tratamento e que, portanto, deveria trabalhar em atividades propostas, como agricultura.

No cotidiano do Hospício de Pedro II, existiam os espaços para as pessoas consideradas de primeira, segunda e terceira classe e as pessoas denominadas indigentes de acordo com sua condição social e econômica, o que, por conseguinte, influenciava na terapêutica definida pelos médicos. Esse aspecto é de extrema relevância para a determinação de quem seriam as pessoas transferidas para as colônias.

Nesse contexto, em 1911, foi criada uma colônia exclusiva para mulheres, Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, que vinham transferidas da ala de mulheres indigentes do Hospital Nacional de Alienados, a ala Esquirol. Quando a Colônia de Alienadas foi criada, duas outras colônias para homens indigentes já haviam sido construídas, São Bento e Conde de Mesquita (AMARANTE, 1994).

Quem eram essas mulheres consideradas indigentes alienadas? Quais forças se lançam e se cruzam para gerar tais demarcações e destinações de modos de vida? Muitas das mulheres

que chegavam ao Hospital e, posteriormente, à Colônia, eram levadas por funcionários da polícia (VALENTIM, MARTINS, MARTINS, FREITAS, 2019, p 48), refletindo a comunhão do saber médico, da vigilância policialesca, punição jurídica e da moralização higienista social na constituição de possibilidades existenciais e modos de vida em sociedade.

Em termos conceituais, os atravessamentos de gênero, raça e classe e as questões relativas à medicalização e manicomialização não eram assim definidos e considerados na época, contudo, estavam ali, nas tramagens manicomiais de controle social, além de demonstrar também uma relação misturada do então chamado tratamento, com punição e ordem social.

...

Barbacena, Minas Gerais. É preciso escancarar essa história recente.

Hospital Colônia de Barbacena, século XX. Higienização moral com perspectiva de intervenção preventiva eugenista. Vidas foram julgadas e punidas ali. Vidas foram relegadas à morte ali. O sangue respinga no hoje.

Seus muros excluía em dupla direção: o que não podia estar fora e o que não podia estar dentro. Muros distantes levantados por poderes do saber psiquiátrico e do Estado no exercício de controle e ordem social a eles atrelados. A Colônia de Barbacena, assim como outros hospitais colônias no Brasil, tinha o trabalho como terapêutica, criando um sentido moral para ele e respondendo a valores e práticas sociais hegemônicas de gestão de corpos.

Os negócios com os internos não se restringiam à exploração da força de trabalho. Firmino (1982) aponta que o hospital foi o principal fornecedor de cadáveres para as faculdades de medicina. Em 1971, deputados mineiros denunciaram na Assembleia Legislativa o comércio de cadáveres entre o Hospital de Barbacena e as Faculdades de Medicina de todo o país. A única medida efetiva tomada foi o cancelamento dos convênios entre as faculdades e o hospital e a criação de um convênio no qual os cadáveres eram permutados por medicamentos, alimentos e roupas para os internos (NETO, DUNKER, 2017, p. 960).

Muitos não sabem e não querem saber sobre as histórias da constituição e perpetuação dos hospitais psiquiátricos e os engendramentos em seu estabelecimento como lugar primeiro e hegemônico de “tratamento” da loucura no Brasil. Pouco se fala e se procura conhecer sobre as histórias de vida de pessoas que foram reduzidas aos manicômios, refletindo o silêncio social de um país que matou mais de 60 mil pessoas apenas em Barbacena. A violência e a indignidade em Barbacena eram expressas em fome, frio, esgoto como fonte de água, agressão física, torturas, entre tantas outras.

Trago aqui apenas um apontamento de um dos maiores hospitais colônias do Brasil, que recebia pessoas de vários lugares do país (pessoas de diferentes fases etárias, incluindo a infância, homossexuais, mulheres que não correspondiam às determinações sociais, pobres, perseguidos políticos, entre tantas outras) e que era tida como exemplo para outras colônias.

É possível encontrar, hoje, artigos, livros, séries que escancaram, em diferentes níveis de complexidade na abordagem, a existência da colônia de Barbacena e suas relações com os setores sociais no tempo em que existiu e também com a reforma psiquiátrica e luta antimanicomial na atualidade. Várias lutas de forças.

...

Lembro-me de Stela do Patrocínio, mulher negra, solteira, trabalhava como empregada doméstica e que foi levada em 1962, aos 21 anos, para o então Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, sendo enviada, em 1966, para a Colônia Juliano Moreira, de onde nunca mais saiu. Stela do Patrocínio viveu na colônia por quase trinta anos.

“...carreguem ela’, deu ordem, ‘carreguem ela’, na ambulância, ‘carreguem ela’, carregaram, me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital”. Essa fala é de Stela do Patrocínio, gravada em fita cassete. Suas falas foram organizadas por Viviane Mosé (2001) e publicadas no livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, de Stela do Patrocínio. As informações acima são oriundas do livro.

...

As mulheres que chegavam como indigentes ao Hospício Nacional de Alienados eram percebidas como não circunscritas aos marcadores que determinavam o que era ser mulher e seus modos de viver na época, ou seja, por marcadores que conceituavam mulheres de modo universal, o que significa considerar mulher como unicidade, referência única para mulheres.

Além de que, considerando as premissas eugenistas e higienistas da ciência médico-psiquiátrica de então, é possível inferir que a própria conceituação universal de mulher circulante nesse meio estava pautada numa perspectiva fenotípica e em papéis sociais decorrentes de se nascer com vagina. Tal perspectiva continua pautando e ainda circula em muitos espaços e relações sociais, inclusive, em saúde mental.

Portanto, para além da colonização enquanto período histórico colonialista, o colonialismo, quando o Brasil tinha sua configuração político-econômico-administrativa como colônia estabelecida em relações de dominação, exploração e genocídios concernentes à invasão e apropriação de seu território, seguiu-se, em colonialidade, infiltrações e dominações das construções sociais, políticas, científicas.

É importante dizer que a colonialidade é a lógica de funcionamento do colonialismo. Todavia, a colonialidade não finda com o período histórico da colonização. Ela é mais duradoura e se infiltra nas relações subjetivas e objetivas das pessoas com o mundo. Segundo Quijano (2010), “A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social quotidiana e da escala societal” (QUIJANO, 2010, p. 84).

O que leva a dizer que a colonialidade reflete relações específicas do poder sobre o ser e o saber, catalogando-os arbitrariamente em termos hierárquicos e criando padrões para universalizar aqueles que sustentam o poder capitalista. A colonialidade age sobre as formas de vida. A partir dessas considerações, pode-se observar formas de existir, em dimensões como o trabalho, sexualidade e gênero, hierarquizadas e universalizadas sendo utilizadas como critério de ordenamento social e classificação médica.

Entretanto, no que se refere ao contexto das mulheres, da internação nas colônias e dos consequentes tratamentos, o critério universalizado era utilizado segundo as conveniências em questão, já que existia “a mulher” como norma e normalização de comportamentos, contudo, para as conjecturações sobre as classificações diagnósticas e subsequentes terapêuticas, a diversidade de mulheres aparecia. O que quer dizer que havia diferença nas determinações diagnósticas e proposições dos chamados tratamentos para mulheres negras, mulheres pobres, mulheres nordestinas, mulheres trabalhadoras, mulheres brancas, mulheres ricas, mulheres trans, entre tantas outras e, muitas vezes, várias delas ao mesmo tempo.

Há aí, nas práticas cotidianas das construções sociais e relacionais, os entrecruzamentos de gênero, raça, classe, sexualidade, etariedade, que aconteciam e se tramavam diferenciando mulheres e suas experiências no tempo no que se refere à loucura/alienação mental/doença mental. Tais entrecruzamentos apresentam sua importância pois eles se tornam lugares de existências e, dependendo do lugar em que se está e de onde se vem, uma série de conceituações, determinações e intervenções serão decididas em detrimento de outras.

As mulheres consideradas indigentes na ala Esquirol do Hospício Nacional e que foram transferidas para a Colônia, por exemplo, eram mulheres pobres, trabalhadoras, negras e, muitas vezes, sustentadoras de suas famílias, não constituindo, assim, o modelo burguês de família nuclear.

Além das relações conjugais mais flexíveis, quando não inexistentes, as mulheres das camadas mais pobres também se diferenciavam por conta dos trabalhos que exerciam. Para manutenção de sua existência, realizavam os serviços de quitandeira, lavadeira, doceira, cozinheira, parteira, entre tantos outros. Esses serviços, entretanto, não eram reconhecidos pelo Estado e, mais do que isso, eram perseguidos e muitas das vezes proibidos em nome da higienização e da modernização do espaço público (VALENTIM, MARTINS, MARTINS, FREITAS, 2019, p 52).

Atualmente, em contextos neoliberais com ideologias e valores forjados por bancos e outras empresas, esfacelamentos de direitos dignos de trabalho e ausência de garantias mínimas de sobrevivência, esses trabalhos são inflados com as falácias sedutoras do empreendedorismo. O capitalismo gera soluções capitalistas para os problemas que ele mesmo cria, o que se estende para sua roupagem neoliberal.

Essa questão do trabalho não é insignificante, pois é em torno dela que se constrói toda uma ética de subjetivações e existências produtivas e reprodutivas. A Arte e a Saúde Mental não deixam de receber as vazantes das forças da produtividade, utilidade e funcionabilidade capitalista. Mas isso nem sempre se dá de modo explícito e vem imbricado com interesses que distorcem e capturam desejos.

A partir dessas reflexões, trabalhos que eram realizados por mulheres pobres e que não eram reconhecidos socialmente e nem pelo Estado nas primeiras décadas da república, mas que, contraditória e descaradamente, eram considerados fundamentais e constituintes do que se chamava tratamento dentro da Colônia, em que as mulheres eram “direcionadas para atividades de agricultura, avicultura, colchoaria, cozinha, entre outras” (VALENTIM, MARTINS, MARTINS, FREITAS, 2019, p 52).

As mulheres que iam ser internadas eram examinadas em suas falas, gestos e constituição corporal como crânio, orelhas, nariz, mandíbula, entre outras, eram observadas e analisadas, na verdade, inspecionadas, buscando-se nelas sinais catalogados médica e moralmente que legitimassem o isolamento e a internação. Perspectivas influenciadas pelas

ideias eugenistas e estigmatizadoras de Cesare Lombroso<sup>12</sup> (1835-1909) e Nina Rodrigues<sup>13</sup> (1862-1906).

Defendido por alienistas como Henrique Roxo, o exame das características físicas permitiria diagnosticar moléstias mentais e identificar traços de degenerescência do indivíduo. Na internação, esse exame deveria ser sucedido de um criterioso interrogatório sobre as condições morais e materiais do paciente, bem como das condições de sua infância e sobre a educação que recebera. Da mesma maneira, pode ser interpretada a presença das fotografias nos prontuários: como um provável instrumento de exame da formação facial e do crânio, já que o registro não incluía todo o corpo, apenas o busto (VELENTIM, MARTINS, MARTINS, FREITAS, 2019, p. 48).

...

O Rio de Janeiro, na época, era capital do país e o modo como acontecia a tentativa de copia e cola da Europa para o Brasil, também acontecia do Rio de Janeiro para outras regiões. Dessa forma, Fortaleza, enquanto capital da então província do Ceará, copiava as ideias acerca de urbanização e modernização dos espaços da cidade.

Uma colonização dentro de outra, uma colonialidade dentro de outra. A colonialidade se reproduz em condições hierárquicas na construção de conhecimentos e ideais desejáveis, ideais para serem desejados, manipulando a produção de desejos, mas mais ainda aqueles que podem desejar seus ideais. Assim, ela vendeu que a cidade urbana era lugar de novas oportunidades e de progresso, mas sequer suportou que a população mais pobre e/ou mais negra e/ou mais sertaneja buscasse alcançar os ideais por ela falsamente vendidos.

Em 1886, é construído o Asilo São Vicente de Paula, como pertencente a Fortaleza, mesmo estando, na época, em uma espacialidade considerada município vizinho e chamado de Arronches, um território que, anteriormente, era chamado de Porangaba pelos habitantes originários indígenas e, hoje, é um bairro de Fortaleza denominado Parangaba (OLIVEIRA, 2009). Essa região, de acordo com delimitações geográficas e políticas do período, era distanciada do centro urbano e de sua administração. Ficava nos limites que conectavam a capital litorânea e o sertão.

Como o Hospício de Pedro II, o Asilo também é criado em associação à Santa Casa de Misericórdia, que era provida em grande parte pela elite de Fortaleza. Havia uma associação

---

<sup>12</sup> Cesare Lombroso foi um psiquiatra, higienista e criminologista italiano que, no século XIX, desenvolveu uma teoria em criminologia pautada no reconhecimento de características físicas e biológicas como determinadoras na constituição do perfil de um criminoso, construindo uma etiologia do crime. Sua teoria era racista, machista e classista.

<sup>13</sup> Nina Rodrigues foi um médico racista e eugenista brasileiro. Compartilhava das ideias de Cesare Lombroso.

entre médicos, provedores com cargos militares, que eram da elite, o restante das famílias elitistas e a Igreja Católica na constituição das concepções e práticas referentes à invenção da loucura na região.

Contudo, diferente do que aconteceu no Hospício de Pedro II, “No Ceará, não apenas não há registro de conflitos entre os poderes médicos e religiosos, como a Igreja Católica – através das Irmandades – possuía maior poder que a própria figura do médico” (OLIVEIRA, 2009, p 88).

O que acontece, mais uma vez, tratando-se de um projeto de construção de uma sociedade, são engendramentos de forças provenientes de setores sociais diferentes que se coadunam para (des)legitimar quem pode e não pode fazer parte dessa mesma sociedade.

A Fortaleza da década de 1880 inseria-se no ideário de modernidade e civilização, apresentava sinais de promissora expansão econômica e necessitava normatizar a vida de seus moradores. Dessa forma, as elites não aceitavam mais que loucos ou alienados vagueassem pelas ruas de Fortaleza ou que permanecessem alojados nas cadeias públicas e na Santa Casa sem tratamento adequado (OLIVEIRA, 2012).

São os considerados indigentes, portanto, que vão parar no Asilo São Vicente de Paula. Segundo Oliveira (2012), em pesquisa realizada a partir de registros documentados no Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paulo, como é chamado na atualidade, ele existe e continua pertencente à Santa Casa, as primeiras pessoas a serem levadas ao Asilo foram “nove presos indigentes que estavam detidos na cadeia pública de Fortaleza” (OLIVEIRA, 2012).

Observa-se, a partir do trabalho de historiografia da autora, que o Asilo foi compartimentado de acordo com proveniência de classe, em que a minoria, no período final do século XIX e inicial do século XX, era pensionista e a maioria era composta por pessoas pobres e sem registros de laços familiares e parentesco e de moradia. Também havia a consideração de sexo biológico entre homens e mulheres, estas sendo maioria, durante todo o período estudado pela autora, na institucionalização e no asilamento.

Na constituição histórica das concepções e práticas em torno da loucura nessas e em outras localidades do país, não há como não reconhecer que tais entendimentos foram sendo construídos a partir de articulações entre pobreza e loucura, forças que existem e atuam ainda hoje em ações manicomiais nos diversos campos opressivos das cidades. E isso, de algum modo, leva-me a aproximar o pensamento das questões constitutivas da invenção do Brasil, já que ele não existia e precisou ser inventado.

Todos esses processos me fazem flutuar por histórias que foram contadas como oficiais e que, na verdade, tentam dissimular a quantidade de sangue derramado, de peles rasgadas,

existências e modos de vida esfaçalhados e mortos na busca de fundar uma sociedade padrão europeu. Um dos perigos do pensamento colonial é que ele cria uma história única sobre qualquer ser e qualquer coisa, como diria Chimamanda Ngozi Adichie<sup>14</sup>, em seu livro *O perigo de uma história única* (2019). É preciso escutar e narrar outras histórias. Reavivar as nossas águas.

...

Por conseguinte, reavivar esse ponto histórico, que é a invenção de determinadas instituições, como o manicômio, é não deixar de lembrar que seu nascimento está mergulhado em um tipo de racionalidade moderna que isola para explicar, controlar e intervir sobre um ser objetificado, criando imagens estigmatizadas, segregações convivenciais e sendo linhas de subjetivação, ou seja, possibilitando que modos de existir predominem sobre outras possibilidades, e até sobre o desejo, de existência, o que engendra tramas entre concepções e intervenções pautadas em categorizações, classificações, hierarquizações, dominações e opressões.

Esse é um dos fundamentos da lógica manicomial. Digo lógica, pois há todo um aparato conceitual e interventivo nas zonas de atenção à saúde que norteia as percepções ao nos relacionarmos com os sofrimentos psicossociais e que não se limita a tijolos, cimento e portões. Ainda há uma força infiltrada em nossas convivências, a força moderna da dominação e da colonização. Não à toa, na origem dos manicômios estão as Colônias.

O manicômio e sua lógica têm uma função de ordenamento social baseado no isolamento e na exclusão de toda existência e modo de vida que seja um vestígio de vazamento, de força de água que escorre, de força de água que desobedece a delimitações em relação a construções sociais e econômicas de uma época.

Para compreender as questões referentes à colonização e colonialidade e, por conseguinte, falar em decolonização, é preciso conhecer as forças constitutivas de tais processos e condições geradoras de modos de vida. Reforço que esta pesquisa não se propõe a esmiuçar a historiografia dos manicômios. No entanto, é necessária a contextualização histórica de alguns acontecimentos para sentir as forças que, em algum nível, atuaram neles e os engendraram e se continuam a se atualizar no presente.

---

<sup>14</sup> Chimamanda Ngozi Adichie é uma feminista e escritora nigeriana. Escreveu livros como *O perigo de uma história única* (2019), *Hibisco roxo* (2011) e *Para educar crianças feministas* (2017).

A instituição manicomial é uma organização societal, possuindo em suas veias de circulação e sustentação, discursos e práticas de vários campos de saberes, tais como, o médico, o jurídico, o do trabalho, de classe, gênero, sexualidade, raça, combinando-se e, enquanto se combinam, se tornam uma estrutura de dominação, controle, repressão, opressão, segregação e exclusão social, refletindo as tão enraizadas forças colonialistas, racistas, sexistas, classistas.

O manicômio não é resultado de toda essa tramagem, ele é a própria tramagem. É assim que ele não se limita ao espaço físico institucional, que sempre tentou iludir com ideários de cuidado e liberdade. E, por meio dessa desonestidade, se alastra e se infiltra em modos de conceber vidas em sociedade. O manicômio, portanto, é muito maior que as paredes levantadas e derrubadas para (des)contorná-lo.

As forças manicomiais podem estar circulando em muitos espaços educacionais, culturais, sociais justamente porque são tramagens, estão tramadas com forças discursivas legitimadas por distintos nichos de saber. Tais tramagens precisam ser reavivadas a cada presente e presença, pois as forças que constituem a lógica manicomial não se dão e não se combinam sempre da mesma maneira.

Elas já não aparecem necessariamente como apareciam em tempos passados. Há um constante processo de camuflagem e tramagens para a sua reprodução. Portanto, é preciso conhecer seus fios e abrir os poros para perceber como eles se enodam a cada tempo dos acontecimentos.

O que possivelmente faz a distinção do manicômio em relação a outros espaços de opressão e normalização é ter sua fundação e, por conseguinte, sua legitimação de existência pautadas na própria origem da palavra, que remete à cura. A sua implementação já vem justificada na própria palavra como lugar para ser cuidado, para ser curado.

Mas quais concepções e experiências de cura e cuidado e, por conseguinte, de vida são criadas e instauradas nessa tramagem? Uma concepção de cura higienista e eugenista, que para ser real e passível de ser vivida precisa-se extirpar do corpo tudo aquilo que seria indício de patologização definida pelas próprias forças manicomiais, extirpar tudo aquilo que se faz por outro caminho que não seja o caminho padronizado de uma catalogação universal de corpos existentes, de corpos em carne viva.

Esses pontos de história presentificados aqui são significativos para a construção do entendimento de corpo nesta pesquisa. Portanto, corpos históricos e historicizados, mas por histórias, muitas vezes, escondidas e silenciadas pela oficialidade que geralmente conta e narra as pessoas em seus acontecimentos.

Se essa ideia de cura remete necessariamente a um isolamento, como eu poderia “estar em crise” e estar em convivência grupal? O que leva à cura? Dançar cura? Todas essas perguntas são insurgências sinalizadoras da necessidade do processo de desmanicomializar nossas construções de vida e em vida.

Quando a pergunta “se eu estiver em crise eu posso vir?” é expressa, ela, como uma força dos ventos, faz mover as poeiras que cobrem ideias entulhadas, como a poeira que cobria os objetos tornados somáticos encontrados na arqueologia do que pode tocar e sensibilizar o movimento. Isso não quer dizer que se deve romantizar e/ ou desacreditar as experiências em sofrimento, mas sim sensibilizar-nos às permeabilidades a que a pergunta convoca: outras convencionaliades que não estejam pautadas na possibilidade única do isolamento sem escolha.

Cura, crise, tomar ou não remédio são concepções e ações, por toda a discussão que vem sendo realizada aqui, ideias que se dão em corpos e atravessadas por um marcador de extrema força nos nossos movimentos e processos de nos subjetivar, o trabalho e seu teor de produtividade e utilidade e, em tempos neoliberais, se ramifica em metas de desempenho e eficácia, proliferando linhas discursivas específicas e, assim, construindo um *ethos* baseado em uma ideologia do sujeito produtivo e sujeito produto, eficiente, consumidor e no prazo de validade para ser consumido, regulando nossos modos de nos concebermos e nos criarmos.

Elas me remetem aos entendimentos de cura e tratamento que se reproduzem cotidianamente em tais territórios e que acabam por engendrar normatizações e estigmatizações acerca das possibilidades de se perceber e conviver. Sinto, portanto, que é importante discorrer um pouco sobre as tramagens que vão se fazendo quando encosto minha pele nessas efervescências.

...

A questão da cura e os caminhos possíveis para ser curado é uma discussão, portanto, que se faz relevante para se mexer nas forças manicômiais, pois seria em torno dela mesma que os manicômios teriam seu lugar de renome científico, engendrador de relações existenciais, sociais e políticas, apontando para as implicações suspeitas nas construções científicas, a questão mesma da não neutralidade, que pode ser óbvia para uns, mas não para outros. Digo para ser curado, pois há aí uma autoridade em termos de saber e de pessoa atuadora para isso, portanto, relações de poder entranhadas no cotidiano das relações de cuidado em saúde.

Esta ideia é importante para a discussão de ações antimanicômiais e suas conexões com a construção de outras “convivencialidades”. Vou avivar, então, alguns entendimentos, agora,

a partir das forças e das construções antimanicomiais. Vou ressaltar alguns fios históricos antimanicomiais para um caminhar vazante.

...

## **2.1.2 As correntes de água na efervescência: antimanicomialização como movimento vazante**

Compartilho, então, um documento de extrema importância na história da luta antimanicomial no Brasil. Porque em um país com uma cultura secular de matanças, tem se tornado necessário reavivar o que pode fazer repensar as possibilidades de vidas.

### **Manifesto de Bauru**

Um desafio radicalmente novo se coloca agora para o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental. Ao ocuparmos as ruas de Bauru, na primeira manifestação pública organizada no Brasil pela extinção dos manicômios, os 350 trabalhadores de saúde mental presentes ao II Congresso Nacional dão um passo adiante na história do Movimento, marcando um novo momento na luta contra a exclusão e a discriminação.

Nossa atitude marca uma ruptura. Ao recusarmos o papel de agente da exclusão e da violência institucionalizadas, que desrespeitam os mínimos direitos da pessoa humana, inauguramos um novo compromisso. Temos claro que não basta racionalizar e modernizar os serviços nos quais trabalhamos.

O Estado que gerencia tais serviços é o mesmo que impõe e sustenta os mecanismos de exploração e de produção social da loucura e da violência. O compromisso estabelecido pela luta antimanicomial impõe uma aliança com o movimento popular e a classe trabalhadora organizada.

O manicômio é expressão de uma estrutura, presente nos diversos mecanismos de opressão desse tipo de sociedade. A opressão nas fábricas, nas instituições de adolescentes, nos cárceres, a discriminação contra negros, homossexuais, índios, mulheres. Lutar pelos direitos de cidadania dos doentes mentais significa incorporar-se à luta de todos os trabalhadores por seus direitos mínimos à saúde, justiça e melhores condições de vida.

Organizado em vários estados, o Movimento caminha agora para uma articulação nacional. Tal

articulação buscará dar conta da Organização dos Trabalhadores em Saúde Mental, aliados efetiva e sistematicamente ao movimento popular e sindical.

Contra a mercantilização da doença!

Contra a mercantilização da doença; contra uma reforma sanitária privatizante e autoritária; por uma reforma sanitária democrática e popular; pela reforma agrária e urbana; pela organização livre e independente dos trabalhadores; pelo direito à sindicalização dos serviços públicos; pelo Dia Nacional de Luta Antimanicomial em 1988!

Por uma sociedade sem manicômios!

Bauru, dezembro de 1987 - II Congresso Nacional de Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM, 1987)

...

Escolho compartilhar a Carta por completo no corpo do capítulo, porque cada palavra e expressão escrita nela tem importância para essa discussão, subtrair algo é como impedir o fluxo das águas. A Carta tem sua própria história e, hoje, possui mais de trinta anos. É considerada, historicamente, um acontecimento de demarcação para o movimento antimanicomial.

Aproveito, então, para reafirmar a importância do documento para as vidas às quais ele se refere como para toda a sociedade, por trazer compreensões sociais de modos de conviver a seu tempo. Mas também a trago para as possíveis articulações nos tempos de agora.

Conto mais uma história de encontros, de como os respingos da luta e do manifesto se cruzaram com minha história através de outro cruzamento, com a história de minha tia-avó, quando eu nem mesmo tinha dimensão do que significavam essas questões em termos científicos e políticos.

...

Um cochichado, uma conversa entremeada de risos. Palavras que eram ditas como se não pudessem ser ouvidas e, ao mesmo tempo, o quisessem. Falas sobre relacionamentos, acontecimentos, às vezes, parecia até uma fofocaria, que se alternavam em ritmos e entonações como se quisessem confundir quem ousasse escutá-las. Iam num fluxo muito próprio e pareciam não se preocupar com coerências e sentidos.

Eu ficava ali, curiosa, perto o suficiente para tentar ouvir aquela conversaria e, ao mesmo tempo, não ser notada, numa tentativa de ser imperceptível, mas principalmente, numa pactuação inconsciente de não invadir e perturbar aquele espaço tão dela. Ela tinha suas próprias vozes. Gostava de tocar e olhar os brincos, os colares, os relógios das mulheres enfeitadas que chegavam à nossa casa. Tocava de um modo a quase não soltar, como se revelasse a vontade de enfeitar a si. Dependendo de quem fosse, algum constrangimento era sentido no ar, dissimulado por “vá desculpando” ou por “não tem problema”. Ela simplesmente soltava, após escutar um “Titia, tá bom. Solte!”, passava a mão em seu fino e grisalho cabelo, dava seus risos, iniciava sua conversa cochichada e ia buscar um lugar para ela.

Minha avó, minhas tias e minha mãe, especialmente minha mãe, dedicaram muito de suas vidas a cuidar dela. Um cuidado dentro, cotidiano. Ela nunca foi escondida, excluída,

expulsa. É verdade que ela sofreu várias violências e exclusões antes de ir morar na casa de minha avó.

Quando nasci, ela já estava lá. Perguntei algumas vezes à minha mãe e às minhas tias sobre a história de tia Fransquinha antes de estar ali conosco. Pouco me foi contado. Praticamente, as mesmas informações. Algumas contadas com raiva no semblante pelos maus tratos que lhe fizeram, ex-marido e irmãos. Minha mãe dizia: “Essa nossa tia já sofreu demais. Mas tá bom. Não gosto nem de falar disso”.

Gesticulava e seus gestos possuíam uma autocondução. Ela gostava de cantar e dançar. Quando dançava e cantava “Neném, neném, neném, o que aconteceu? Tão todos te querendo. Vem cá ficar mais eu, oh! Neném, neném, neném, eu te dou meu coração...”, fazia seus movimentos e quem passasse próximo e fosse percebido era convocado a dançar junto, ela segurava pelo braço a pessoa e, como se dirigida por ela, a pessoa começava a fazer os mesmos movimentos. Algumas vezes, essa pessoa era eu.

Adorava fumar um cigarro e beber um café e o bebia até a última gota possível, inclinando sua cabeça para trás com a xícara na boca segurada por uma das mãos, com a outra batia no fundo da xícara para não restar nada dentro dela. Depois, liberava seu riso conversador. Às vezes, pedia “ceuveja”, era como chamava cerveja.

A vizinhança a conhecia, se comunicava com ela. Gostava dela. Alguns. Era como se fosse uma extensão do cuidado de nossa família de sangue. Ela sempre dava um jeito de ir pelas calçadas, como a compartilhar seu converseiro. Quando ela resolvia ir para mais longe, descalça, com as chinelas embaixo do braço, alguém ia à nossa casa avisar. “A Fransquinha tá lá perto da linha do trem”.

Alguém ia correndo buscá-la por medo de queda, atropelamento, que alguém lhe fizesse algum mal ou que ela esquecesse o caminho de volta. E ela chamava a pessoa que tinha contado de fofoqueira. Passamos, então, a levá-la aonde ela, vez ou outra, queria ir, à casa de uma de suas irmãs. No entanto, ela continuava a esperar qualquer vacilação das pessoas de casa, para sair só, descalça, com sua chinela embaixo do braço. A força do desejo de si própria.

Fransquinha continua até hoje.

...

O que digo com todas as afetações sentidas ao contar e reavivar essa história aqui, a história de uma mulher que se cruza com a história de outra, que, por sua vez, se cruza com a história de outra e de outra...é que, além de não ser interessante universalizar as mulheres e suas

experiências, são nesses entrecruzamentos que as singularidades se constroem e as possibilidades de “convivencialidade” com elas, um lugar para encontrarmos e lidarmos umas com as outras.

...

O manifesto de Bauru surgiu a partir de uma série de movimentações, denúncias e discussões em torno do manicômio. É preciso dizer que, após o período chamado primeira república, os hospitais psiquiátricos e suas tramagens aumentaram sua existência e, em determinados períodos, como na ditadura militar, estreitaram as relações entre controle e punição em seus espaços.

Foi também durante os anos de regime ditatorial que movimentações mais aglutinadas foram acontecendo em torno das concepções e práticas manicomiais. Segundo Amarante (1995), em 1978, houve um acontecimento denominado Crise da DINSAM, Divisão Nacional de Saúde Mental, “órgão do Ministério da Saúde responsável pela formulação das políticas de saúde do subsetor saúde mental” (AMARANTE, 1995, p. 51). Esse acontecimento foi marcado por uma greve realizada por profissionais da saúde mental e por uma consequente demissão de 260 trabalhadores.

Os trabalhadores contratados a partir de 1974 eram chamados de bolsistas e trabalhavam “em condições precárias, em clima de ameaças e violências a eles próprios e aos pacientes destas instituições. São frequentes as denúncias de agressão, estupro, trabalho escravo e mortes não esclarecidas” (AMARANTE, 1995, p 52).

Desses eventos, surge o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTST), que acaba se tornando um forte agente nos processos da reforma psiquiátrica no Brasil. O Manifesto de Bauru é constituído a partir de discussões realizadas pelo MTST em reuniões, encontros, congressos e conferências de âmbito nacional. Entretanto, os pensamentos que circulavam no MTST não eram necessariamente homogêneos, o que gera momentos de ruptura e aproximação com a reforma psiquiátrica.

É necessário dizer que existe uma certa confusão referente às relações entre reforma psiquiátrica e luta antimanicomial. Talvez, pelo próprio imbricamento dos acontecimentos. No entanto, as aproximações e os distanciamentos entre ambos precisam ser ressaltados, pois é nesse lugar que águas se cruzam e podem gerar atordoamentos.

Se, em termos históricos, o campo da saúde mental foi constituído pela captura e apropriação da loucura pela psiquiatria, tornando-a doença mental, estaria o dito campo refém

da medicalização pautada em critérios não neutros de normalização das vidas? Não seria esse um ponto de ruptura para a Luta Antimanicomial?

A loucura enquanto doença mental é uma invenção do mundo moderno<sup>15</sup> e, como tal, cria uma série de engendramentos de apropriação e reprodução da mesma no meio social. A luta antimanicomial tem como primeiro ponto de combate o manicômio, seus muros, suas demarcações de isolamento, confinamento e exclusão. Não à toa seus grandes lemas até hoje são as palavras “Não aos manicômios!” e “Manicômios nunca mais!”.

Contudo, o imperativo “Não aos manicômios!” não se restringe à extinção das instituições manicomiais. Se os manicômios são uma invenção da sociedade moderna, criada para governar corpos, é necessário que haja uma antimanicomialização que, como movimento, vaze para os territórios de circulação e convivências sociais. Deste modo, a luta antimanicomial não deve ser entendida de maneira reduzida ao campo das ações e políticas públicas de saúde mental.

A lógica manicomial e suas perspectivas de vida persistem porque são sustentadas por construções sociais maiores, mesmo que tais construções, algumas vezes, dificultem a percepção de suas tramas. E elas se fazem e persistem exatamente nos territórios, compondo-os inclusive. Talvez, seja justamente por isso que as forças antimanicomiais também precisem se fazer e persistir aí, nos territórios.

O Centro de Atenção Psicossocial, portanto, criado como equipamento substitutivo ao modelo centralizado em hospitais, emerge a partir de forças antimanicomiais, trazendo em si conceitos e propostas afirmadoras da promoção de modos de viver pautados no não isolamento e na não exclusão dos corpos. Contudo, por meio de discursos e práticas, é possível perceber que forças manicomiais e antimanicomiais podem ferver num mesmo território.

As forças manicomiais, hoje, são constituídas por vetores de subjetivação que estão mergulhados na ideologia capitalista neoliberal da individualização, produtividade, exploração, segregação, dominação, desempenho, sucesso e fracasso. Isso reverbera em modos de percepção de si e do outro, nos modos de conceber e intervir no universo da saúde, dos sofrimentos psicossociais, da dança.

Como a lógica manicomial se manifesta hoje? Ela também se alastra para além dos muros e constrói determinada sociabilidade e percepções acerca das mulheres e da loucura. Ela pode estar nas compreensões técnicas dos profissionais que estabelecem a partir daí olhares e relações com as pessoas que buscam os serviços de saúde mental e atenção psicossocial. Ela

---

<sup>15</sup> Tal afirmação é feita a partir das leituras de obras de Michel Foucault, como *A História da Loucura* (1997) e *A ordem do discurso* (2014), e de *O normal e o patológico* (2009), de Georges Canguilhem.

pode, inclusive, estar em outras áreas de atuação, por meio da normatização e exclusão de corpos. Isso porque a lógica manicomial se fundamenta em opressões e exclusões, definindo modos de fazer e de se relacionar enquanto se faz. A partir disso, é importante pensar ações de dança em suas possibilidades de rompimento com lógicas excludentes e opressoras de corpos, perceber onde e como ela se estabelece enquanto força antimanicomial.

Nesse sentido, as perguntas reavivadas mostram e atualizam os respingos que o convívio dessas forças ainda engendra nesses territórios existenciais e levam para o lugar de questionar sobre o que está ali e não se percebe. Esse processo de reavivamento da experiência do grupo também se torna interessante por possibilitar e permitir ser tocada e afetada de outras maneiras, como a sensibilização de uma escuta cutânea mais íntima, como entrar de olhos fechados nas águas que não deixam afundar para perceber por outros sentidos o que ali vive e circula. Uma viagem ao que aconteceu pode ser uma construção de um presente e de modos de presença.

Se existem nas forças manicomiais e antimanicomiais paradigmas psiquiátricos, mesmo que distintos e divergentes, quais e como outros paradigmas poderiam circular abrindo vãos de criação e circulação nas tramagens para a vida? Aqui, é preciso mexer em dominâncias nos territórios. Um raciocínio “lógicossensível” móvel. O presente que construímos insiste em trazer o passado de volta? Um passado que já foi futuro. Mas ele não se dá da mesma maneira. O presente de hoje não é o presente de ontem. A história não para, ela se faz a cada agora. O que e a que o presente das forças nos convoca?

É preciso compreender as forças sociais que exercem poderes de (des)subjetivação e (des) constituição de modos de viver. Isso quer dizer que, para além do fim aos muros manicomiais, a luta antimanicomial deve ser compreendida e praticada como movimento vazante ao social, na verdade, como movimento social vazante, que se articula com outras lutas sociais porque compreende que a manicomialização da vida se renova ao se misturar com as forças de controle, dominação, extermínio e exclusão de corpos da atualidade para continuar seu exercício de poder. Uma luta, portanto, que vaze por meio de afluências.

A importância em compreender que um dos vetores das forças antimanicomiais reside no entendimento de que o que acontece aqui e apresenta sua significância pode não apresentar ali, em um outro momento, em uma outra história. Isso traz implicações relevantes para as ações antimanicomiais, pois abre a veia para a circulação de fluidos de desuniversalização das concepções e práticas, dos modos de conviver, e isso ultrapassa a área da saúde, pois se está falando a nível societal, se está falando de vidas em contextos sociais diversos.

Existe uma certa confusão de relevância ética, porque engendra um *ethos* específico, entre o que vem sendo concebido enquanto saúde mental no Brasil. Como, ao longo dos

processos históricos, houve uma patologização, manicomialização e medicalização das experiências da loucura e dos sofrimentos psicossociais pela psiquiatria e, posteriormente, pela psicologia, confunde-se ou atrela-se, em primeira instância, a saúde mental à psiquiatria.

Saúde mental não é psiquiatria, nem se resume a ela. Dessa maneira, fala-se em saúde mental quando, na verdade, está-se falando de doença e tratamento. Saúde mental é entendida, nesta pesquisa, enquanto complexos processos sociais relativos às experiências em torno de sofrimentos construídos numa determinada sociedade em uma temporalidade específica, constituindo modos de existir. Isso implica dizer que saúde mental é também um espaço de contatos e atravessamentos de saberes. Aqui é ponto de bifurcação, não anula e nem elimina, em certo nível, outras considerações e concepções acerca do que seria saúde mental, mas constrói outras vazantes, no que se refere à antimanicomialização das vidas.

Confesso que esse termo saúde mental vem me incomodando há alguns anos. E acredito ser necessário realizar discussões não apenas das definições de suas fronteiras de campos de saberes e atuações técnicas, mas investigar e discutir o próprio termo. Uma investigação hidrográfica de como se constituíram, de como se disseminam e atuam as concepções em torno desse mental. O que é esse mental?

Sei que existem vários estudos de diferentes linhas de conhecimento em torno da mente, mas as primeiras referências que se reavivam enquanto penso e escrevo são pistas ditas pelas mulheres com as quais convivi no grupo. Nervos, cabeça, cérebro...esse mental é corpo.

## 2.2 RESERVA DE ÁGUA E AS POSSIBILIDADES DE ESCOAMENTO: CORPOS QUE ESCORREM E TAMBÉM CONSTITUEM FORÇAS

“Eu não posso ser só uma esquizofrênica” (Lizzie<sup>16</sup>). Quando rememoro essas palavras, a imagem do momento em que foram ditas surge viva e me sinaliza que elas se tornaram minha carne. Arrepio-me e lágrimas não se contém e escorrem, como se denunciassem a força de uma insubmissão.

Eu cresci pensando: “Eu vou ser a próxima esquizofrênica da família”. Um pensamento que era uma certeza, quase um destino irremediável. Estava contida em referências esquizofrenizadoras de mulheres. Rodei, rodei, rodei...vertiginei feito uma cigana. A dança me tomou em vertigens e eu acabava parando porque algo muito grande se abria e eu achava que

---

<sup>16</sup> Os nomes foram escolhidos pelas próprias mulheres, seguindo o acordo estabelecido através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e serão usados no lugar de seus nomes verdadeiros para preservação de suas identidades.

era ali mesmo o ponto em que me encontrava diante de um abismo, uma zona de fronteira, que era, ao mesmo tempo, uma encruzilhada, aquele ponto em que condições estão presentes para escolhas de percurso, um ponto no qual as forças que fervem começam a gerar e/ou demandar escoamentos, aquele ponto que é quase ebulição: estou ficando louca.

Eu travava a dança por medo. Os giros que subiam em meu corpo com vida própria. Eu travava, por medo. Talvez disso mesmo, da vida própria. Quando ouvi de uma outra mulher, travada em sua vida própria por um diagnóstico de esquizofrenia, que não podia ser só uma esquizofrênica, senti gotas de vida se aglutinando. Dançamos juntas. Senti a força de uma cachoeira.

...

A dança pode ser água corrente, um território aquoso, infiltrando-se e, até mesmo, inundando o campo da saúde mental, da relação socialmente criada entre mulheres e sofrimentos psicossocial, escoando em construções de conhecimento, até experimental em certo nível, pois se faz ao passo que alinhava e desalinha ideias e experiências, numa espécie de efervescência de percepções, entendimentos e vivências que se anuviam nos corpos, naquilo em que se constroem e se permitem construir de si com o mundo.

Contatos infiltrantes e vazantes mútuos de corpo e dança, em que essa “convivencialidade” do corpo e da dança podem gerar anuviamentos pelos quais águas escorram carregando suas moléculas de movimento, numa espécie de ações e processos de abrir buracos nos corpos e nela mesma, a dança. Buracos como um modo de decolonizar, porém não como retirada de algo, mas como abertura para afluições múltiplas, outras possibilidades, percepções e construções, numa proposta de não universalização e hierarquização de estados de corpo e de dança.

Nesse ponto, é um exercício presente decolonizar minhas próprias percepções e os modos de pensar, um corpo que se abre aos desalinhavos e desmanches como efeito do encontro com as águas que correm, sem saber o que vou encontrar, se vou fazer algo com isso, como e o quê, e sem saber como o que encontrarei me afetará, considerando a qualidade movente do pesquisar. Encontrar significando perceber, testemunhar e afirmar uma existência em convivência com outras, e não meramente como resultado de uma busca ou procura por algo já dado.

E, assim, retomo as outras perguntas feitas no primeiro dia de encontro do grupo: “Como é essa dança? Que dança é essa? Quem nunca fez aula de dança pode fazer?”. Tais perguntas

me inundaram em anuviamentos no momento em que foram feitas. E, hoje, percebo sua potência de abertura e criação muito mais do que uma necessidade de resposta para esta pesquisa. No entanto, elas queriam mesmo saber que dança era essa e se seus corpos poderiam dançar essa dança.

Isso me remeteu a uma questão de autoridade, uma pessoa demandando e outra dizendo se poderia ou não fazer algo a partir dos critérios do (des)conhecimento sobre algo e, também, uma curiosidade genuína liberadora de desejos. Senti uma força manicomial entranhada sutilmente na pergunta, não porque as perguntas vieram de pessoas que acreditam na manicomialização, mas por possuírem suas existências engendradas também em tal força. Sucumbi à minha própria necessidade de dar uma resposta dizendo que era uma dança a ser experimentada, em que haveria maior autonomia na movimentação, mas que eu diria algumas ações para que a partir disso elas dançassem.

...

Em uma das tardes de sexta, ela chegou em gestos, que chamava de “tremeliques por conta da medicação”, que tomava há anos. Olhou-me e perguntou com um sorriso que parecia misturar medo e ousadia: “Eu posso dançar do meu jeito?” (Girassol). Respondi: “O que você acha?”. Ela respondeu dançando, seus “tremeliques” se tornaram dança.

...

Quando penso e convivo com os corpos enodados no campo que vem se construindo como saúde mental, existe algo que se sobressai, aparecendo sem ser dito e que é dito sem nem ao menos ser mencionado: tudo isso, todo isolamento e perspectiva de sociabilidade e “convivencialidade”, todas as propostas de intervenção terapêutica, toda concepção de sujeito e subjetividade útil e produtiva se davam e se dão em corpos, com corpos. É um lugar, um modo de lidar que sinto uma certa dificuldade em encontrar palavras e expressões que correspondam ao que estou pensando e avivando.

Os corpos sempre estiveram nas ações referentes à saúde mental, o que pode parecer óbvio. Mas é justamente neste ponto do que parece e é óbvio que se faz o conflito, porque é como se o corpo existisse tanto que parecesse não existir, é como se se soubesse de sua existência, mas essa existência não pudesse se fazer presente ou estivesse presente escondida

por uma classificação nosológica e sintomática, como se se buscasse no corpo aquilo que denunciaria estados de adoecimento, sem considerar aquilo mesmo que forja tais estados.

Corpos patologizados a partir do atravessamento de critérios estabelecidos pelo saber psiquiátrico, pela moralização social e pelo ideal de controle social. E é preciso dizer que nenhum desses critérios são neutros e não podem ser neutralizados, pois eles refletem as próprias ideias de gênero, de classe, de raça, de sexualidade em que a sociedade brasileira se constrói ainda hoje em suas concepções e práticas sociais, científicas, políticas e culturais. Corpos cortados, corpos partidos, corpos desarticulados por uma imposição arbitrária, que institui experiências corporais de exclusão e isolamento.

Assumo honestamente que a sensação é de que não alcancei através das palavras a descrição desse lugar, como se eu nadasse em águas turvas sem pressentir as bordas. No entanto, permito que essa sensação seja e, nadando nessas águas turvas, a dança me toca.

Quando a dança chega e toca, ela mexe nesse lugar de corpos que obviamente existem, mas que parecem não existir e não serem reconhecidos se não for pelos estigmas criados pelos próprios saberes em torno da loucura. Penso, agora, que isso já pode ser um modo de existir, em que os corpos existem e são percebidos, reconhecidos por e reduzidos a sintomas e estigmas que orbitam em torno da loucura, engendrados por saberes e práticas tanto a nível técnico, quanto moral. Na dança vivida ali, os gestos, movimentos, afetações e ignições consideradas sinais de psicopatologização criavam espaços e temporalidades em que e com as quais podiam existir, um modo de vida na convivência.

Forças manicomiais e antimanicomiais encarnadas, constituindo corpos. Se são em carnes vivas que tais forças fervem e se proliferam, é o corpo, portanto, o lugar mesmo da ressurgência, da potência e da possibilidade de criação de outros modos de vida em que forças fundantes se constituem. A dança como ressurgência das águas que já estão ali, mas ressurgem com e em outros estados.

A dança experimentada construindo um outro *ethos*, um *ethos* frente a um isolamento relacional e convivencial colocado secularmente diante do que se torna corpo díspar, da diferença e da loucura. Experimentações em dança como ressurgência e fervilhamento de desejos.

Qual o possível para a dança e qual a dança possível? Não se trata de uma mera transposição de palavras, mas perguntas que abrem pequenos poros para um entendimento em dança atuante e escoante, entremeando-se como mais uma força entre outras forças que compõem a rede de coimplicação de saberes criada nas relações com e sobre mulheres no campo da saúde mental e atenção psicossocial. Uma dança enquanto território aquoso que se encontra

com outros territórios, em que possam desaguar desejos em uma produção não manicomializada de mundos e vidas.

No que diz respeito ao campo de relações entre mulheres e saúde mental ao longo do tempo das investigações e produções científicas, escolho a dança como caminho. Um caminho, além de científico, artístico, portanto, um córrego criado pelas águas, ressaltando que se trata de uma escolha intuída, deliberada e experienciada a partir da consideração do construído durante dois anos, 2017 e 2018, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS Geral) da Secretaria Regional III, em Fortaleza.

### **3. AGUACEIRO OU SOBRE A FORÇA DAQUILO QUE ESCORRE: CONSTRUINDO UM MODO DE PENSAR A DANÇA COM AS MULHERES**

“ - Eu posso dançar do meu jeito?

- O que é que você acha?”

...

Um jeito meio aguaceiro, que quando já se viu, escorreu e ocupou o espaço todo, um jeito-movimento que se torna dança. Um corpo que se constrói e se organiza de outra maneira ao ser indagado por si mesmo, um si mesmo que é um estado que já se reconhece e é reconhecido, mas que em convivência com outros estados, escorre em fluxos de águas vivas.

...

#### **3.1 CAMINHOS VAZANTES: CONVIVENCIALIDADES DO CORPO E DA DANÇA NOS TERRITÓRIOS DE SAÚDE MENTAL**

Eu posso dançar do meu jeito é uma pergunta capiciosa porque pode levar quem escuta ao automatismo do sim e do não, de uma resposta centrada no poder de definir e decidir sobre o mover de um corpo. O corpo indagado respira quase deslizando para o sim, mas responde com a continuidade da indagação que o corpo indagador já se fez, abrindo mão de dizer sobre como se pode dançar, atijando o corpo para suas experimentações e criações em dança, num caminho de experimentar o que e quem, com que e com quem um corpo pode dançar.

Dançar com parece desenhar caminhos de conviver, uma ética e uma política de existências que se fazem enquanto coletivo. O que se constrói quando se dança com? Um corpo que se interroga enquanto dança está abrindo vãos possíveis, já estando nesses mesmos vãos, para construção de conhecimento sobre si e sobre o mundo, consigo e com o mundo, nos fluxos de suas próprias histórias em “convivencialidades” com outros corpos também historicizados.

Relações se estabelecem e restabelecem em movimentos que são singulares aos encontros de tais histórias, mas também plurais porque extrapolam ao que é singular desses encontros e se plurificam em muitas outras. Vazam, assim como as águas. O corpo que constrói conhecimento dançando, conhecimentos tramados nesse e com esse mesmo corpo.

Tremores, desequilíbrios, espasmos enquanto sintomas nosológicos de um corpo que foi partido por saberes e experiências, compõem(-se) como fragmentos biológicos, físicos, existenciais, sociais em gestos dançados. Nesse território, nesse corpo que, enquanto dança, produz pensamento sobre si, gerando com aquilo que lhe habita, uma outra composição de suas próprias histórias, experimentando um estado de águas que se agitam movendo aquilo que está posto.

Uma dança feito água em sua característica de composição e movimento. Uma dança da “convivencialidade”, do possível, do cotidiano, de corpos desejantes. Uma dança de pequenas interrogações e percepções, despreziosa quanto ao que pode se tornar ela mesma, apenas possibilidade de ser espaço para corpos em ebulição, calma e deságue. Uma dança nascente, uma dança foz.

...

Encontrávamo-nos para dançar e conversar sobre a vida. Dançarmos juntas. Dançarmos conosco nos possibilitou a construção de um território vincular. O corpo que dança se coloca em estado de permeabilidade e composição, numa relação de transitoriedade e processualidade.

Quando iniciamos a construção do grupo e de nossos vínculos, talvez, alguns ideais de saúde sobre como poderíamos estar ali se presentificavam com mais vigor. Mas estávamos ali toda sexta à tarde e juntas, com a dança, fomos aprendendo que estaríamos ali como poderíamos estar. Dançando, permitíamo-nos conviver com o suportável e o insuportável em nós mesmas. O que nos reunia era a dança. Portanto, é a partir dela mesma e com ela que proseio os avivamentos dessa experiência de convivermos, desde os nossos corpos em dança.

Quando começamos a nos encontrar e a dançar juntas, viemos a partir de lugares previamente estabelecidos pelas estruturas engendradas nos acessos e nas permanências dos serviços do CAPS e nas relações que se constroem e reproduzem em tais estruturas: eu era a psicóloga e elas eram as usuárias do CAPS. Posicionar-nos e nos relacionar a partir desses lugares implica em modos de vinculação e “convivencialidade” específicas, assim como se mudarmos de lugar.

Uma “convivencialidade” envolve processos de vinculação, relações horizontalizadas e/ou verticalizadas, localização do poder e da potência. E se dançamos uma com as outras? Que tipo de “convivencialidade” podemos construir? Isso teria quais implicações? Seguindo por essas vazantes, sigo contando histórias que foram acontecendo ao passo que nos movíamos e nos testemunhávamos.

O grupo foi se constituindo por pessoas que não se conheciam, mesmo compartilhando um território em comum. A dança enquanto meio articulador também era desconhecida para elas. E a nossa composição com a própria dança era ainda mais desconhecida e incerta. Dessa maneira, o grupo enquanto território, o seu chão, foi sendo construído em desconhecimento e incerteza, mas também em algum nível de curiosidade e disponibilidade. Afinal, estávamos ali.

Busco, novamente, as perguntas que foram realizadas no primeiro encontro e já compartilhadas a respeito de que dança era essa e se quem nunca tivesse dançado poderia dançar. Tais perguntas me levaram a uma necessidade de ações simultâneas: desconstruir estereótipos em dança da própria dança e de corpos em dança e construir conjuntamente uma dança que fosse território para corpos de mulheres em contexto de sofrimento psicossocial. E como? Dançando. Tais caminhos insurgiriam pelos nossos corpos em movimento, desobrigados em atender aprontes dançantes pré-estabelecidos.

Agrada a muitos enunciar que a dança é a língua universal do homem, uma vez que todos os homens dançam desde que se entendem por homens, em todas as regiões deste planeta. Mas quem se detiver nessa *justificativa* da dança como língua universal, perceberá o quanto ela tem de simplória, como acontece aos frutos de convicção e não de descoberta. Dizer que *todos os homens dançam*, esclarece muito pouco, de fato. Quem cabe nesse *todos*? E nesse *dançam*? A afirmação abriga qualquer dança e todo e qualquer ser humano? Todavia, repetir lugares-comuns produz uma quase sensação de saciedade. Pura miragem. Porque conhecer dança exige uma descrença básica em formas definitivas (KATZ, 2005, p.43).

As ações simultâneas que insurgiram com tais questões já são, em sua processualidade, ações antimanicomiais em saúde mental e também na própria dança porque questionam construções e lógicas normativas opressoras e excludentes relativas aos nossos corpos e suas afetações, interrogando os muros edificados sobre os saberes que sustentam as delimitações em torno de nossas possibilidades de modos de experimentar-nos em nossas existências.

A sensação é de uma oportunidade que também é possibilidade de percorrer caminhos aquosos que vão passando a existir no momento mesmo em que a água escorre e é também como se fôssemos na água e, em determinados momentos, tornássemo-nos água, em seu estado de composição e movimento.

Se a dança, então, se fez ambiente aquoso conosco, nossos corpos foram interpelados, molhados, convocados a estabelecer contatos. Contato compreendido como relações de aproximação e afastamento, de fuga e enfrentamento, de desmanche e feitura, de rasgamentos e costuras, de marinados e cozimentos, de mortes e avivamentos. De entrecruzamentos e mutualidades.

...

Nas primeiras sextas, encontrávamo-nos num clima de certa desconfiança em relação a nós mesmas, aos nossos corpos com eles mesmos, aos nossos corpos com os outros, a nós mesmas com a dança. *“Eu não sei se posso tocar. Tenho medo e não gosto de ser tocada. Fico com vergonha, acho que estão me olhando e mangando de mim. Me acho dura”* (Girassol).

Quando falo desconfiança, não faço qualquer julgamento valorativo. Apenas atesto algo produzido pelas composições de nossos modos de estar naquele momento. Até porque “convivencialidades” não se fazem apenas de considerações dadas positivas (tanto em seu sentido maniqueísta de bom ou mau, quanto em seu sentido matemático de agregação).

Fomos construindo práticas possíveis, pequenas, sem necessidades de superações e de atingir metas, de chegar a algum lugar. Propostas em educação somática, com utilização de objetos, para ativar o corpo, ativar o que lhe habita, ativar sua disponibilidade ao movimento. Proposições em dança que se compunham em trabalhos com transferência de peso, exploração do tempo e do espaço enquanto elementos do movimento, investigação do movimento através do encontro com o outro e com objetos. Uma bola de tênis sob o pé, toques em si mesma, transferências de peso em brincadeiras com a parede, composição em dupla, dança todo mundo: o grupo foi se tecendo fio a fio, foi escorrendo em composições.

A cada encontro íamos construindo modos de estarmos juntas em dança. Falávamos sobre como nos sentíamos no mundo, com o mundo. Pequenas descobertas iam sendo feitas. *“Hoje, eu descobri que não sou só cabeça. Também tenho quadril”* (Girassol), *“Não sabia que eu podia mexer minha perna assim”* (Neide).

Os assuntos que giravam apenas em torno de diagnósticos, medicações, sintomas e dores passaram a conviver com desejos expressos em movimentos e palavras: *“Quero voltar a estudar!”* (Lizzie), *“Quero pegar um ônibus sozinha e poder vir para o CAPS sozinha!”* (Lizzie), *“Fiz uma poesia. Posso ler pra vocês?”* (Lizzie). Desejos afirmativos de outras possibilidades e modos de estar na vida.

...

**Figura 2:** Experimentação com bolas e parede



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Figura 3:** Experimentando apoios e articulações



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

**Figura 4:** “Eu morro de preguiça de vir, mas quando chego aqui é muito bom” (Neide)



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

...

O grupo se tornou composições móveis, transitórias. Esse foi o terreno explorativo e investigativo que construímos de nós mesmas entre nós, de nós mesmas com o CAPS, com a dança, da dança com o CAPS, de tudo isso e a vida e o mundo. Compor é por junto. Mas podemos estar juntos sem articulações? O que nos articulava quando nos juntávamos era a dança.

Compreender o grupo como um ajuntamento de seres viventes em relação com o ambiente e suas tramagens, é necessariamente entendê-lo a partir da sua processualidade e do que está em relação/apronte o tempo todo. Afinal, “o corpo não para de conhecer, se relacionar com os ambientes e, nesse sentido, nem quando está submetido a algo ou alguém torna-se um objetivo passivo” (GREINER, 2005, p. 9). A partir dessas perspectivas de entendimento,

construímos um regime de tempo e espaço que acolhia nossos estados de corpo sem julgamentos, contenções, categorizações. Favorecendo assim ocorrências singulares e, em mutualidade.

A possibilidade dessas ocorrências se deu via corpo que dança em um ambiente que se teceu em uma e por uma rede afetiva e perceptiva singular, em que fomos, pouco a pouco, nos disponibilizando a afetar e sermos afetadas, potencializando a qualidade porosa e permeável dos existires, caminhos de “escorrescências”. Considerar como um corpo é afetado interfere na maneira como ele conduzirá sua ação e reforça a continuidade corpo-mente-ambiente e a importância da experiência da pessoa no processo de construção de conhecimento” (RIBEIRO, 2015, p. 56).

Uma “escorrescência” é uma disponibilidade ao aberto, é o escorrer e o que escorre quando estão escorrendo em mútuas afetações. É um estado de viver se construindo com aquilo se é ao se tornar. Uma “escorrescência” é um estado de movimento radical da presença, constituindo modos de ser, perceber e conhecer em estados transitórios de existência. É uma presença móvel, transitória, inacabada e aberta.

A partir das considerações acima, a pergunta “Eu posso dançar do meu jeito?”, além de conduzir a uma questão de autorização, também conduz para pensar acerca de quais corpos e danças cabem nos espaços construídos para dançar. A dança que fomos tecendo não era uma dança pré-dada e entendida como um conjunto de passos que obedecessem a uma coreografia. Mas uma dança que ia se apresentando enquanto experimentação de si com o movimento, com as outras, por conseguinte, uma prática de dança que vai vazando com o que se está sendo, nos processos e fluxos de estados corporais. Uma dança como águas em fluxos. Uma dança que escorre.

Com essa dança, o que se produz de conhecimento sobre os corpos de mulheres são originários delas mesmas e de suas experiências e experimentações, o que gera um deslocamento numa produção de saber manicomializada, alterando os lugares predeterminados da razão, dos afetos, da consciência, da cognição e do movimento.

Portanto, o corpo em crise, o corpo medicalizado, o corpo manicomializado, o corpo objetificado, o corpo interdito e não legitimado em seu direito de existência, discursos que circulam escondidos em enunciados colocados no mundo como dignificantes, constrói espaço possível para experimentar outras possibilidades de estar no mundo, nem que seja apenas por aquele instante, aquele instante em que dança, em que dança com a rede de vínculos construída com as outras mulheres. O dançar com parece possibilitar a construção de existências que se sustentam enquanto dançam e escorrem uma com as outras.

**Figura 5:** Uma com a outra 1



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

**Figura 6:** Uma com a outra 2



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

**Figura 7:** Uma com a outra 3



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

...

Essa experiência compartilhada conversa com outras construções e experiências. Assim, a abordagem de dança tecida e vivida no grupo se relaciona de maneira articulada com uma compreensão de corpo pautada numa perspectiva complexa, isto é, corpo enquanto território de

entrecruzamentos e encontros, estabelecendo convivencialidades fundadas em mútuas afetações do biológico e da cultura.

Aproximo, dessa maneira, da Teoria Corpomídia<sup>17</sup> (Katz e Greiner, 2005) como uma mulher rendeira, com fios, agulhas e uma xícara de café para prostrar e tramar saberes, seguindo no fluxo dos encontros que podem dar no que não se prevê. Isso promove brechas respiratórias, oxigenativas não apenas no que já supõe-se saber, nos conhecimentos que já estão compostos, mas também no modo como eles são produzidos, em como circulam e como são postos em convivência.

Portanto, essa prosa pode auxiliar na decomposição e recomposição, tudo enquanto processos compositivos, de conceituações, terminologias e práxis nesse território de existências que é o CAPS. Justamente por se propor como uma teoria que conecta vários campos de saber para abordar e lidar com o corpo (KATZ; GREINER, 2015).

Mas como, então, se lida com o corpo a partir das compreensões da Teoria Corpomídia (Katz e Greiner, 2005) e o que isso tem a ver com os modos de lida com o corpo em suas concepções e experimentações na saúde mental e no grupo a partir do compartilhado anteriormente? Os primeiros lampejos que pululam são: algumas concepções abrem e outras fecham.

Lidar com o corpo enquanto objeto a ser tratado e a receber intervenções a partir de considerações sintomatológicas e encaixes diagnósticos como centralidade das relações que com ele se estabelecem flui no caminho de um fechamento de possibilidades de experimentações existenciais e também da construção de conhecimento. Nesse sentido, toda uma gama de estereótipos vai sendo produzida e reproduzida cotidianamente nas relações com o corpo, especialmente no que diz respeito ao que ele pode. Um corpo objetificado e tornado recipiente de saberes e intervenções.

É possível ainda perceber uma dicotomização corpo e mente, em que é refletida uma hierarquização da mente sobre o corpo, como se estivessem numa eterna disputa e numa busca sem fim por integração e equilíbrio. O corpo é considerado num lugar de estar a serviço da mente, uma espécie de suporte para a mente e o mental e, a partir disso, pensado em perspectivas de intervenção para amenização de sintomas.

---

<sup>17</sup> Batizada como Corpomídia por Helena Katz e Christine Greiner (2005), esta abordagem teórica é tributária da semiótica peirciana nos usos do conceito de fluxo permanente (semiose), das teorias evolucionistas neodarwinianas (entre as quais se destacam o nome de Richard Dawkins e a concepção de mente de Daniel Dennet) e da abordagem filosófica do papel das metáforas na construção da cognição proposta por George Lakoff e Mark Johnson (KATZ, apud MACHADO, 2007, p. 34).

“Eu não posso ser só uma esquizofrênica” (Lizzie), “Hoje, eu descobri que não sou só cabeça” (Girassol) são reivindicações de corpos manicomializados e medicalizados por avivamentos de si mesmos. Lidar com o corpo a partir de suas histórias, seus desejos e suas composições na vida, com a vida é avivar sua dignidade legítima. Portanto, corpos vivos, com desejos ardendo na carne.

A Teoria Corpomídia (Katz e Greiner, 2005) chegou pela primeira vez quando ainda estávamos no grupo, nos anos de 2017 e 2018. Na época, comecei a buscar paradigmas e modos de abordagem e compreensão acerca do corpo que pudessem construir junto com toda a carga histórica, científica, política e sensível que habita, em suas transitoriedades e permanências, o campo da saúde mental, inserida na construção histórica da saúde pública e das mulheres nesse espaço social. E ela continua compositora de toda essa água corrente porque possibilita (des)construções de entendimentos e formas de lidar com o corpo. E isso, por si, é um movimento de abertura e continua justamente no aberto.

O que quero dizer é que a Teoria Corpomídia (Katz e Greiner, 2005) possibilitou avivar a potencialidade de disponibilidade para sacudirmos a ferrugem que faz ranger as articulações, que faz entrevar a capacidade articular que nos disponibiliza a compor e a mover os modos como concebemos a construção de conhecimento. Não se trata apenas de gerarmos e aprendermos novos conteúdos, mas gerarmos e aprendermos outras maneiras de gerar e aprender, de nos articular.

Isso aconteceu e acontece devido à compreensão primordial de que o corpo não existe separado do ambiente, ou seja, ambos funcionam de modo co-implicado e em transformação. De modo que o corpo é o resultado dessas trocas em fluxo inestancável com ambiente e não “um lugar onde as informações são apenas abrigadas” (KATZ; GREINER, 2005, p.131). Até porque, como afirma Helena Katz (2019), “o corpo não tem aptidão para recusar a informação com a qual entra em contato. Pode negá-la, mas não pode negar haver entrado em contato com ela e ter decidido negá-la”. (KATZ, 2019, p. 146).

O modo de existir descrito acima é um dos pressupostos da Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2005), que impede associar o corpo como um recipiente, “mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente” (KATZ; GREINER, 2005, p. 130). Entendimentos que favoreceram propor o corpo, como uma mídia de si mesmo, um corpomídia. No entanto, isso não significa compreendê-lo como um processador de informações (KATZ; GREINER, 2015).

Segundo as autoras, Helena Katz e Christine Greiner (2015), o corpo não pode ser entendido como um processador porque corpo e informação ao se encontrarem transformam-se

mutuamente, a informação se torna corpo, modificando-o e modificando-se. E o corpo se transforma segundo “o tipo de informação com o qual lida justamente porque a transforma em corpo” (KATZ; GREINER, 2015, p. 9).

Como um conjunto complexo, também no corpo as transformações ocorrem em temporalidades diversas, e nem todas, mesmo ocorrendo, se tornam imediatamente visíveis. O fato de não serem logo identificáveis, não significa que não estejam ocorrendo. E se o corpo não é um revestimento externo dos seus conteúdos, e esses conteúdos estão virando corpo a cada instante, precisamos recalibrar o modo de dizer o que está dentro e fora do corpo. Se não existe uma fronteira que separa, mas uma pele que é porosa e favorece trânsitos entre o dentro e fora, eles serão inestancáveis, em um vai-e-vem com trombadas, embolamentos, esbarros, etc. E é disso que o corpo conta sempre, sendo mídia dele mesmo, em tempo real (KATZ, 2019, p.152).

A partir dessa compreensão, avivemos o corpo manicomializado. Se houve o corpamento de uma informação específica, coproduzindo uma determinada composição, isso denota que disponibilizando o corpo a outras informações, outras composições são produzidas. Quando o corpo dança, ele se coloca em contato com uma série de informações no ambiente, havendo aí uma relação de mutualidade, borrando as próprias fronteiras de corpo e ambiente, construindo um fluxo contínuo corpoambiente.

A relação entre o corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taz de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. Mas o que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador (KATZ; GREINER, 2005, p. 130).

A Teoria Corpomídia (Katz e Greiner, 2005), por conseguinte, suscita uma lida com o corpo e uma compreensão que se diferencia da compartilhada anteriormente, pautada na dicotomia hierarquizada corpo e mente, corpo e ambiente, constituindo pistas para entendimentos das proposições em dança vividas no grupo. Quebra com a ideia de corpo enquanto recipiente que apenas recebe e acumula o que lhe é colocado, com as práxis de não considerar o corpo em sua própria condição de organismo vivo enquanto criador e compositor de mundos.

O que me faz lembrar da importância de ter dançado junta a elas, de ter autorizado a mim mesma a estar com elas também como uma mulher que dança, e não apenas como a profissional do CAPS a partir do tipo de relações que se estabeleciam como um *modus operandi* quando se fincavam os pés nesse lugar. Escolhi dançar com tudo isso.

Pode parecer simplório, mas, muitas vezes, um profissional em uma proposta grupal se colocar junto, lado a lado e seguir como testemunha e também pessoa a ser testemunhada numa caminhada desconhecida em processos que se afetam, se atravessam e se bifurcam é algo que confunde, que questiona, que gera julgamentos e receios, às vezes desvalorização e dúvida, mas que possibilita outros modos de conviver, de relacionar, de perceber.

Eu não era ali uma observadora intervindo em um corpo objeto pronto para se encher do que o outro produz sobre ele. Mexer na engrenagem da tão bem reproduzida relação hierárquica entre profissional e pessoa em sofrimento psicossocial no serviço é cutucar, fazer ventar em uma das forças da lógica manicomial, a relação medicalizada baseada no saber sobre a pessoa diagnosticada e as decisões consequentes sobre o corpo e vida dela, que ainda persiste nesses espaços e na sociedade.

Elas mesmas não sabiam como se dirigir a mim, não sabiam como me chamar. Chamavam-me pelo meu nome, pelo comum do serviço que era doutora e até “fessora” (professora). Tais vocativos se mesclavam e se alternavam ao longo do tempo que estivemos juntas. Foram sendo pistas sensíveis sobre como estavam nossos processos relacionais, considerando o que nos aproximava e distanciava.

Tais movimentos não se deram de forma abrupta, as ações com dança em grupo eram processuais. Até porque, como já foi dito anteriormente, o modo como o corpo diz sobre si e suas transformações, tem uma temporalidade diversa e singular, o que nem sempre é imediatamente visível.

Desse modo, todos esses acontecimentos se dão porque nossos corpos e o ambiente tecido por nós estabeleceram relações de afetação e contaminação mútuas e processuais, em que as informações do ambiente que tocavam o corpo, tornava-se corpo e(m) movimento, agenciando-se com o que ali já estava, gerando um fluxo extensivo corpoambiente. O corpomídia não pode ser compreendido como um mero meio de receber, processar e transmitir informações. O corpomídia é compositor e composição de mundos.

Quando eu fui tocada hoje, eu percebi que eu posso ser tocada com cuidado. Tocar não é só violência. É amizade. (Girassol)

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com essa noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação (KATZ; GREINER, 2005, p.131).

Quando corposmídias dançam juntos, co-movem um infinito de informações em processos transformacionais. O corpomídia se torna a via de acontecimento da dança. Ele próprio é uma “escorrescência”. Quando ela faz a pergunta se pode dançar do seu jeito, ela está escorrendo, seu corpo já está escorrendo nos fluxos de comunicação e contaminação corpoambiente, mexendo em representações já dadas e habitantes no corpo e também em outras possibilidades de movimento que ainda estão por se fazer no instante em que o corpo dança em sua processualidade.

Não se trata de uma série estática de representações e, nesse sentido, a comunicação não pode ser restrita a significados. Afinal, nem tudo o que se comunica opera em torno de mensagens já codificadas. Há taxas diferentes de coerência, incluindo, por exemplo, a comunicação de estados e nexos de sentido que modificam o corpo. Esses processos têm lugar no tempo real de mudanças que ainda estão por vir no ambiente, no sistema sensório-motor e nervoso. Quem dá início ao processo é o sentido do movimento. É o movimento que faz do corpo um corpomídia (KATZ; GREINER, 2005, p. 133).

Seu jeito vai se fazendo enquanto se move, com tudo aquilo que está ali, na relação de co-implicação e contaminação, em que o corpo vai se constituindo enquanto cruzamentos singulares e provisórios em uma dança de continuidades e discontinuidades com aquilo se apresenta. Seu jeito é tessitura, (des)fazimento e “escorrescência” de um modo singular de gestualidades, movimentos, discursos e histórias de si e sobre si no momento mesmo em que se dança.

A pergunta é a dança escorrendo como pensamento do corpo (KATZ, 2005), encontrando um modo de organização provisória para si na relação presente com o mundo. Nem corpo, nem mundo e nem dança são estáticos, isolados e universais, se relacionam e se afetam como encontros de várias revoadas, pensamentos feitos revoadas. Portanto, se articulam de modo singular com o que se faz em presença, constituindo uma organização específica e provisória no tempo e espaço.

Não se trata de um corpo que pratica uma atividade chamada pensamento (pensar sobre algo). Há que se entender que quando a dança acontece num corpo, o tipo de ação que a faz acontecer é da mesma natureza do tipo de ação que faz o pensamento aparecer. O pensamento que se pensa e o pensamento que se organiza motoramente como dança se ressoam (KATZ, 2005, p. 40).

Um entendimento que faz cair por terra qualquer dualidade mente-corpo, pois esse modo de compreensão se dá como encruzilhada compositiva dos processos que nos constituem. Para

compor e se articular, é preciso estar permeável ao que o presente nos convoca, nos possibilita em termos de afetações e das tais pequenas percepções, muitas vezes sem nome.

Assim, por junto dança e saúde mental é também construir espaço a propostas que acabam escapando às denominações e delimitações do que, metodológica e epistemologicamente, é considerado do campo da dança e do campo da terapia, é o lugar mesmo da “convivencialidade” da dança e sua perspectiva artística e da saúde mental, assim como sua perspectiva terapêutica. É nesse encontro e convivência que emerge algo que não é apenas ou um ou outro, mas é algo que só é possível existir nessa composição singular, constituindo um campo móvel de propostas que envolvem ações cognitivas e afetivas e práticas perceptivas de transformação, em uma rede contributiva e não hierárquica.

Para não se manter surda ao rumor da ação do tempo, toda área de conhecimento deve lembrar que o que está designando como seu domínio não passa de um recorte e uma rarefação de saber mais amplo, ao qual o recorte se subordina como uma descontinuidade. Lembrar para escapar do risco de transformar a sociedade do discurso em doutrina (KATZ; GREINER, 2005, p. 126).

As ações dançantes no grupo produzem e fazem escorrer discursos que escapam ao procedimento de exclusão, denominado interdição, tão presente nos espaços por onde a loucura circula. Quando falo de procedimento de interdição, estou partindo dos abordamentos de Foucault em seu livro “A Ordem do Discurso” (1996), no qual problematiza a quem é dado o direito de falar (o sujeito que fala) e sobre o que é possível dizer (o direito de dizer tudo).

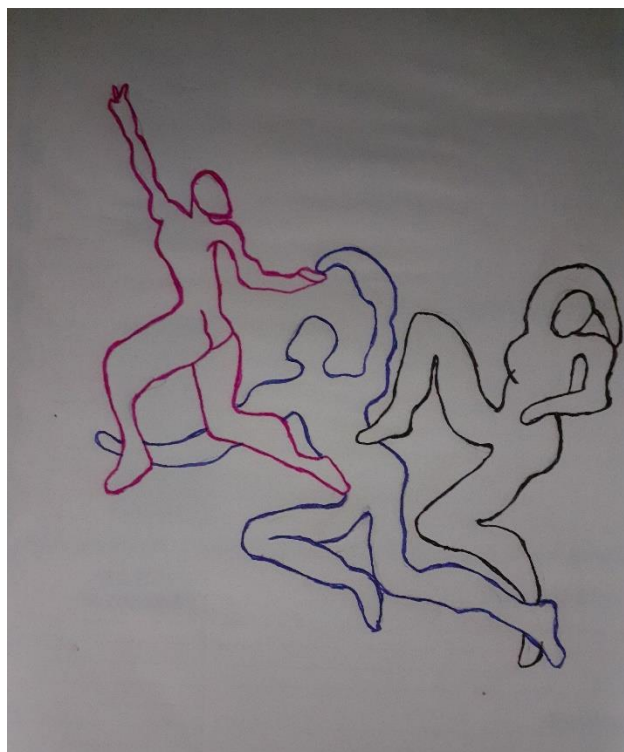
Afinal, como explicita o filósofo ao analisar o jogo das interdições, nem tudo pode ser dito e não é qualquer um que pode falar sobre qualquer coisa (FOUCAULT, 2014). O que também vale para o dançar. Dizer *qualquer um* já é considerar que as construções em torno da medicalização e manicomialização dos corpos de mulheres foram realizadas por uma estrutura científica e social marcadamente gendrada e predominantemente machista ao longo dos séculos.

Uma dança que escorre, portanto, abre espaço para acolhimento das permanências, insurgências e transitoriedades que constituem o corpo enquanto processos. E tal dança que escorre é ação antimanicomial por que escorre em formas não pré-dadas de relação com corpo e, por conseguinte, de relação entre nós. As composições que são geradas nessas e com essas “convivencialidades” tocam os meios de onde provêm e constroem caminhos vazantes. Vazantes são os caminhos que cada corpo vai inventando, encontrando, descobrindo para se realizar em seus próprios movimentos.

...

### 3.2 UMA DANÇA QUE ESCORRE: PERCEPÇÕES EM MOVIMENTO E EXPERIMENTAÇÃO EM DANÇA

**Figura 8:** Desenho de Lizzie feito para presentear o grupo no último encontro em 2018.



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

...

Naquele dia, Lizzie chegou com sua blusa e bolsa da Frozen e uma trança em seus cabelos longos. Ao final de nosso encontro, ela contou que seu aniversário seria na segunda-feira seguinte. Disse que queria dançar sozinha uma música para todas nós presenciarmos, para que olhássemos para ela. Todas concordamos e ficamos entusiasmadas, pois tal fala e movimento nos surpreendeu. Lizzie nunca havia feito algo assim. “É uma música que não toca aqui. Se chama Pieces of me, da Britney Spears. Eu adoro essa música”. Procuramos a música na internet. Lizzie dançou, cantou, tocou-se, olhou-nos. Estávamos ali, com ela, envolvidas com as águas que escorriam e o revolver dos ventos em seus movimentos de vida. Quando a música acabou, ela disse: “É isso”. Na semana seguinte, Lizzie não veio com suas roupas da Frozen, vestia uma calça preta e uma blusa azul roial de mangas compridas. Estava com o cabelo curto

e usava grandes óculos escuros. Ficou de cabeça baixa e não conseguia olhar para nenhuma de nós. “Quero pedir desculpa, não sei o que aconteceu comigo na sexta passada, eu estava fora de mim, sei lá. Ali não era eu.” Ao que as outras responderam: “Pois eu adorei. Queria ter essa coragem que você teve”, “Eu achei maravilhoso”.

...

De que são feitas nossas histórias? Com quem são feitas? Como elas se tornam sentidos, eternos ou provisórios, de nós? Como vamos nos fazendo com nossas histórias?

O grupo, durante seu tempo de existência, foi constituído por doze mulheres, dentre elas, três profissionais e nove mulheres assistidas no serviço. Eu estou inclusa. Não estivemos todas juntas num mesmo período. Havia, constantemente, uma modificação na composição entre nós, por motivos variados, como a saída de profissional por término de contrato de trabalho, ausências e desligamentos por não poder ir só ao CAPS e não ter quem acompanhe, afastamentos por não se identificar com a proposta, chegadas por busca de “fazer uma terapia e melhorar”, porque já fez ballet e gosta de dançar, porque se uma profissional sai outra precisa entrar, entre outros.

De toda essa movimentação, três mulheres estiveram do início ao fim do grupo, em seus processos de distanciamentos e aproximações, de acordo com suas condições e necessidades de vida e desejo. E são as três com as quais consegui me reaproximar para conversar e realizar as entrevistas para a pesquisa. A profissional que esteve no grupo e que ainda possui vínculo empregatício com o CAPS, também integra esta composição. Importa aqui esclarecer que a crise sanitária gerada diante do enfrentamento da Covid-19 dificultou o acesso e o encontro com algumas mulheres.

Durante o processo de escrita dessa dissertação, senti a necessidade delas mais perto. Era um pedido corporificado por suas companhias. E isso é tão forte porque é justamente quando estou escrevendo sobre a experiência que vivemos em dança no grupo, a construção de nossos vínculos e os entendimentos em dança que fomos construindo em meio a isso tudo, sinto a vontade de suas presenças com suas próprias letras e palavras escrevendo comigo. Eu não poderia fazer essa pesquisa sozinha.

Para tanto, saí em mais uma busca arqueológica, fui atrás dos escritos compartilhados na época. Também resolvi ligar para cada uma delas para realizarmos trocas de palavras, o que umas delas, Girassol, espontaneamente chamou de cartas. Além das vozes transcritas oriundas das entrevistas realizadas. Elas escolheram outros nomes para estarem presentes na pesquisa,

como objetivo de preservar o seu lugar de existência e identidade. Aqui estão as histórias que elas escolheram contar sobre elas, como chegaram ao CAPS, suas motivações para buscar o serviço, como foi o acesso ao grupo, sua relação com a dança no grupo e na vida, entre outras.

Também sinto próximo a escrita de Gloria Anzaldúa (2000) em seu texto *Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. “Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranqüilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências” (ANZALDUA, 2000, p.235).

### **Lizzie**

Lizzie se percebe e se declara como uma mulher parda. Na atualidade dessa escrita, possui 24 anos. Ela viveu seus 20 e 21 anos na época em que o grupo acontecia. Estudou até o Ensino Médio na educação formal. Gosta de ler, escrever, desenhar e dançar. Lizzie conta sobre sua chegada ao CAPS e ao grupo de dança.

*Faço acompanhamento no CAPS desde 2014. Acho que eu tinha 17 anos. Iniciei no CAPS Infantil. Eu fazia terapia ocupacional no CAPS Infantil. No começo a adaptação foi diferente, né. Tava acostumada com o ambiente de lá, no CAPS Infantil, e tive que me acostumar com o ambiente lá do CAPS Geral. Em relação ao tratamento, porque no CAPS infantil a gente é tratado mais como criança, como menor, né. No CAPS adulto nós é tratado diferente. No Geral, ele indicou o grupo e o individual. O grupo de dança. E fiz psicoterapia em grupo só com mulheres. A gente tinha mais liberdade pra gente falar o que a gente pensava o que a gente sentia e pra se expressar no grupo de psicoterapia com as mulheres. Eu fui pra uma consulta. E a consulta era de tarde e tinha uma profissional que eu não lembro o nome que me indicou o grupo. Aí eu comecei a frequentar. Foi uma consulta médica. Tinha uma profissional que eu não lembro muito bem o nome, faz muito tempo, aí ela me indicou o grupo de música e o grupo de dança pra mim escolher. Eu escolhi o de dança. Eu escolhi a dança porque eu achei que ia ser um meio mais de eu me abrir mais pra outras relações porque com a música eu acho que não ia conseguir muito não. Eu sou mais de ouvir música, não de tocar ou de cantar. Eu pensava que era tudo programado, tudo ensaiado, tudo orientado, assim, e não que fosse uma coisa livre, espontânea. Eu nunca tinha dançando. Eu pensei assim: Vai ser bem complicado eu participar desse grupo porque eu sou tímida, sou travada, não vou conseguir me expressar*

*através da dança. Ficava pensando assim. Aí quando cheguei lá foi tudo natural, foi tudo fluindo bem.*

### **Girassol**

No período em que o grupo acontecia, Girassol tinha entre 35 e 36 anos. Hoje, está com 38 anos. Declara-se como uma mulher parda. Vive com seus pais, cuida deles. Está cursando Serviço Social.

*Vixe...assim de cabeça eu não sei mais ou menos, certo? Mas eu acho que vai uns 7 quase 10 anos já. Crise de ansiedade, de depressão, né, eu tinha muito, eu ficava de meses dentro do quarto, né, então, um desespero...eu já tava trabalhando e tudo...só que eu tava vendo que tava voltando...eee...no atual momento eu tava com uma pessoa namorando já fazia quase três anos, né...e eu tava com medo de perder ela novamente por causa da crise...aí eu fui atrás, né...e no começo o tratamento foi bom, né...só que a médica que eu peguei depois ela saiu, né, por causa de concurso...*

*Eu acho que já tinha acabado fazia tempo o grupo que eu tinha feito de AVAs, né...e eu fiquei um pouco assustada, né...dança, dança, né...eu já sou, eu sou, eu sempre fui...assim, eu não era tímida, foi depois do abuso que realmente se fecha, né...então pra mim era assim meio esquisito, né...eu tinha participado, assim, dançando zumba, mas é muita gente ninguém te vê, assim, né...e eu fiquei bem tímida, né, mas vamo ver, né...talvez seja diferente, vou tentar, né, vamo arriscar. Aí a pessoa que me ofereceu ela também falou...não, vamo arriscar, né...se você gostar, se você não gostar você também não é obrigada a ficar, né. Aí, no começo, assim, é como se fosse um desafio, né...a gente tem um pouco de medo, mas com o tempo eu vi que foi me ajudando, né...foi me ajudando muito.*

### **Neide**

Neide se declara uma mulher parda, que está com 47 anos. Vivia seus 43, 44 anos no período de duração do grupo. Não recorda sua escolaridade. Mora com o esposo. E gosta de ir visitar a filha que vive em outro estado. Neide adora costurar bonecas de pano. Ela conta sobre sua chegada ao CAPS e o seu encontro com dança no grupo.

*Eu acho que tem uns oito anos. Porque eu tava doente. Porque eu fui ficando um pouco diferente, fiquei ouvindo vozes. Fui ficando um pouco diferente, né, do que eu era antes. Aí eu percebi, né, que tava assim um pouco diferente, aí fui no médico, aí tive que fazer esse tratamento no CAPS, esse acompanhamento. Eu só sei que fiquei ouvindo vozes, agressiva, queria avançar nas pessoas. Mas eu não lembro, assim, de quando eu era antes, se eu era calma, não sei. Eu participei de um grupo, daquele que era de oficinas, de fazer artesanato, que a gente fazia artesanato de papel, né, de tinta, de coisas reciclável. Gostei. Fiz outro de fotografias. Também gostei. Mas o que eu mais gostei foi da dança. Eu me sentia bem porque você tem a arte no grupo e tem a parte de você interagir com as pessoas também. Aí faz muito bem pra gente. Nesse grupo de artesanato que a gente, que eu fiz aqui no CAPS...éee...eu aprendi fazer também bonecas, né...e aí eu gostei...foi através do grupo, né, que eu comecei a fazer aqui, mexer com artesanato...éee...com papéis, com reciclagem...aí fui e gostei, né...aí fiz o curso de fazer bonecas e aí eu fiquei fazendo bonecas de pano que eu gostei muito de fazer, que aí distrai a gente, né...e a gente fica se sentindo melhor, se sentindo útil...e a parte de você...éee...ficar interagindo com as outras pessoas, porque você conversa, você conhece pessoas novas, né, no grupo...porque em casa você se acha que você é diferente, né, que você não é igual a todo mundo, porque você tem uma certa deficiência...e aqui não...você acha que você é igual a todo mundo, né...você não tem essa deficiência que você acha que tem...então, aqui você se sente útil, você se sente alguém na hora que você tá fazendo parte desse grupo. A arte na vida da gente, a arte de criar artesanato, a arte também de dançar, que foi a parte melhor que eu achei, que foi a arte de dançar porque, assim, através da dança que a gente aprendia muito, na arte de dançar porque era em grupos, né, a arte de dançar, que a sala era pequena, tinha muitas pessoas, a gente tinha que dançar e a gente tinha que fazer aqueles passos sem machucar o outro...então, assim, era uma parte interessante que eu aprendi que a gente podia viver do modo que a gente tinha que viver sem machucar as outras pessoas na nossa vida, né, lá fora...e eu aprendi aqui...cada vez que eu vinha na terapia, eu aprendia uma coisa diferente que eu podia viver, né, do meu jeito, do meu modo, né, que eu me sentia confortável sem machucar as outras pessoas lá fora. Eu aprendi muito na arte de dançar. Porque, às vezes, às vezes, a gente fala as coisas que a gente não quer falar, né, naquele momento e, às vezes, você acaba magoando, machucando as pessoas sem você querer e, às vezes, você fala que você tá zangada, chateada e, às vezes, você se arrepende e aí...éee...através da dança que eu aprendi, né, que você pode viver, né, através da sua dificuldade que você tem, né, sem machucar as pessoas, sem...pode ter...como é que a gente fala...ter assim as suas crises, seu momentos, né...que, de...como é que a gente fala...de sei lá...que você sai fora de si, né...que*

*sai de você, entendeu...que teve uma crise assim, uma coisa, né...sem machucar as pessoas, né...que você sai da sua realidade, né...mas sem machucar as pessoas, sem xingar as pessoas, que você consegue, né, viver esse, essa tua diferença, né, sem machucar as pessoas. Assim...foi uma coisa diferente que eu já tinha participado nos grupos. Eu falei assim Daança? Aí a menina falou Éee, é um grupo de dança. Vamos lá participar, vai ser legal e tal. Aí eu fui e, assim, no início, mas essa sala é tão pequena, tem tanta gente, será que vai dar certo? Eu achei que fosse uma dança normal, né, uma dança todo mundo dançar igual. Mas aí no primeiro dia que eu fui foi uma dança bem diferente, uma dança tipo uma ginástica ao mesmo tempo, uma massagem e foi uma dança bem diferente e eu gostava muito. Pra mim foi um dos grupo melhor que eu já participei. Uma dança que todo mundo dança lá fora, forró, essa dança normal, né, que todo mundo dança, funk essas coisas. Mas aí não era assim essa dança que a gente dançava, né. Era uma dança bem diferente que eu gostava muito. Porque era uma dança calma, tranquila e a gente conhecia assim o nosso corpo, se pegava, se conhecia e se massageava e era bem legal.*

...

Falar em processos de subjetivação é adentrar a vida e entender que essa vida, na verdade, são vidas por não se tratar de um sentido purista, essencialista e universal, mas a vida compreendida em seus teores singulares e plurais, em que são forjadas e negociadas formas de vida.

Historicamente, discursos sobre os corpos de mulheres vêm sendo construídos e disseminados a partir de saberes que giram em torno do poder de enunciação e intervenção sobre as vidas de mulheres. Dessa maneira, essa pesquisa tenta ir por um caminho no qual são os corpos das mulheres em movimento que criarão conhecimentos sobre elas e suas formas de vida.

Assim, nessa travessia, não há intenções espetaculosas de uma inventividade, de um ineditismo, mas que possa ser tempo para escutar, conversar e, às vezes, apenas testemunhar o ressoar de discursos diversos que coexistem e convivem em suas maneiras de se colocar com o mundo, através de concepções e percepções acerca de seus corpos, da dança, saúde e doença, de cura, de mulheres, de cuidado, da vida.

Portanto, algo aqui insurge como uma pista para pensar as ações de dança antimanicomiais e os processos de subjetivação em um contexto fundamentalmente político, estabelecido em perspectivas de saúde e da vida. Eis aqui o avivamento da questão desse estudo,

aquele momento em as palavras também escorrem e fazem o som necessário para escutar o que o momento da pesquisa demanda: apresentar a dança como ação propositiva capaz de instaurar outras formas de vida.

O que se insere em lugares cruciais para refletir sobre subjetivações, formas de vida e uma antimanicomialidade, tanto no campo da saúde mental quanto da dança, como diz Pelbart (2019), “o desafio de abordar a subjetividade como interface entre o poder e a vida, seja como subjetivação, seja como dessubjetivação” (PELBART, 2019, p.15).

Faz-se necessário, assim, uma aproximação de formas circulantes do poder no que se refere aos territórios vivenciados na pesquisa. O objetivo aqui não é esgotar tudo o que lhe diz respeito. A pesquisa não apresenta essa intenção ilusória, mas chegar perto, no miudinho, do poder e suas roupagens em falas, ações, propostas e percepções que se presentificam nas relações vividas entre nós no grupo e no CAPS.

Existem várias vias pelas quais o poder circula, se estabelece e se preserva no que se refere à saúde mental e sua relação com a sociedade. Aproximarei uma via que está presente desde os primórdios da constituição das práticas em torno do que hoje denominamos saúde mental e que já foi discutida no primeiro capítulo, a medicalização das vidas. É preciso compreender, por conseguinte, que o saber médico vem sendo organizador de formas de vida, considerando os entrecruzamentos que se fazem em cada lugar social, econômico, de gênero, raça, etnia, religiosidade.

A necessidade dessa compreensão se faz justamente por seu atrelamento engenhoso enquanto forças subjetivantes e engendradoras de formas de vida específicas. Toda uma rede em torno das mulheres foi tecida a partir de diagnósticos e sua funcionabilidade de ordenar vidas, que carregam em si uma série de sintomas qualificantes em que as afetações são compreendidas em uma perspectiva de encaixe em saúde e doença. Mesmo quando as histórias e experiências de vida são escutadas, é para entender como e quando sintomas foram sendo desenvolvidos. A medicalização busca sempre uma justificativa, o que circula de boca a boca, de gesto a gesto, de intervenção a intervenção.

A medicalização não se trata apenas da prescrição e administração de medicações como centralidade nas práticas de cuidado, mas especialmente de um poder de definir o que é saúde, doença, cura e as formas de vida manipuladas em seu bojo. Nada disso é neutro. Os discursos da saúde, portanto, podem estar a serviço de um regime de controle dos corpos, através de uma comunhão com uma ideologia e uma moralidade que se pretende dominante em uma determinada época histórica. Se abordar processos de subjetivação é abordar vidas, não há como ignorar os tempos de seu acontecimento.

Recorro, dessa maneira, à ideia de inacabamento como pista para um entendimento em saúde e possíveis relações com as subjetivações. No livro *Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*, Peter Pál Pelbart (2018) conversa a respeito de uma gorda saúde dominante e os estados de inacabamento, imperfeição e suscetibilidade existente na condição de escritor, a partir de escritores como Kafka e D. H. Lawrence. A partir disso, a gorda saúde dominante se relaciona a uma condição de devoração sem seletividade, uma espécie de empanturramento do mundo, em que tudo se devora e se expele, em que uma forma também dominante é preservada, já que se enche constantemente.

A gorda saúde dominante, que devora e expele tudo, e que preserva a própria forma ao longo de toda sua operação onívora, num majestoso passeio pelo mundo, e a frágil saúde irresistível, que por não engolir qualquer coisa e não empanturrar-se pode permanecer mais aberta e permeável a muitas coisas com as quais entra em estranhas relações de choque e metamorfose...Manter a forma ou transfigurar-se, aferrar-se ao próprio formato ou estar sujeito às metamorfoses que advêm dessa relação com um exterior – duas políticas em relação à Forma, às formas que a vida produz (PELBART, 2018, p.67).

Mas como trazer isso em termos vividos no contexto cotidiano compartilhado na pesquisa? Seria possível falar em formas de vida no contexto da saúde mental? A partir de toda discussão que vem sendo tecida, nota-se uma saúde que se torna hegemônica, cujas condições de existência são o encerramento, o fechamento de vidas em formas compactadas que se enchem e definham dentro delas mesmas.

Nessa forma, as intensidades, as sensibilidades são compreendidas inseridas em um paradigma ainda de segmentação, fragmentação desarticulada das afetações de corpos vivos. Quando realizo essas afirmações, não esqueço das concepções e práticas que se fazem por outros vieses, porém, como já colocado, falo de uma hegemonia no campo da saúde e, especificamente, saúde mental que é prenhe e que se mantém viva por articulações com ideologias e moralidades também dominantes, o que nos nossos tempos se apresentam em formas neoliberais e, muitas vezes, fascistas de conceber a saúde.

Uma saúde permeável, que afeta e é afetada, sendo, assim, mutável, provisória, aberta, inacabada, não se fecha em si e não se asfixia em sua própria forma, mas está em relação justamente por seu estado de inacabamento.

Inacabamento, provisoriade e instabilidade, considerando sua relação com o tempo, e que, portanto, quanto inacabada, provisória, instável e aberta está a se (des)fazer. Pensar diagnóstico, terapêuticas, cura e outras terminologias operativas de existências por esse viés é mexer na lógica manicomial em seus interstícios estruturais porque vai no cerne dos modos de

lidar com os sofrimentos psicossociais de maneira excludente, opressora, fechada e asfíxiadoras de vidas. “A fragilidade do escritor não é neurose, nem psicose, mas porosidade ao excesso, abertura e permeabilidade àquilo que uma gorda saúde, uma autossuficiência acabada, madura, fechada, concluída, funcionando bem demais, jamais poderia acolher, abrigar, favorecer” (PELBART, 2018, p.65).

A gorda saúde no contexto da saúde mental nos tempos atuais opera enquanto ideal fundamentado numa diagnose sintomatológica, na qual a pessoa deve não se enquadrar para ser considerada em condição de saúde. O que se referencia para saúde é o que se concebe enquanto adoecimento. A saúde, a partir dessa perspectiva, é uma corrida para longe da fronteira diagnóstica. Para quem já foi diagnosticado, passa a ser uma busca para passar de volta essa fronteira. Assim, muros são estabelecidos em formas de vida que essa saúde compõe.

Mas o que a dança tem a ver com isso? O que a dança permite perceber que uma forma dominante de saúde já estabelecida esconde?

...

A dança abordada nessa pesquisa se fez enquanto uma prática criativa, artística num contexto terapêutico. Mas, por se tratar de um contexto terapêutico que parece vir se encerrando cada vez mais no lugar atravessado pelo fechado, as possibilidades de se aproximar dela em sua potência de criação ficam embaçadas pelas lentes do tratamento. E não que, enquanto tal, a dança seja contrária a processos terapêuticos. Mas é importante que se discuta o que se compreende como terapia e saúde e suas relações estabelecidas com os valores neoliberais que ressoam nas construções de experimentações corporais enquanto terreiro de formas de vida diversas.

...

O aniversário do CAPS estava se aproximando. Durante as reuniões de equipe foi decidido realizar um momento de avaliações e celebrações para registrar a data. Decidiu-se por ações culturais no serviço com convidados e com os grupos que aconteciam ali. No grupo, as mulheres não quiseram construir ações em dança para realizar no dia do evento como compartilhamento com o CAPS do que acontecia no grupo. “Não tenho coragem de fazer na hora na frente de todo mundo” (Lizzie), “Eu não consigo acordar cedo pra estar de manhã aqui. Eu não venho” (Neide), “E se a gente fizesse um vídeo pra mostrar no dia, tipo aqueles que a gente assiste

aqui?” (Girassol). Vez por outra, eu levava algum vídeodança para assistirmos juntas. Todas gostamos da ideia e começamos a elaborar como poderia ser. Perguntei sobre o que gostaríamos de compartilhar com o CAPS e elas responderam: a dança que a gente dançava ali e como se sentiam. Nos encontros para criação do vídeo, levei alguns tecidos para propor as experimentações, pensando nos fios e suas tramagens que nos compõe. O vídeo<sup>18</sup> foi compartilhado no dia do evento em um silêncio e atenção coletiva. Apenas Girassol compareceu no dia.

**Figura 9:** Fios e composições 1



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

**Figura 10:** Fios e composições 2



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

...

Porque o que aquela dança que estávamos fazendo possibilitava, primeiramente, era o espaço para circulação de sensibilidades sem que vazassem em bolhas de classificação e que necessitassem atingir um objetivo e adquirir uma função. A dança que vivíamos ali permitia uma lida com os corpos sem que tivessem que alcançar, desenvolver-se em uma e para uma funcionabilidade dentro de estruturações sociais que subjetivam em valores de eficiência, desempenho, resultado e utilidade, valores do mundo do trabalho em uma lógica neoliberal que se alastram e fundamentam concepções de saúde e corpo saudável, vida saudável.

Não se trata de ser contrária a práticas promotoras de saúde, entretanto, compreender a ética que se instaura a partir de concepções e representações de saúde em cada momento

<sup>18</sup> Não posso acrescentar mais imagens, pois havia mulheres que não consegui contato e, portanto, não estão na pesquisa de mestrado. Não possuo, assim, autorização para uso de imagens para além de Girassol, Neide e Lizzie.

histórico, que normatividade elas estabelecem e a quem elas servem, já que não estão dissociadas de questões sociais e políticas.

Muitas vezes, a sensação de produtividade e utilidade, que se reflete em predicados de ser produtivo e útil ou não, gera questionamentos sobre estar ou não saudável, ou seja, a produtividade é vetor de percepção e critério para compreensões diagnósticas e terapêuticas, em que se busca recuperar, reestabelecer o corpo à condição de saúde, que seria o estado de produtividade.

A partir da experiência no grupo e de nossas conversas, é possível perceber a convivência do discurso da utilidade, do desempenho e da lógica de efeitos alcançada ou a se alcançar nas percepções que constroem de si. A presença da dança, desse modo, não chega com o objetivo de acabar, extirpar, desfazer essa discursividade, mas, como água, se presentifica possibilitando outras composições.

As concepções de saúde e doença se relacionam a regimes de temporalidade que se estabelecem, restabelecem, recriam-se em um lamaçal de discursos econômicos, científicos, políticos. Portanto, os modelos de trabalho, de consumo, de ensino e pesquisa, a situação de crise de saúde sanitária, tocar um tambor, aguar uma planta, nadar no mar, assistir um filme acontecem em temporalidades diversas que modulam e são moduladas por tais ações, sendo constituintes de experiências.

...

Era mais uma tarde de sexta-feira. A escolha decidida em conjunto para aquele dia era assistirmos o filme Pina. Resolvemos, na hora, assistirmos o filme na sala de espera, com alguns familiares ali presente e outras pessoas que não integravam o grupo e que estavam esperando algum atendimento. As sextas-feiras à tarde costumavam ser mais tranquilas em relação aos fluxos de atendimentos, o que possibilitou alguns outros profissionais também sentarem na sala de espera e assistirem ao filme. Profissionais de níveis técnicos distintos, pessoas usuárias do serviço do grupo e não do grupo e familiares, fazendo algo juntos, o que não era muito comum. Uma outra temporalidade e “convivencialidade” se instaurou ali, na espera. Uns esperando o fim do expediente, outros esperando familiares em atendimento, outros esperando serem atendidos e outras que estavam ali para dançar. Uma temporalidade que não se dissocia do espaço, uma temporalidade do encontro, uma temporalidade de afetação e, portanto, de abertura, de permeabilidade, um tempo de “escorrescência”. Uma temporalidade que se faz com uma dança que escorre.

...

Como já apresentado anteriormente, as ações em dança propostas no grupo se desenharam em caminhos de investigação e experimentação do movimento. Desse modo, quais os regimes de temporalidade que tais ações em dança possibilitaram instaurar e serem experimentados? Como? E quais as implicações disso?

Inacabamento e provisoriedade já refletem e concretizam uma certa temporalidade, como também são refletidos por ela, a temporalidade da “escorrescência”. Acrescento instabilidade, estado tão execrado no cotidiano das práticas em saúde, em que se busca um estado de estabilidade como critério e condição de saúde e, mais ainda, definidor de como se pode viver. Faço essa ressalva porque não se pode esquecer que as ações em dança, no âmbito dessa pesquisa, estão inseridas no contexto terapêutico.

Este estudo segue por um caminho de observar, respirar e escutar as questões e possibilidades que as ações em dança suscitam nesse contexto terapêutico do grupo no CAPS. Portanto, aproximar-nos dos conhecimentos que um corpo em investigação e experimentação de si mesmo com o movimento pode fazer insurgir e escorrer. A água escorre sem se preocupar com as margens.

Mas qual a relação entre experimentação em dança, percepção e formas de vida? Com essa pergunta, torna-se necessário compartilhar qual entendimento de experimentação em dança, percepção e formas de vida são terreno para as reflexões, articulações e argumentações que vão sendo tecidas.

...

Quando me refiro à experimentação que se desenhou como proposições em dança no grupo, percebo três vazantes: a oportunidade de informações que não eram habituais aos corpos nesse território, a experimentação daquilo que já está e o testemunhar a si nas experimentações e ao outro.

As proposições de experimentação em dança que foram compartilhadas e vivenciadas no grupo aconteciam em articulação com práticas de educação somática, como já apresentado anteriormente. Portanto, havia um trabalho processual de oportunidade e disponibilização do corpo ao movimento, em que informações eram colocadas no ambiente através das proposições.

As experimentações partiam, assim, de ações propositivas que funcionavam como ignições para o mover, numa perspectiva de escutar não apenas o que o corpo podia, mas o que ele pedia quando seus estados eram percebidos em suas afetações. Os processos aconteciam desde a concretude do movimento a partir do corpo e não de uma abstração ou representação dele. Ao experimentar em movimento, situações e contextos relacionais, temporais, espaciais e sensoriais vão se insurgindo e o corpo vai criando modos de se organizar e estar com tudo isso que se presentifica enquanto se move.

*Lizzie: Eu tinha sentimentos de deixar meu corpo fazer o que tava precisando no momento, expressar o que eu tava sentindo no momento, com a música, com o ambiente. Era algo rápido assim, espontâneo. Eu sentia liberdade de afeto.*

Organizar-se no sentido de uma composição corporal que se constitui e se apresenta como correspondente aos encontros com o ambiente que acontecem no experimentar-se em movimento. Experimentação em dança, portanto, também seria uma composição provisória do corpo e da experiência de se relacionar consigo, com o outro e com o mundo, consigo e com o outro no mundo enquanto se dança.

Contudo, não necessariamente, há uma compreensão científica e técnica para a pessoa que dança do que e como lhe acontece enquanto dança. Muitas vezes, o processo é reconhecido e expresso no campo dos efeitos para quem dança. O que me leva a uma reflexão sobre um dos lugares que fomentam a estrutura manicomial, que é um saber que se coloca com um poder de intervenção e de manejar seus efeitos. Como dito, as proposições em dança não se colocam a serviço de uma produção de efeitos considerados saudáveis e positivos dentro da concepção de saúde hegemônica e seus ideais.

A dança, entretanto, não pode barrar os caminhos vazantes de compreensões e sentidos que as mulheres constroem em seus encontros com a dança e em suas relações com suas histórias. O contrário disso se formaria como uma barreira para as possibilidades que cada mulher vivencia na experimentação de si mesma em dança.

*Neide: Eu não sei se o mais difícil era eu tocar ou era eu ser tocada, sabe...eu não entendo muito dessa parte, qual era a parte mais difícil, mas não sei explicar assim a dificuldade, mas é difícil...parece que sozinha era mais fácil. Mas foi difícil, sabe assim, aceitar, não sei explicar a dificuldade. O tempo foi passando e foi ficando mais fácil. Eu não entendo o que que foi que aconteceu, né, assim, mas com o passar do tempo foi ficando mais fácil. Não sei explicar o que*

*foi. Mas foi ficando mais fácil. Dois anos de grupo, né, quando já foi assim mais ou menos um ano já foi ficando mais fácil já. Você fica mais feliz, você fica, sei lá, uma pessoa mais leve, sabe, uma pessoa mais alegre, você é outra pessoa quando você dança. Uma outra pessoa mais feliz, mais alegre, sabe, não sei, uma pessoa mais da mente mais aberta, sabe assim... não consigo explicar. Mas é uma outra pessoa. É outra pessoa diferente quando você dança, sabe, parece que você é outra pessoa mesmo, sabe, é diferente, eu não consigo explicar, não consigo entender, mas parece que você é uma outra pessoa quando você dança.*

Assim, ao experimentar-se em dança, o corpo se depara com o que lhe habita e lhe atravessa, criando modos de lidar e criar não apenas com o que lhe é estranho, desconhecido, mas também com o que já está e já é corpo em processos de contaminação, negociação e reorganização.

O entendimento de experimentação em dança presente tanto nas proposições no grupo quanto nas reflexões e discussões desenvolvidas na dissertação parte, por toda a experiência e argumentação que vem sendo compartilhada, da compreensão da necessidade de construir um chão que seja matéria-prima para o mover. Além de que, não se compreende a experimentação como uma constante e infindável criação de novidade de movimento ou como ação de necessariamente se experimentar algo já pronto. Experimentar em dança é, portanto, disponibilizar o corpo, com tudo o que lhe compõe e que já é corpo, a vivenciar-se em movimento nos encontros com o mundo no instante mesmo em que experimenta, no presente. Processos de afetação e reorganização em “pluricaminhos”.

*Girassol: Pra mim aquela dança ali foi algo que eu descobri que eu podia me tocar, eu podia me sentir, eu me permitia, até minha respiração melhorou, sabe...é totalmente, é uma coisa assim que eu pensava que não existia, né...mas que eu descobri e que eu achei muito legal, muito legal mesmo...*

*Lizzie: Antes de dançar eu era travada, eu não deixava os meus sentimento natural...é...tomar conta, invadir assim minha personalidade e com o grupo eu consegui ser mais aberta a isso. Mais aberta a mim.*

A experimentação em dança no grupo vinha junto com um processo de conhecer, de investigar o movimento, o corpo em movimento e, assim, ia instaurando uma temporalidade processual e sendo afetada por ela, trazendo a possibilidade do vivenciamento do estado de

inacabamento pela via do movimento, como algo que vai se fazendo, se organizando, se aprontando no encontro com o que emerge e justamente porque está aberto, inacabado e permeável.

Experimentar em dança, assim, teria como constituinte de sua possibilidade de existência e vivência uma condição relacional. É no encontro que a experimentação acontece, seja com estados de corpo, com afetações, com outros corpos, com objetos, sonoridades, com o silêncio, com o que habita e transita pelo ambiente.

Desse modo, a experimentação em dança, não entendida como uma mera reprodução de passos, mexe em perspectivas de práticas de dança que partem de representações dadas a priori para o mover. Isso porque a experimentação em dança não parte de um paradigma representacional de movimento e de mundo, o que reflete uma correlação com uma compreensão de cognição e percepção que também não se baseiam em representações pré-dadas. O experimentar em dança possibilita uma série de escolhas em movimento no presente, com riscos, lacunas, embaçamentos, desconhecimentos e possibilidades que o encontro com o mundo ressoa.

Há, aqui, por conseguinte, confluências e afluições de formas de lidar com nossos corpos no mundo, através de compreensões em dança, cognição e percepção que se cruzam e se agregam. Faço essa afirmação, justificando-a com o compartilhamento do entendimento de cognição que está presente nas travessias aquosas que compõe esse estudo.

A cognição é compreendida em sua relação com o tempo, o que quer dizer que seus entendimentos se alteram e alternam na relação com o tempo histórico de nossas construções de mundo. Diz respeito também aos modos e processos de conhecer, de construir conhecimentos em que vamos nos constituindo com o mundo e que estão associados às construções em cada tempo. “Cognição e afetividade fazem parte de um tipo de termo que tem natureza complexa e, portanto, é rebelde a definições permanentes e universais. Esses termos têm diferido ao longo do tempo por serem moldados em modelos culturais afins tanto à ciência quanto à filosofia e arte” (RIBEIRO, 2015, p. 23).

O entendimento em cognição com qual esta pesquisa conversa está, por conseguinte, pautado num paradigma de complexidade, assim como a compreensão de corpo apresentada no tópico anterior. Tais entendimentos de cognição e corpo, inclusive, estão imbricados nas argumentações e reflexões aqui costuradas para pensar a questão central da pesquisa, apresentar a dança como ação propositiva capaz de instaurar outras formas de vida por possibilitar conhecer a si e ao mundo via experimentação em dança, via movimento.

Segundo Ribeiro (2015), existem diferentes compreensões acerca da cognição, estudada em distintas áreas de conhecimento, como as ciências cognitivas, a inteligência artificial e a psicologia cognitiva. Cada área desenvolve um modelo para cognição que apresenta uma argumentação e um raciocínio próprios, segundo objetivos que lhe são particulares e se relacionam com distintas concepções das articulações entre o cérebro e a mente. E acrescento ainda em como a razão se articula com mente e cérebro. Tal articulação se apresenta no campo da saúde mental de modo imbricado, a razão está na mente, que está no cérebro, que está na cabeça. O transtorno mental, portanto, estaria na cabeça. Quem nunca escutou a expressão “sou doente da cabeça”?

Não intenciono desenvolver uma argumentação mais aprofundada em cada modelo, apenas aponto-os para contextualizar as perspectivas possíveis de entendimentos acerca da cognição. O que interessa à pesquisa é construir pistas para as articulações e tramagens entre corpo, experimentação em dança, percepção e formas de vida, considerando as implicações éticas e existenciais de tais modelos. Trata-se, pois, do modelo de cognição pautado numa perspectiva computacional e representacional e o modelo de uma cognição corporificada.

Os modelos convivem como numa alternância. Partindo dessa compreensão e de que cognição possui variadas concepções e modelos e de que isso se altera e se alterna no tempo, isso implica em dizer que modelos distintos de conceber cognição interferem em formas distintas de construir conhecimento com o mundo. Como é, portanto, construir conhecimento com o mundo dançando, considerando relações sociais, raciais, de gênero, de sexualidade, de idade, políticas vividas pelos corpos?

A palavra cognição vem do latim *cognoscere* que pode ser entendida como conhecer, adquirir conhecimento. O modelo computacional e da representação se baseia numa compreensão de que a cognição acontece enquanto processamento de informações que já estão postas no mundo enquanto símbolos. O sistema cognitivo é entendido, portanto, em analogia ao modo de funcionamento de um computador para pensar a relação entre mente e cérebro, em que as informações entram por *input*, são processadas, ocorrendo conformações, isto é, uma adaptação a formas já dadas, as representações, através de símbolos e suas regras e combinações, e saem por *output*.

Trata-se do esquema input-output, no qual a cognição age a partir do conhecimento do sujeito que entra em contato, via input sensorial, com as informações do meio externo e as compara com informações armazenadas – memória – gerando um output. Esse modo de funcionar parte do pressuposto que de que há no cérebro humano uma representação interna do mundo exterior, e as tarefas são planejadas de acordo com

essa representação do mundo somada ao conhecimento adquirido (RIBEIRO, 2015, p. 30 e 31).

Segundo Ribeiro (2015), esse é um modelo cognitivo clássico, denominado cognitivismo, aceito pela psicologia cognitiva, algumas linhas da neurociências, da educação e das ciências cognitivas. Tal modelo traz algumas implicações que são importantes de serem traçadas para as reflexões aqui tecidas.

Uma delas é que parte do pressuposto de que há uma divisão entre um ambiente interno e externo, em que o externo seria um mundo com suas informações, seus objetos e símbolos e que, no interno, esse mundo seria reproduzido por meio de representações. Portanto, pressuposto que implica numa concepção dualista e separatista nos processos de conhecer. No que se refere ao corpo, este seria apenas um depósito, um repositório de informações dividido em dentro e fora. Seguindo a lógica da representação, o modo de construir conhecimento, processo de aprendizagem e a constituição de estados mentais estariam pautados nas interações “entre o organismo e suas representações internas do mundo externo” (RIBEIRO, 2015, p. 34).

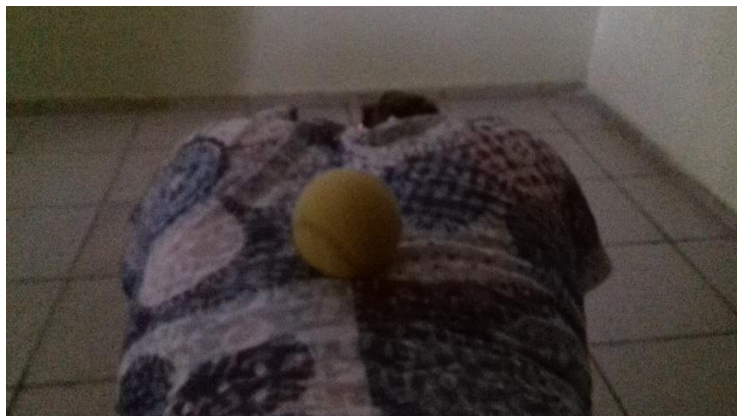
A cognição e o corpo, assim compreendidos, possibilitariam formas de viver embebidas em representação e reduzidas à reprodução das mesmas e adaptação a um ambiente que já está composto. Que possibilidades de modos de conhecer e formas de vida insurgem quando cognição e corpo são compreendidos de outra maneira? Que maneira é essa?

A abordagem da cognição corporificada envolve a compreensão de que existe uma relação entre percepção e ação na construção de conhecimento e que as interações entre sujeito que percebe e ambiente estão associadas à cognição (RIBEIRO, 2015). O corpo, nesse modelo, assume um lugar de centralidade na constituição da mente. Para um organismo realizar ações no mundo, corpo e mente se relacionam e se interpelam, estão imbricados.

Percebe-se, então, que há um deslocamento na maneira de compreender a relação entre corpo e mente, corpo e cognição. Na cognição corporificada, a perspectiva dualista e hierarquizante entre corpo e mente deixa de fazer e criar sentidos, constituindo-se como uma abordagem que derrete binarismos.

Os processos cognitivos acontecem via interação organismo e mundo, na experimentação do corpo no e com o mundo. Isto é, a cognição não é adquirida, mas se constrói em relação. Agir no mundo, portanto, é estabelecer interações com ele, constituindo um campo de experiências que são construídas justamente nas interações corpomentambiente. É preciso ressaltar que essas interações são bastante complexas e não podem ser reduzidas a uma linha reta com setinhas em direções contrárias. A cognição corporificada, assim, envolve processos perceptivos, já que há em tais interações uma pessoa que percebe.

**Figura 11:** Sentir e perceber a coluna – experimentação com objetos



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

...

Ribeiro (2015), citando Varela e Maturana, apresenta que a percepção, na abordagem da cognição corporificada, acontece pela ação, partindo da ideia de enação, “*en-ación*, perceber em ação” (RIBEIRO, 2015, p. 48), que tem como base o sistema sensorio-motor. Essas conjecturações implicam em dizer que a percepção não acontece de modo passivo, ela se faz na ação, se faz pelo movimento. “A enação relaciona-se com o conhecimento que se constrói por meio de uma ação no mundo, pressupondo que a percepção está voltada para ação e que os processos cognitivos sejam decorrentes de padrões sensorio-motores. Aqui, a cognição é o saber dependente da ação no contexto” (RIBEIRO, 2015, p. 50).

Desse modo, o processo perceptivo diz respeito a construções dinâmicas e provisórias com o mundo, em que o corpo que percebe e se percebe atravessa e interfere no mundo assim como também é atravessado por ele, estando aí a potencialidade de construção de realidades e seus sentidos, portanto, forças de transformação.

Assim, após a apresentação dos modelos de cognição, interessa ressaltar que não se trata de uma discussão dentro do campo das ciências cognitivas, mas chamar a atenção que existem maneiras distintas e divergentes de abordar o modo como o corpo conhece. Nesta pesquisa, além de seguir pelo caminho da cognição corporificada, algo se fez preponderante na maneira de conceber como o corpo conhece: o movimento. Pois o movimento se presentificou como um modo de conhecer a si, ao outro e ao mundo, creditando ao sistema sensorio-motor o fundamento da cognição. Experimentar em dança possibilita que o movimento seja travessia para as percepções multissensoriais.

Um corpo quando se investiga e se experimenta em dança, colocando-se em interações com o ambiente em movimento, constitui percepções na experimentação dessas interações. O corpo em experimentação em dança, por sua vez, possibilita a construção de conhecimentos, realidades e sentidos singulares, em que ações e percepções se co-originam e se conduzem umas às outras num fluxo contínuo e variável na inter-ação com o ambiente. O corpo é, portanto, o campo de ações, percepções e construção de conhecimento pelo movimento.

Aqui interessa escorrer com Alain Berthoz (2000) para entender o caráter multissensorial da percepção e propor o movimento como um sexto sentido. Ou seja, o mover como um sentido que favorece o poder preditivo do cérebro/corpo. Pois, de acordo com o neurofisiologista francês, os receptores sensoriais presentes no corpo promovem uma “percepção consciente” do movimento, não apenas sobre a detecção de variáveis físicas, a exemplo da velocidade, aceleração, mudanças na força e pressão, como também prever o valor dessa variável em um momento futuro, dotando o corpo de propriedades perceptivas e preditivas pela ação, inclusive antecipando a natureza do movimento – tônica ou dinâmica, pela modulação sensorial do receptor.

Para tanto, em seu livro *The Brain's Sense of Movement* (2000), Alain Berthoz, apoia a tese do poder preditivo do corpo em relatos sobre espécies que desenvolveram habilidades cognitivas mais refinadas. Ou seja, espécies que foram capazes de estabelecer relações entre a percepção e ação, antecipando experiências passadas e usá-las a seu favor, a exemplo daquelas que economizaram alguns milissegundos na captura das presas ou anteciparam as ações dos predadores. Partilhas que assentam ainda mais que o “perceber é um modo de agir, é algo que se faz” (RIBEIRO, 2015, p.49).

Entendimentos que se aproximam com o que propõe Mônica Ribeiro, a “percepção deixa de ser um mundo pré-dado e torna-se a própria estrutura sensório-motora do sujeito percebido que, de maneira recorrente, permite à ação ser guiada pela percepção” (RIBEIRO, 2005, p. 50-51).

*Lizzie: Dançando conforme as emoções, conforme os sentimentos, os pensamentos do momento. Eu falaria que o que a gente aprendeu a gente não esquece, a gente ainda consegue aplicar ainda as técnicas, mas o que acontece é que a gente não tá mais ativo pra poder fazer o que fazia antes. Ainda tá...é aprender a transformar minhas emoções em arte, tipo um desenho ou escrevendo. É tudo mais prático, tem uma conexão da gente transformar o que a gente tá pensando, tá agindo em um verso, em um poema. É mais fácil, como assim...num tem mais aquela barreira que a gente tem de não conseguir botar pra fora.*

Dessa maneira, tanto cognição quanto percepção abandonam a ideia de um mundo pré-dado, abrindo-se com mundos que podem percebidos e criados. O que pode ser articulado a contornos e formas que se formam, deformam, transformam a cada movimento, constituindo uma transitoriedade das realidades co-originadas com o corpo. A compreensão corporificada da cognição e da percepção pela ação mexe com modelos estruturados em binaridades conflitantes e hierarquizadas como corpo e mente, razão e emoção, interno e externo, natureza e cultura, atestando a complexidade de nossas formas de vida.

Quando se fala em vida aqui é preciso compreender que não se trata de defesa de uma vida exclusiva e excludente, um conceito de vida essencialista e universalizante que é utilizado para segregar, explorar, exterminar.

Sabemos que vitalismo é um termo problemático. Alguns o associam às correntes mais suspeitas do ponto de vista filosófico, ideológico ou político, pois veem no nazismo um herdeiro que justamente abusou da defesa da vida ou da vitalidade, quando não lhe sequestrou o conteúdo. Mas o culto da força e da vitória, da hierarquia e do comando, da pureza da raça, da sacralidade da terra, da propriedade ou do Estado defende *uma* forma de vida exclusiva e excludente. É nas antípodas disso que seria preciso tornar a ouvir o termo *vida* (PELBART, 2019, p 18).

Dessa maneira, o que se compreende como vida não está dissociada dos modos como a vivemos, assim, vidas singularizadas constituídas em atravessamentos sociais e políticos, individuais e coletivos, e por isso mesmo, pode ser considerada em sua possibilidade diversa, em que habita o rastro de potência para não ser exclusiva à uma única forma dominante. “Para retomar termos já conhecidos, décadas mais tarde, trata-se ainda e sempre de uma vida não-fascista” (PELBART, 2019, p.18).

Considerando essa concepção e articulando-a com o contexto da pesquisa, vidas singularizadas são vidas que escorrem, não se desenhando por apenas forças da manicomialidade em que práticas relacionais reiteram hierarquias, segregações, exclusões e matanças, em que a lógica manicomial e a fascista se aproximam e se sustentam. Uma vida que se disponibiliza a se atualizar em outras formas, em formas diversas que seguem no fluxo das vazantes, uma vez que se disponibiliza à oportunização, experimentação e testemunho via movimento, via dança.

Ao escrever esse último parágrafo, recordo-me de Lizzie em uma de suas falas ao longo da entrevista, quando conversávamos sobre como ela se sentia e se percebia quando não dançava e também no instante em que dançava.

*Lizzie: Eu ainda fico confusa ainda, tipo, algumas dúvidas, algumas inseguranças sobre o que eu sou, sobre o que eu penso e principalmente sobre o que eu sinto. Eu penso assim, será que eu tô sentindo o que realmente eu tô sentindo? Ou eu tô sentindo o reflexo do externo?*

*Ana: O que você acha que acontece com tudo isso quando você dança?*

*Lizzie: Tipo um nascer, um surgir. De novas possibilidade deu ser novas pessoas, ter novas decisões. Dá muito autoconfiança. Quando eu danço, eu me sinto impulsionada. Quando eu não danço eu fico pegando ponto de escape pra ter essa vontade de ter um impulso mais além. Impulsiona a se descobrir como pessoa, descobrir através do movimento, através do corpo, através do que sente. Quando a gente vai pro grupo, a gente vai pro encontro e pra consulta não, a gente vai ter uma avaliação.*

Esse trecho da conversa gera reflexões sobre as relações que ela construiu com a dança enquanto experimentava e os sentidos que também foram sendo tecidos nas experimentações. Aproximo a dança vivida no grupo e as discussões realizadas no livro *Tiqqun: contribuições para uma guerra em curso* (2019) e em *Ensaio do Assombro* (2019) em torno de formas-de-vida.

No livro *Tiqqun* (2019), há uma colocação de que forma-de-vida “não se relaciona *ao que* eu sou, mas *ao como* eu sou aquilo que sou” (TIQQUN, 2019, p. 18). Existe, portanto, uma vida que não é predicação, mas um conhecer a si, um saber de si com aquilo que se é. Esticando um pouco mais a afirmação, como eu sou com aquilo que sou, emerge a sensação de uma ocupação, de uma habitação, de uma presença. Há um deparar-se. “‘Minha’ forma-de-vida não se relaciona *ao que* eu sou, mas *ao como* eu sou aquilo que sou, ou, dito de outra forma: entre um ser e suas ‘qualidades’, há o abismo de sua presença, a experiência singular que *eu* faço dele, em certo momento, em certo lugar” (TIQQUN, 2019, p. 18).

*Girassol: Eu me sentia livre, sabe...eu me sentia que ali era o meu momento, sabe...eu me sentia que ali eu podia me tocar, me sentir sem nenhuma preocupação...porque eu luto contra ansiedade, eu sinto que a gente sempre pisa um pé com aquela preocupação será que vai ter o chão, será que vai ter dinheiro pra pagar as coisas...então, quando eu dançava assim eu me sentia a pessoa que escrevia a própria história novamente, entendeu, sentia que ali ninguém ia me julgar, que se julgasse não tinha problema, me sentia livre, sabe...me sentia bem, sabe...me sentia que eu podia respirar novamente. Eu tinha ar e podia respirar, sabe...*

O processo de se deparar com a presença do que se é, segundo seus compartilhamentos, acontecia enquanto elas dançavam, quando experimentavam em dança. O que um corpo que dança possibilita perceber e percebe? Percepções de estruturas e composições do corpo iam sendo construídas quando se moviam. Nessas composições estavam presentes pensamentos, emoções, sensações, fluidos, dores, desejos.

Lizzie, Girassol e Neide trazem em suas falas a existência e prosperidade de um fio de água em sua potência de “escorrescência”, em que esse fio carrega em seus vazamentos e suas escorredeiras algo que eu não sei o nome, mas que é uma certa disponibilidade que é risco para a vida que já está, o risco de não se conter na forma, o risco de essa vida em forma tornar-se outra. Formas de vida que vão sendo tecidas na experimentação de si mesmas com as outras em dança.

A experimentação em dança e os processos perceptivos correlativos estabelecem um teor político no contexto terapêutico, pois todo um campo de sensibilidades vai se constituindo em meio ao que se possibilita perceber, como perceber e como vivemos com o que percebemos, mexendo nos processos de subjetivação dominantes. O experimentar em dança permite uma forma de lida singularizada com o que se percebe no momento mesmo do deparar-se. Essa lida é a dança escorrendo, percorrendo, atravessando. Uma dança que escorre é uma dança de travessias.

...

As ações em dança não apenas possibilitaram um questionamento do entendimento e da prática de dança a ser experimentada e desenvolvida ali, mas também questionaram relações e modos de ser com o outro. Experimentações de permeabilidade e provisoriedade das experiências de corpo e de mundo não dadas a priori, de modos de estar com o tempo e o espaço que a experimentação vai instaurando e também no modo de se perceber com tudo o que lhe habita no mundo.

A experimentação em dança possibilitou, a partir disso, a construção processual e transitória de pistas de entendimentos para o terapêutico. Assim, a compreensão que vem se desenrolando na pesquisa a partir da discussão que vem sendo feita é de uma terapêutica que se fez entendida numa complexidade de interlocuções de saberes e que se deu como um processo inacabado de construções de modos de ser com aquilo que se é, e não como uma prescrição de

intervenções que buscasse alcançar uma “melhora” ou “cura” enquanto um produto pronto almejado a ser atingido.

Na experimentação em grupo, cada mulher vai passando por esses processos cognitivos e perceptivos, construindo também um campo compartilhado e relacional, o que cria uma coletividade que considera as singularidades, não se tratando de um monobloco, já que as coletividades não são grandes blocos de concreto num sentido generalista e universalizante. É preciso partir de um pressuposto de que uma coletividade contenha em si experimentações singulares naquilo que as compõe enquanto coletividade.

As possíveis relações entre experimentação em dança em grupo e a construção de uma dimensão compartilhada, relacional e coletiva serão dialogadas com maior infiltração no próximo capítulo.

#### **4. MANGUEZAL**

O mangue é um ecossistema costeiro, assentando-se na transição entre os ecossistemas terrestre e marinho. Relaciona-se com a dinâmica das marés e, portanto, tem sua existência atrelada às suas alterações, constituindo-se com elas na constante variação de seus níveis. O manguezal está intimamente relacionado ao encontro de água doce e água salgada, de água de rio e água de mar. Uma intensidade de dinâmicas e relações de interdependência. Quais formas de vida se fazem possíveis? As vidas vão inventando suas formas ao se encontrarem. Nesses encontros, formam-se não só vidas em diversidade, mas a possibilidade de suas existências, de modo distinto dos ecossistemas que se avizinham. Em solos férteis a seu modo, com bastante matéria orgânica e pouco oxigênio. Nele, há muito sal. Um solo de lodo e pouca sedimentação. Mais uma vez, as vidas vão inventando suas formas, vidas que só podem ser com aquilo que nele há. Os manguezais tem suas áreas de preservação e proteção. Os manguezais são constantemente explorados e atacados.

##### **4.1 ÁGUA DOCE, ÁGUA SALGADA E RAÍZES AÉREAS: MODOS DE ESTAR E A TRAMAGEM DE CONDIÇÕES PARA UMA CONVIVENCIALIDADE EM DANÇA**

Outra cena real inventada

Eu estava cansada, muita cansada. Exausta. Esbaforida. Rompi naquela madrugada. Uma dor me consumia, sugava minha última gota de ar. Tudo se tornava lágrima e grito. Gemido. Sentia

necessidade do corpo de uma outra. Encostar, apoiar, sentir aconchego. Um buraco suficientemente quente na terra. O mundo me cansava, as ideologias ditatoriais de sucesso e fracasso. Percebi-me correndo, buscando sem saber de mim. Gritava. Meus seios e pés sangravam. A dor. Uma dor na carne, mas que ultrapassava seus limites. Era um clarão enorme que fazia doer. Um assombro. Não havia margens. Meu estômago latejava, eu não aguentava mais vomitar. Gritava por causa dessa dor que me ultrapassava, era além de mim. Senti como conhecida, ela me acompanhava desde criança. Ao mesmo tempo, surpreendi-me com seu tamanho e intensidade. Havia qualquer diferença. Eu precisava de outro corpo.

...

Quando fui convocada, ao final de 2017, para assumir a vaga de psicóloga no CAPS para qual havia passado na seleção pública da prefeitura de Fortaleza, senti-me como uma onda em arrebatamento. Algumas dúvidas apareceram: se suportaria a carga horária, se iria gostar desse campo de atuação, se saberia lidar com as intensidades e complexidades das questões e demandas que poderiam chegar até mim, entre outras. Acompanhando as dúvidas, emergiu um medo. Um medo de romper novamente ao me encontrar com os rompimentos do outro.

Eu vinha de uma atuação no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), em que lidava cotidianamente com violências e violações de direitos a pessoas idosas, crianças, juventude, mulheres, comunidades escolares, rurais e quilombolas, nos campos racial, étnico, de gênero, sexualidade e religiosidade com trabalhos individuais, grupais, comunitários e intersetorial. Além de uma prática clínica privada, com psicoterapia individual, e mediação de um grupo de experimentações em dança e educação somática com mulheres, também no setor privado.

Tais experiências se comunicaram para compor um chão de sustentação para lidar com o redemoinho que as dúvidas e o medo estavam se tornando juntos. No entanto, elas não eram predeterminações sobre modos de estar e atuar no CAPS, trouxeram-me uma sensação de chão que vai da praia ao mar, em que, ao ir adentrando, ia deixando de sentir o chão e aprendendo a sustentar o corpo na água sem encostar os pés na areia.

Essa sensação ia, pouco a pouco, criando um modo de estar com o CAPS e com o grupo que não era um modo preestabelecido, pois a cada entrada no mar, as composições se alteram em mim, no ambiente e nas interações que realizamos naquele momento. Por mais que algumas

ideias existissem antes mesmo de estar ali, como a construção de um grupo<sup>19</sup> em que pudesse se construir um espaçamento para experimentar-se em dança, elas não se davam de maneira instituinte e instituída. Foi preciso construir.

Os modos de estar com o CAPS e o com o grupo iam se constituindo a cada dia. Nem sempre fluido e desimpedido. Modos relacionais se reproduziam quase como protocolos. Ao mesmo tempo, estava ali um solo de mangue, rico em matéria orgânica e com pouco oxigênio e, portanto, com possibilidades próprias de vida que, para poder ser vida, cria suas formas articuladas com o que há no ambiente.

A construção do grupo dentro do CAPS apresenta-se aqui como contexto para o que move as argumentações e avivamentos nesse momento: a construção de uma “convivencialidade”. Como apresentado na introdução, estou chamando de “convivencialidade” tramagens que se compõem por relações mútuas em fluxos e movimentos entre os seres, constituindo uma rede de envolvidos porque nela se tramam pessoas, forças e processos, tornando-se ela mesma uma tramagem do social que se faz nesse contexto.

...

Lembro-me dos olhares. Ainda escuto nossos silêncios quando nos olhávamos, segundos compostos por uma sensação de estar em companhia silenciosamente. Em seguida, irrompíamos em palavras. Eu não me sentia distante. Sentia-me perto, junta. Queria estar perto, numa proximidade de dores, alegrias, vontades, redescobertas, invenções, medos, ousadias, caos, calma, mareamentos e afetos sem nome. Eu queria estar em um ajuntamento de desejos. Não tinha criado um modo de estarmos juntas aprioristicamente. Eu nem sabia como seria com elas. Não fui pronta. Eu fui inacabada. Talvez, esse tenha sido o modo primeiro que se fez: estar ali inacabada e sem buscar um acabamento, fez-me inventar um modo de estar que possibilitava que fosse compondo-me com elas em processos de mover o corpo e se inventar de novo. O avivamento dessas experiências-sensações por meio do escrever, reacende em mim a presença de Fransquinha, minha mãe, minhas tias, minha avó. Com quantos saberes inventados eu já havia convivido. É como se uma intensidade de mulheres e vidas se movimentassem e, ao me encontrar com elas em dança, era como se um oceano de mulheres viesse junto a dançar conosco em nossos processos de feitura de nós mesmas. Hoje, para mim, não havia outra forma possível de estar ali, pois parece-me muito difícil presentificar-se no mangue e ficar insensível às vidas

---

<sup>19</sup> No capítulo 2, conto sobre como se deu a construção do grupo no CAPS.

que ele é, que o compõem e que nele habitam e circulam. Ao seu cheiro de mangue. Afirmações, testemunhas e constituições com os fios de vida que escorrem e se expressam em movimentos que desejam.

...

Reinventar-se a cada encontro não quer dizer que existia sempre algo inédito, mas que, a cada encontro, era como se eu entrasse no mangue outra vez e não sabia se iria encontrar, nenhum, mais ou menos caranguejos, água mais cristalina ou mais turva, outras gentes, mais ou menos entrâncias do sol. Era necessário escutar o como cada uma ali estava consigo e com o mundo naquele exato momento. Eu não ia predefinida. Eu ia disponível, com o como eu estava ali comigo e com o mundo naquele exato momento.

No cotidiano do serviço e na rotinização do trabalho, com todo o aparato técnico que dispunha a partir de minha formação, eu poderia assumir posturas e práticas quase que unicamente embasadas nos constructos e manuais psicopatológicos. Não diminuo, de forma alguma, esses conhecimentos em minhas ações. No entanto, eu sabia que também existiam outros. O primeiro deles vinha de uma convivência cotidiana e familiar que eu já vivia desde que nasci, o segundo era o que vivia em minha própria existência e os mergulhos nas intensidades dos espaços de vida que vivi, depois havia a dança que escorria feito água em todos os outros.

Isso já era corpo e, portanto, eu não tinha a iludida intenção de retirar, apagar ou silenciar em mim quando encontrava as outras mulheres no grupo. Eu ia com o que já estava, mas não pronta, não predefinida a intervir no futuro. Eu ia aberta, suscetível a compormos juntas o que se criasse no encontro das nossas palavras, dos nossos silêncios, das nossas intensidades, dos nossos desejos, das nossas danças, dos nossos limites. Fomos descobrindo os nossos limites para lidarmos com o que emergia, afinal, não queríamos nos afogar em nós mesmas.

Eu não era neutra. Não podia ser. A não-neutralidade não pode ser confundida com falta de respeito, profissionalismo e ética. Na verdade, ela constitui uma outra ética. Uma ética que se constitui no que se aviva nas relações, nos movimentos dos desejos daquele tempo mesmo em que fluem. Uma ética viva e da vida e que questiona a constituição de éticas universalizadoras e sem corpos vivos.

Esse era o modo que fui encontrando nos encontros no grupo. Um psicóloga cartógrafa, uma dançarina cartógrafa e, agora, uma pesquisadora cartógrafa. Cada pessoa pode inventar o seu.

*Girassol: Assim...na época do grupo, eu tinha parado muito a minha vida, né...eu parei muito assim...éee...quando você...éee...eu não aceitava a depressão, né...quando eu comecei a aceitar, vieram as medicações e as medicações mudam muito o teu humor, né...e eu não sabia disso, aos poucos que eu fui sabendo, às vezes aumenta a ansiedade, às vezes, diminui, até ter uma quantidade assim melhor, né, da medicação que o médico fala...eu...quando aceitei a depressão, aí vem as medicações, passou esse tempo, eu parei a minha vida, parei de trabalhar, parei de estudar, eu parei...tinha semana que eu passava o dia no quarto, só tomando água e as medicações que eu conseguia tomar, né, às vezes, eu passava de meses no quarto, certo, sem sair, sem se alimentar, sem nada. Com o grupo, eu consegui pelo menos uma vez na semana no começo sair daquele quarto, às vezes, eu tava em crise e naquele dia eu conseguia sair, às vezes, eu achava um dinheiro e ia de carro, então, eu vi como era importante ter uma rotina... com dois ou três meses, talvez, do grupo, eu consegui reorganizar as minhas coisas, comecei a ler livros, a estudar um pouco mais, então eu comecei a viver, né, algo que só com a medicação eu não conseguia. Eu consegui acordar um pouco pra vida, né, que eu podia viver novamente, entendeu. Eu acho que só, só isso mesmo.*

...

A partir de algumas considerações sobre os modos de estar em grupo compartilhadas acima, retomo aqui a expressão presença cartógrafa sutilmente mencionada na Introdução dessa dissertação porque, hoje, percebo a relevância de suas pistas para a pesquisa, mas também para apontamentos sobre modos de estar no coletivo.

Há um motivo pelo qual retomo a presença cartógrafa nesse momento de articulações da pesquisa e da escrita: avivar a sensação dessa presença e pensar sobre ela (vem uma imagem-sensação de boiar levemente sorrindo numa suave correnteza de um rio com águas marrom e verde, com pedras ao redor, levantando a cabeça vez ou outra para ver se não ia bater em alguma) faz viver as possibilidades de construção de relações antimanicomiais.

Ela se tornou uma pista para pensar modos de atuações no campo da dança e da saúde mental enquanto espaçamentos para construção de ações e relações antimanicomiais. Não apenas como uma metodologia e um método para a pesquisa, a partir da qual venho revisitando o vivido e que me permitiu construir as perspectivas que venho assumindo até aqui, mas também me possibilitou criar um modo singular de fazer isso, singular não porque é especial

de quem faz, mas porque ela coloca a pessoa em condições singulares de construção do caminhar investigativo.

Na época em que o grupo acontecia, já conhecia a cartografia como metodologia, mas não a tinha deliberadamente integrado aos modos de estar ali. Ela aparece em escolha quando estou no processo de pesquisa de mestrado, constituindo-se como possível caminho para investigação, um caminho conversado com as necessidades e possibilidades do tempo da pesquisa.

No entanto, percebo que, de alguma maneira, o que falo de presença cartógrafa não se refere apenas ao que experimento ao desenvolver esta pesquisa, mas tem a ver com modos de estar e se colocar em relação com o mundo que, observando hoje, parecia já me compor naqueles tempos, mais como um vislumbre do que como uma escolha deliberada. A presença cartógrafa, portanto, tem a ver com modos de estar e se compor com o mundo, com a vida; estar e se relacionar com o que se faz presente.

Parto, então, de construções nos estudos em e com cartografia compartilhadas por autoras como Suely Rolnik (2016). Remeto-me, a partir disso, a estados de estar implicados com o que se apresenta. Uma presença implicada com os processos. Uma presença que mergulha e se molha nas experimentações emergentes.

Portanto, uma presença que não está para e sobre, mas está com, constrói-se com. Entrar em uma região de mangue é se colocar em contato com vidas que se fazem no encontro de fatores, características, circunstâncias diversas que atizam os modos de viver. Água, terra, sal, caranguejo, musgos, peixes. O cheiro.

Cada forma de vida se faz com as paisagens que acompanha e com as quais se implica. Se uma forma de vida está implicada com outras formas de vida numa temporalidade e num espaço compartilhados, elas põem-se em risco de afetações pela forma de vida outra, arriscam-se a se tornarem outras, pois ao estarem presentes de um modo vulnerável e suscetível ao que se presentifica nas percepções, colocam-se em possibilidades de outras composições existenciais e vitais. “O cartógrafo se faz juntamente com as paisagens que ele acompanha” (ROLNIK, 2016, p. 65).

Talvez, seja justamente nesse ponto que fronteiras se esfumaçam por um campo de forças e sensações que borram a separação entre sujeito e objeto quando se pensa em modos de investigação científica, modos de práticas clínicas e práticas em dança no campo da saúde mental. E para que borram? Por que borram? Borram como? Há necessidade de borrar? Uma perspectiva que pretende mexer nas estruturações e conjecturações manicomiais com sua

herança colonial e as representações que põem no mundo não precisaria borrar minimamente as relações e dinâmicas que as engendram e sustentam?

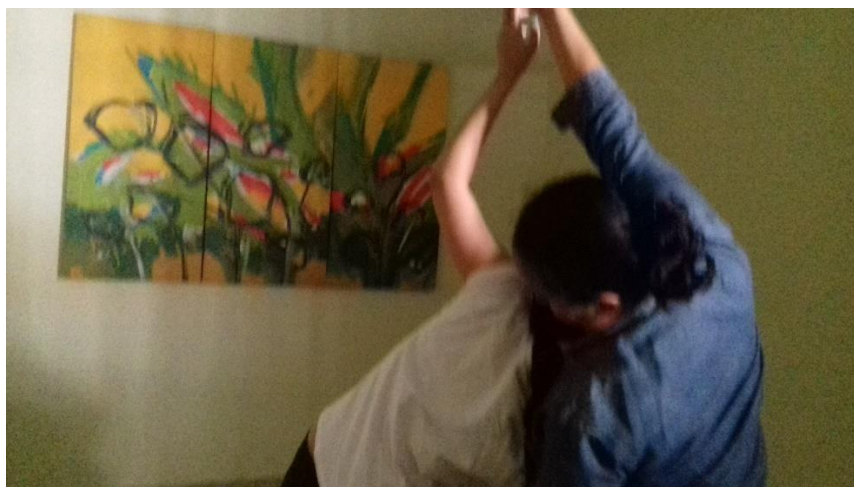
A presença cartógrafa, portanto, diz respeito à vulnerabilização do corpo às forças do momento e do contexto histórico no qual ele está que o afetam e atravessam. Essas afetações são geradoras de perguntas e sinalizadoras de marés, não apenas como indicativo de caminhos já necessariamente desenhados e representados, mas como arrepios na pele quando uma corrente de água fria a toca, um atijamento de possibilidades: uma atenção se investe na sensação. Uma presença cartógrafa não pode, portanto, ser prontificada aprioristicamente, ser uma ideia a que se pretende chegar como estado já desenhado. A presença cartógrafa é aberta, inacabada e transitória. E isso porque a presença cartógrafa não é cheia e plena em si mesma, ela vai se fazendo em “escorrescência”.

Baseada nisso, faço um passeio pela experiência que se apresenta com possibilidades e empecilhos. Quando me perguntam como era o modo que eu estava ali, fico sem saber dar uma resposta cheia de técnicas e procedimentos porque me parece que algo se presentifica e comunica antes em meu corpo: eu estava ali para compor, em níveis distintos de disponibilidade, mas em congruência com um estado de honestidade de corpo. Uma disponibilidade a vertiginar como consequência da desterritorialização que o entrar em contato com o outro, muitas vezes, causa-nos. Desterritorialização nas fronteiras das semelhanças e diferenças.

...

Havia uma disponibilidade que se fazia via dança. Ao movermos juntas, nossos corpos compartilhavam algo no mundo e expressavam as relações e articulações que cada corpo realizava com a informações tocadas e movidas. A dança, além de ser água, era uma travessia de uma para outra, com a outra. Uma água-travessia que escorria e nos levava nessa “escorrescência”, confundindo-nos com o ato de escorrer. Com o tempo, houve um certo abandono de verdades predefinidas sobre o corpo, sobre a dança, sobre si, sobre a outra e sobre como se vivia. Esse abandono ocorria enquanto se dançava. Acompanhávamos em nossos processos de fazimentos de nós mesmas. Era como se cada uma fosse uma compositora de si e da outra, envolvendo-se em estados, dinâmicas e relações de composição. Assim, criávamos caminhos de comunicação com o que emergia pelos movimentos do desejo.

**Figura 12:** Corpos em “escorrescências”



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

...

A presença cartógrafa se apresenta como uma porosidade radical que acompanha a feitura e a desfeitura de existências e formas de vida e, ao mesmo tempo, se faz de novo, se acompanha também em seus fazimentos pelas afetações dos encontros com os fazimentos e desfazimentos de uma existência em sua composição processual. Deste modo, a presença cartógrafa não pode ser jamais neutra. É sua condição de existência a suscetibilidade, a vulnerabilidade, a abertura a ser afetada.

Segundo Rolnik (2016), “Cartografia: é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2016, p. 23). A autora afirma que “Paisagens psicossociais também são cartografáveis” (ROLNIK, 2016, p. 23). A partir de tais afirmações, emergem as seguintes questões: quais relações e paisagens iam se compondo considerando o estado de presença cartógrafa na lida com as subjetivações via dança? Uma presença cartógrafa em dança acompanha quais transformações? O que se cria dela mesma ao acompanhar as transformações da paisagem?

A presença cartógrafa possibilita o acompanhamento e a construção de relações processuais e experimentais em dança e ela mesma também se faz aí e assim. Esse estado de presença permite, portanto, subjetivações processuais e experimentais circularem no contexto como outra via de subjetivação e não como subjetividades dadas e subjetivações padronizadas e padronizantes, que refletem processos de subjetivação dominantes.

Suely Rolnik (2016), em *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*, diz que “A prática do cartógrafo diz respeito, fundamentalmente às estratégias das

formações do desejo no campo social” (ROLNIK, 2016, p. 65). A leitura de Rolnik (2016) possibilitou que eu construísse as afluências que farei a seguir. Assim, a partir desses entendimentos, que realidade psicossocial se produzia pelos movimentos do desejo em dança nos nossos encontros?

Penso que o território em que se pode perscrutar as formações, estratégias e dinâmicas de expressão e circulação do desejo é o corpo. E, deste modo, a dança é uma possível abordagem dos movimentos do desejo. Mas como abordar e perscrutar os movimentos do desejo em dança? A dança enquanto linguagem do desejo no coletivo.

...

A compreensão de desejo, nesta discussão, não parte de um entendimento em psicanálise pelo fato de que não possuo construções teóricas psicanalíticas para tal argumentação. A pesquisa busca construir ideias a partir da prática em dança aqui investigada, ou seja, a prática vivida no grupo no CAPS, e que vão se constituindo enquanto se pesquisa. Pode ser que nem se chegue a algo conclusivo porque não seja mesmo o tempo de concluí-las, e sim germiná-las.

Portanto, busco abordar o desejo via corpo que dança, a partir do entendimento de corpo, já apresentado no capítulo 2, e da prática em dança em questão. Digo também que não se trata de desenvolver completamente esses vislumbres, entretanto, sinto que não é possível abrir mão deles. Talvez, seja isso também: um processo de produção de conhecimento pode se dar como vislumbres e menos como certezas acabadas.

Assim, começo a pensar que desejo pode ser compreendido como uma tramagem de forças propulsoras de movimentos. Isso não quer dizer que os movimentos serão qualificados segundo classificações de cunho moral, como bons ou ruins, bonitos ou feios, entre outras. Mas podem ser considerados em sua disponibilização à vida segundo a intensidade das forças que o propulsionam e aí está o seu teor político e ético.

A dança poderia se constituir como uma linguagem do desejo? A linguagem do desejo como dança não é reproduzir sentidos já desenhados, mas se constitui enquanto um processo que ocorre via produção de borramentos mútuos entre o que vai se constituindo e o que já está sedimentado e simultâneas elaborações próprias de significações provisórias e sentidos estabelecidos. Ideias, afetos, imagens de mundos já desenhados convivem com construções que se fazem exatamente enquanto se dança.

É aí que vaza, via movimento em dança, a construção de uma linguagem singular que já se relacionou compositivamente com a que já estava estabelecida, tornando perceptível as intensidades e tramagens das forças, mas não necessariamente decifrável e traduzível, pelo movimento e seus respingos. Aqui, o lugar da linguagem enquanto criação de mundo borra as representações e estereótipos que uma vida pode ter de si mesma e outras formas de vida possam presentificar-se, mesmo que seja apenas enquanto se dança.

A abordagem do desejo pela dança pode ser pista para ações antimanicomiais em saúde mental e na própria dança porque ela, a dança, enquanto linguagem do desejo, possibilitaria que forças de ação interditas e silenciadas encontrassem vias para escorrer e desaguar. A dança, portanto, é água que escorre e é travessia para que ela mesma escorra e deságue. Porém, não se trata meramente de uma catarse, muito menos de salvação (mesmo que não se controle as produções de sentidos que possam ser realizadas), mas de possibilidade de construção de outras formas de vida porque cria fluências em termos de linguagem e de discurso sobre uma determinada existência.

Uma abordagem do desejo pela dança envolve perscrutar-se em seu próprio corpo na relação com o mundo. Não há possibilidade de neutralização porque desejo é implicação com o mundo, o que mexe nos lugares de verdade estabelecidos em e por pessoas, processos, conhecimentos. Tais fluências são insurgências que, ao insurgirem, fazem tremer a terra que sedimenta relações e ações de silenciamento, opressão e matança de formas de vida específicas. Portanto, abordar o desejo pela dança é sentir as forças em suas intensidades ao mover-se na relação com o mundo. “Não somos seres senão nas maneiras de ser, ou ainda nas relações de composição que provêm do fato de que existir é fazer existir a existência de outros seres” (PELBART, 2019, p. 45).

A dança como linguagem do desejo cria suas maneiras de se dizer e se comunicar, cria suas “escorrescências” para dizer-se com o corpo sendo em movimento. A possibilidade de construção e compartilhamento dos desejos via dança vai instaurando o espaço para uma “convivencialidade” processual e correspondente ao que se experimenta e vivencia no presente e na presença uma das outras. “Convivencialidade” que demanda uma disponibilidade a ser tocada e afetada, a tocar e afetar, permitindo, portanto, que os corpos se tornem outro. Outro não quer dizer que tudo o que existia deixou de existir; outro pode ser uma produção de diferença para aquela vida, diferença produzida nos encontros dos corpos com as informações do mundo.

Quando algo não é igual ao que está posto, produz uma modificação no existente. Essa é a proposta. Vale repetir, pois parece simples, mas contém mais peças do que parece, em uma leitura ligeira: quando algo não é igual ao que está posto, ou seja, não é como nenhum dos componentes de uma coleção, se diferencia de todos eles, traz, para esse conjunto, o que nele não existia. Por isso, nele produz uma modificação. Antes, tudo era igual, e agora, chega algo diferente que, por ser diferente, muda aquela igualdade que existia antes, ou seja, não é apenas uma coisa diferente que chega, mas a sua chegada também produz uma diferença (KATZ, 2021, p.24).

...

Poesias, fotografias, angústias, apatias, euforias, vertigens, paralisias, fúria, alegria, transformações lentas e abruptas, tudo isso ia pedindo espaço de afirmação de existência. Íamos, aos poucos, construindo modos de nos relacionarmos com as intensidades de cada uma e de todas ao se encontrarem e se intercambiarem pelo movimento. Fomos construindo uma “convivencialidade” assentada na honestidade de nossos movimentos.

Uma “convivencialidade” que tinha espaço para o que emergia sem nome e sem definição, para o que surgia enquanto desconhecido em movimento e em relação, e que, diante disso, inventávamos sustentações para não nos diluirmos completamente em territórios abismais. Para sustentarmo-nos, dançávamos, testemunhávamo-nos. Uma “convivencialidade” sustentada no coletivo. Estávamos ali como agentes e testemunhas da dança das forças que agiam em nossos encontros. Como os pneumatóforos nas raízes aéreas, que na relação com excesso de sal e pouco oxigênio no solo se inventam para oxigenar a existência. Quando disse que ao romper, eu precisava de outro corpo, eu falava de outra forma de vida, uma forma de vida que dança em uma antimanicomialidade enquanto vetor de subjetivação.

Quando falo de linguagem, não intenciono discutir esse campo de modo a desenvolver grandes aprofundamentos. A pesquisa se debruça sobre dança e saúde mental, portanto, acredito que muitas nuances de conteúdos e conhecimentos que atravessam o campo dos processos de subjetivação na relação dança e saúde mental, como cognição e linguagem, pedem espaço para aparecerem enquanto possíveis afluências desenhando caminhos. Como consequência, trago alguns apontamentos que me perpassam nesse momento de articulações da escrita.

Tedesco (2015) reorganiza o campo dos estudos da linguagem em dois grandes setores que apresentam características e implicações que lhe são particulares. O primeiro deles diz respeito a um teor mais formalista ou representacionista da linguagem. Nesta concepção, a linguagem se dá em relação a uma dicotomia entre o plano dos fatos e o plano dos signos, em que estes teriam a função de designar e representar o mundo, mas não de potência de ação sobre os fatos do mundo. Há um paralelismo, todavia, não há uma relação de mutualidade, refletindo

uma concepção que trata os signos como não implicados com os processos e as experimentações existenciais.

A ênfase na dicotomia, implica na ausência de ação recíproca entre os dois planos e comporta consequências relevantes à configuração da linguagem. O distanciamento da linguagem em relação aos fatos do empírico, de um lado, o isola dos efeitos contingentes destes, passíveis de modificá-la significativamente, e, de outro, a destitui da função de agente de transformações no mundo real (TEDESCO, 2015, p. 114).

O segundo setor, que a autora chama da perspectiva pragmática da linguagem, considera a existência dos planos dos acontecimentos e dos signos, entretanto, concebe que eles se articulam em ações de interferências mútuas entre si. A partir disso, a linguagem é considerada implicada nos contextos e, assim, não poder ser considerada em termos de estruturas universais e gerais, apontando sua condição de singularidade e, também, provisoriedade. “Não se deve confundir singular com individual. A singularidade da linguagem reside no seu caráter único de acontecimento, isto é, potência portadora de sentidos novos, inesperados” (TEDESCO, 2015, p. 29). Assim, pode-se dizer que a linguagem é também considerada em sua perspectiva coletiva de forjamento de mundos, já que signos e enunciações se articulam e se intervêm reciprocamente nos contextos sociais e culturais em ditos e não ditos.

A partir de tais considerações, a dança como linguagem do desejo se refere à potência de ação da linguagem no mundo, e não à sua representação. Esse caminho se fez possível via experimentações em dança, de uma dança experimental e investigativa. Desse modo, não se trata de uma mera redução dos movimentos dançados a um mundo de sentidos preestabelecidos que busca uma inteligibilidade das sensações e percepções.

A linguagem não se trata aqui de um meio apenas para representar o mundo, mas um caminho de criação de mundos. Porque se constroem outras maneiras de enunciação, comunicação e demanda outras maneiras de escuta em que toda uma complexidade e diversidade de sensibilidades se compõem em sua constituição. Uma linguagem enquanto possibilidade de conhecer mundo (com regiões estabelecidas e outras a se fazer convivendo e afetando) a partir de experimentações compartilhadas. Uma linguagem, portanto, singularizada e coletiva.

A linguagem e o desejo estão e se dão implicados no mundo, no corpo no mundo. Pensar nas relações entre desejo, linguagem, corpo, dança e antimanicomialidade é começar a conhecer a água se comendo e se apresentando eu seus diversos modo de estar.

A linguagem do desejo se constrói via movimento em dança. Se consideramos esse corpo que dança um corpomídia, a linguagem que se constrói com esse corpomídia, nele e com

ele na sua relação de processualidade e mutualidade com o ambiente, não pode ficar restrita a significados e sentidos dados, representados e representativos.

A dança enquanto linguagem do desejo se constrói em um corpo que, ao se mover e estar em contato com as informações que chegam, faz conviver intensidades de sentidos sedimentados, lamacentos e os que ainda são ar. O corpomídia enquanto dança faz conviver nexos de sentidos já dados com sentidos que ainda estão se fazendo na relação de mutualidade corpoambiente, possibilitando a insurgência de uma linguagem que vai se transformando com o movimento. Essa linguagem do desejo se modifica com o corpo que dança, que se modifica por ela. É a possibilidade de criar vias de travessia. Mexe na formação e na circulação do que é expresso, mexe nos lugares de poder do que pode ser dito e de quem pode dizer.

Uma perspectiva antimanicomial também precisa considerar a diversidade de ações do desejo no coletivo. Essas ações se dão via corpo, o que mexe no lugar do corpo na saúde mental. A dança enquanto linguagem do desejo mexe no lugar que é dado ao corpo como espaço de comportar o mental, como uma tela de sintomas e recipiente para intervenções que não consideram o corpo enquanto agente e território de existências. Um corpo gerido por medicalizações e verdades alheias sobre ele. Por mais que se fale de sua importância no processo de construção de saúde, ele aparece relegado a planos coadjuvantes, não se pensa nele enquanto lugar protagonista da existência.

...

Nesse momento da dissertação, outras pessoas também entram para compor a escrita, além de mim, Lizzie, Girassol e Neide, construindo pistas para abordar o que a dança e o grupo fizeram viver no CAPS enquanto um dos espaços e equipamentos de efetivação da Política de Saúde Mental. Profissionais do CAPS e familiares também apresentam suas percepções sobre as ações em dança vivenciadas no grupo. Para os profissionais serão utilizadas as nomenclaturas Profissional 1, 2 e 3 como modo de preservar suas identidades. Pelo mesmo motivo, para os familiares será utilizado Familiar 1, 2 e 3.

Percebo que há um certo reconhecimento do que se constrói em dança, nesse espaço de saúde mental, através dos efeitos percebidos. Talvez, por ser um espaço de saúde em que grande parte das perspectivas estejam pautadas na relação causa-efeito, presença de sintoma-ausência de sintoma. Além de que, é compreensível que, quando se lida com sofrimento, o que se quer, muitas vezes, é amenizá-lo, o que tem sua legitimidade. Ademais, dependendo do lugar a partir do qual se relaciona com a dança, as perspectivas, as percepções e os interesses mudam. Como

já dito, não se busca controlar e classificar as percepções e compreensões que emergem, mas testemunhá-las enquanto forças que circulam e habitam as relações que se tecem com o corpo e com a dança nesse contexto.

**Profissional 1:** *...eu tô há 16 anos como concursada no CAPS. Mas, de fato, eu passei de 2004 a 2013 afastada, né, e voltei no começo de 2014 pra cá. Então, de fato, eu não sei te falar se ao longo desses anos todos no CAPS, se teve em algum momento grupo de dança, né, eu não sei precisar isso. Eu acredito que não. Nunca ouvi falar que tenha tido grupo de dança. Então, possivelmente, é o primeiro grupo de dança, né, realizado por profissional aqui. Pode até ter tido alguma atividade de dança, mas não de profissionais efetivos do quadro do CAPS, né. Então por si só, né...ééé... um grupo de dança no Caps eu acho que já foi algo bem...ééé... especial, inovador, né, dentro das ações, né, desenvolvidas nesse CAPS, né. Porque este CAPS aqui...assim...tem uma história, né, de muitas atividades culturais, né, tinha projetos de intervenção mesmo, né...ééé... de inserção em diversas linguagens da arte, da cultura. A gente já teve artista plástico durante muitos anos e tal...então sempre foi um CAPS que teve muita essa perspectiva, né... inclusive como algo amparado mesmo pelo que a reforma psiquiátrica coloca, né, que a atenção psicossocial, né, ela tem que abranger essa perspectiva de trabalhar, né, com linguagens de arte, né, na perspectiva de fomentar, né, um processo terapêutico mais amplo, né, para os usuários do CAPS, né, os pacientes do CAPS.*

*...eu acho que é isso, que a dança na Saúde Mental, na verdade, eu acho que deveria ser muito mais utilizada como uma perspectiva terapêutica ou sei lá o nome (risos), porque às vezes eu não sei os nomes técnicos...mas eu acho que a dança na Saúde Mental se ela fosse melhor...ééé...se fosse trazida mais para os CAPS como uma perspectiva, né, de experimentação porque...ééé...normalmente, as pessoas que tão em acompanhamento na Saúde Mental, perdem muito o contato com o...eles têm contato com o corpo, mas às vezes...ééé... muito, muito transitado com o medo ou então achar que...tem o viés da religião muito forte nas pessoas, né...aí o medo da coisa da sexualidade...quantos pacientes a gente atende que a coisa da sexualidade ela transita na maior parte das falas, né e tal...então, eu acho que a dança traria uma relação mais saudável com o corpo deles, corpo, mente, alma, o que for, né, então, assim, ééé...seria...uma pequena experiência que a gente teve aqui com um grupo pequeno a gente percebe como tem efeitos assim importantes e não são... ééé...estão nas filmagens, nas fotos, como a gente percebe...o que a gente tá falando aqui tem concretude, né...*

**Profissional 2:** *Elas chegavam aqui assim... quando elas chegavam aqui... era assim... notava muito sofrido o olhar dela... aí diziam quando saía da dança "Ai, como foi bom pra mim, foi tranquilo". Aí ficava contando os dias para voltar de novo pro grupo.*

**Familiar 1:** *Eu acho essencial porque eu vi o jeito que ela chegava em casa. Às vezes, ela dizia: filho, vamo dançar comigo? A convivência era mais harmoniosa, melhorava muito, demais. Porque eu não sei o que a dança faz, mas eu acho que a dança trabalha a mente da pessoa, né...ela ficava mais tranquila, sabe, ela se sentia bem. É tanto que quando acabou esse negócio, ela ficou triste: filho, acabou a dança. E agora o que é que eu vou fazer? Ela falava tudo isso aí pra mim: ontem, eu dancei...você chegou a dançar com ela alguma vez, a senhora? Ela contava tudinho: eu dancei com a doutora...ela chamava de doutora.*

**Neide:** *Eu percebo que eu tenho menos crise da doença, de, de, como é nome, de ansiedade não, que dá o nome...éee...crise que eu sinto...crise de...essas crises assim de tá ouvindo vozes, né, de ter aquela...pensando que tem alguém querendo me pegar, essas coisas, né...aí parece que a dança parece que diminui, sabe, essas crises, elas ficam mais distantes...*

**Profissional 3:** *Primeiro, assim, eu acho fundamental haver esse tipo de terapia porque aqui como a gente não pode e nem deveria centrar o tratamento nem na psicofarmacologia, na medicação e nem somente na psicoterapia, né, a gente tem que ter, tem que ampliar esse arsenal terapêutico, então, propostas como a massoterapia, que atualmente tá tendo, né, terapia ocupacional e entram aí outras como, eu acho muito interessante a da dançaterapia...também que é algo que eu nunca tinha na verdade entrado em contato, assim, nunca tinha visto, por exemplo, na residência e nem tinha ouvido falar de instituições ou de CAPS que realizava esse tipo de abordagem...eu achei muito interessante, veio complementar também essas outras abordagens, né...e eu entendo assim que alguns pacientes não se adaptam éee...ou ou...ou preferem algumas abordagens a outras...eu imagino que exista um campo muito grande aí pra dançaterapia ter o seu papel no CAPS. Eu vejo assim, é, na avaliação do que seria melhor pra paciente que é uma avaliação conjunta, né...você, o paciente, e tal...você vê do que que o paciente pode se apropriar como recurso terapêutico, né, conforme eu falei, né...alguns pacientes se adaptam ou gostam de uma determinada modalidade ou tem interesses assim mais direcionados por música, por exemplo, né, e gostariam de estar num grupo de música, vejo que pacientes podem ter interesse também em estar num grupo de dança, numa*

*dançaterapia, principalmente se forem aqueles que podem se beneficiar dessas questões de expressão corporal mais diretamente, né...*

**Familiar 2:** *Quando ela começou a dançar no grupo, eu achei assim excelente o jeito dela, excepcional a pessoa...assim...que participa do grupo, aí eu achei muito assim...éee...como é o que ia dizer...muito importante pra pessoa, foi muito importante pra ela. É porque quando ela vinha, ela vinha mais alegre, muito alegre. No dia, na semana que eu dizia pra ela que não dava pra gente ir, ela já ficava por ali e dizia: não, vamo dar um jeitinho da gente ir...aí eu ia, mas eu nunca deixei de ir não, mas só às vezes que eu não tava querendo ir, mas ela: bora. Aí eu via a vontade dela, né, a dança dela, aí eu aproveitava e não deixava de ir.*

Por se tratar de um espaço e contexto terapêutico, essa via é recorrente e se faz necessária. É frequente pensar a dança como terapia. Assim como qualquer outra ação que venha a ser desenvolvida, logo, é associada à possibilidade de sua condição terapêutica. Dança, música, artes plásticas, quando adentram o CAPS ganham quase que automaticamente um teor de recurso terapêutico, busca-se um fio que permita criar esse tipo de laço.

Um lugar e uma construção de sentido em torno da presença enquanto recurso terapêutico, como um instrumento através do qual pode se promover algum bem-estar, encarada em suas possibilidades de gerar melhoras na vida da pessoa. Mas a dança também pode gerar dores, constrangimentos, exclusões de corpos. Mesmo que os efeitos percebidos sejam considerados positivamente por essas pessoas, é preciso ressaltar que poderia ter acontecido também de gerar efeitos considerados negativos. O que quero dizer é que não é interessante criar e conceder um único sentido universal à prática em dança vivenciada, pois seria mergulhá-la em um teor manicomial e colonial.

No caso específico da dança, que em contextos terapêuticos pode ser associada à terapia e em contextos educacionais, à recurso educacional, pode-se levantar algumas discussões em torno de sua configuração apenas como recurso, questionar o que se compreende enquanto tal e como se estabelecem as relações com isso. No entanto, o que mais chama a atenção para essa investigação e discussão é que se esquece ou se omite ou nem se percebe que a dança é um campo de conhecimento e, como tal, espaço de produção de conhecimento.

Ao perceber a predominância da lente terapêutica para se olhar a dança, penso também que esse lugar que é dado a ela tem ligação com o lugar que é dado ao corpo na saúde mental. Onde está o corpo na saúde mental? Como já colocado, o corpo que existe tão obviamente que parece não existir, ou que lhe é dado um lugar de recipiente de intervenções, um objeto sobre o

qual se fala e a que se silencia, um lugar de casa de sintomas e ainda de coadjuvante da existência quando se refere às questões sem saúde mental. Quando assim se compreende o corpo, a dança vem como instrumento para sanar ou amenizar as consequências das relações que se estabelecem com ele a partir desses lugares.

É inegável a percepção dos efeitos que a dança proporcionou a essas mulheres tanto por elas, como pelos profissionais e familiares envolvidos. E acredito que isso é válido e legítimo. Elas também dançavam para se sentir bem com elas mesmas. Mas como mediadora e pesquisadora em dança, a percepção dos efeitos atiza o lugar de investigar o que essa prática em dança possibilita para que se sinta e perceba tais efeitos, o que acontece com o corpo, em toda sua complexidade social, biológica, política, quando dança?

Considerar que esse corpo, ao dançar, está gerando não apenas efeitos, mas conhecimentos sobre o próprio corpo, a própria dança que se dança e sua mediação, sobre os modos de vida e sobre relações em saúde. O que a dança traz é a possibilidade de arejar o campo de conhecimento da saúde mental, o que se define e compreende como terapia, cura, crise e como se relaciona com essas concepções nesses espaços, trazendo o corpo para a centralidade das discussões, transbordando as ideias de que conhecimento em saúde só se produz em saúde, conhecimento em dança só se produz em dança, conhecimento em matemática só se produz em matemática, etc. Uma produção de conhecimento em dança que extrapole o campo da dança, uma dança que escorre.

Nenhum problema em querer dançar e se sentir bem, a questão é que não se deve reduzir a dança a uma dose de medicação. Talvez, o sentir bem em dança tenha justamente a ver com toda essa construção complexa que se faz do corpo que dança com formas de vida que pode engendrar.

Ao conversar com um dos profissionais durante a entrevista, trouxe esse lugar da dança enquanto campo de produção de conhecimento, como era pensar e olhar para a dança a partir dessa compreensão. A pergunta não estava no roteiro, porém se fez como urgência durante a conversa.

***Pesquisadora:** O que você acha, a partir dessa compreensão de que se produz conhecimento em dança, como você acha que os conhecimentos produzidos via corpo que dança podem coexistir e dialogar de maneiras múltiplas com essas discussões, até mesmo protocolares, diagnósticas, essas discussões mais assentadas no CAPS, no campo da saúde? Se você acha que isso pode acontecer e como?*

**Profissional 3:** *Eu acho que...com certeza...eu acho que pode gerar tanto...eu pensei agora, enquanto você tava falando, como se fosse também uma chave ir abrindo, uma chave na fechadura abrindo portas, então, portas de descoberta, né, de expressão...e aí eu não posso deixar de lembrar da paciente, né...que veio pra mim, né, já tava em atendimento com psiquiatra anterior com a suspeita de diagnóstico de esquizofrenia, né, interrogado, e era muito marcante pra ele também e, inicialmente, pra mim o que a gente chama de embotamento afetivo, que é um sinal, né, chamado sintoma negativo na esquizofrenia e que a pessoa tem uma baixa expressão afetiva, né, uma baixa variação...não modula muito o afeto e isso faz parte do diagnóstico, inclusive, nos critérios, vamos dizer assim, para gente colocar como sintoma negativo da esquizofrenia...e como ela parecia, vamos dizer assim, não se expressar tanto afetivamente, né, parecia realmente muito assim uma esquizofrenia mesmo tal...mas a surpresa de ela ter uma expressão éee...tão vívida, né, e tão rica...que aí a gente descobriu isso...além da produção literária dela escrita, né, mas principalmente por conta da dança...foi uma surpresa na verdade pra mim e me fez inclusive questionar esse diagnóstico. Então, isso aí foi um conhecimento que veio da dança que interferiu, vamos dizer assim, positivamente no meu conhecimento psiquiátrico a respeito da paciente.*

Quando a dança possibilita outras percepções pelo movimento, outras forças transitam, tramando outras relações. As ações em dança que buscam seguir um caminho antimanicomial e que, neste trabalho, constituíram-se em proposições de experimentação, movem uma espécie de força que aviva a legitimidade do corpo enquanto próprio, e não como alheio. O movimento desloca as relações com ele, com o corpo e com o mundo e isso vai construindo outras dinâmicas relacionais e de “convivencialidade”, em que o corpo pode existir como ele é, criando formas de vida com o como ele é.

**Figura 13:** Escrita de Lizzie ao longo do grupo.

Dança é expor os sentimentos, emoções, sensibilidade, dor, solidão, e ter momentos de ouvir o corpo momentos de intimidade de se permitir se lançar até esquecer as outras circunstâncias, consolar e aceitar você mesma quando não existe pessoas compreensivas e atenciosas. Tentar preencher lacunas que existem dentro do nosso ser. forçar mesmo nos momentos de fragilidade para superar limites, proporcionar sensações diferentes com toques novos movimentos liberdade de se permitir fazer o que não é considerado normal e fugir das regras como dançar no chão e sentir energia.

Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Essas forças diversas convivem, se alternam e se atrelam. A dança na saúde mental cria justamente possibilidade para deságues em fluxos diversos. Ela ensija, minimamente, redemoinhos em relações estereotipadas com o corpo das pessoas em sofrimento psicossocial e, por que não dizer, em dança.

**Girassol:** Assim...como eu não tenho muitos amigos, né...infelizmente não é de hoje que eu tenho essa depressão, essa síndrome de borderline o tempo todo, esses anos todos da minha vida eu perdi muito círculos de amizade, né...então foi um pouco de ter uma família. Lá eu me lembro que a gente sentia o corpo, eu comecei a sentir o meu corpo... eu, eu podia ver que outras pessoas sentiam o que eu sentia, eu não era só no mundo, né...ééé...porque quem tem essa ansiedade, a cabeça parece que vai pirar muitas vezes, né...parece que a gente vai ficar, a gente vai endoidecer. E eu vi que não era só eu, tinha outras pessoas, né...tinha outras meninas lá que sentiam a mesma coisa, que às vezes a gente pensa assim por que eu, né...e naquele lá, naquele momento lá eu sentia que não era só eu, entendeu, que sofria, que ia passar, né. Eu acho que o mais importante lá era sentir o corpo, sabe...que às vezes você...pelo que eu...o abuso sexual que eu passei, né...e pelos assédios que eu passei...com tempo a gente tem

*medo de tocar o nosso próprio corpo, a gente tem vergonha, como se a gente fosse, a gente que fez o mal, a gente fosse culpado. E a gente não é o culpado, né. O bom de lá foi isso, entendeu, de ter um tempo nosso, né.*

**Familiar 2:** *A existência do grupo no CAPS é assim, o que achei...porque naquela dança que faz elas se mostrar o que elas tão sentindo, através daquela dança a gente vê que, a gente vê assim o jeito que tão se expressando através da dança...aí como a gente consegue analisar o que eles tão sentindo...através da dança. É muito importante porque através dessa dança que ela tava lá, eu não imaginava que ela fosse, assim, acompanhar o grupo. Porque ela é muito tímida, eu acho ela muito tímida, eu achava que ela não fosse acompanhar, mas ela acompanhou bem direitinho. É assim...o acompanhamento, eu achava que ela não fosse acompanhar porque ela é muito tímida, né...aí nas duas primeiras semanas, eu achei eu ela foi...bateu o recorde lá, acompanhou mesmo, sério mesmo na dança. Como ela é muito tímida, eu achava que ela não era capaz, tá me entendendo? (O filme Pina foi exibido na sala de espera para profissionais, familiares e usuários do serviço. Ao assistir, perguntou à usuária integrante do grupo se ela dançava como as pessoas no filme. A usuária respondeu que dançava parecido). É assim...é porque eu achei, assim, a coreografia da dança como se...ali é pra uma bailarina, né...o corpo da pessoa é diferente de outra...porque eu dizia assim: valha, essa dança aí, essa jovem é tipo uma bailarina...tu foi capaz de dançar assim? Porque o corpo dela é mais, né...o corpo dela é mais assim...não é como o corpo de uma bailarina que se joga prum lado, se joga pro outro e vai na frente...aí que achei que ela...fiquei assim (fez um expressão com a cabeça como se tivesse ficado surpresa). Eu tô querendo dizer assim...a musculatura esquelética da pessoa, né, fazer aquele gesto...eu achei que ela não fosse capaz...eu achei muito assim...a musculatura dela não era como de uma bailarina porque ela nunca praticou esporte...aí achei que fosse ser difícil pra ela fazer.*

**Profissional 1:** *Porque quando você vai pensar a dança, né, pelo menos o pouco da minha percepção e da vivência do grupo em 2018...quando você pensa em dança, corpo, na verdade, é esse sujeito como um todo que tá ali, né, que se apresenta, né...e se esse sujeito ele traz em si alguns estigmas, ou seja, a questão racial, de gênero, de ser uma pessoa que...a gente teve pacientes que eram bem gordinhos assim, né...então, quantas coisas que aquilo ali não mexeu com ele, né...do ponto de vista do contato dele com ele, com o corpo deles, com a energia sexual também, né, que às vezes a gente percebia também que tinha uma energia...Eu nem sei qual o nome ainda, do ponto de vista que diz...então, assim, é por mais que não fosse naquele momento*

*a grande política do CAPS, Eu acho que acabou que é...como o serviço não tem o olhar mais amplo pra isso...você faz aquela atividade, né...você e o coordenador e os seus alunos e ainda muito de forma muito pra vocês...é um processo ainda privativo, né...privativo no sentido de que, né, exige um afastamento do serviço como um todo por mais que você esteja dentro do serviço...a sensação que eu tinha quando entrava no grupo é que era um outro espaço, né...não parecia ser aqui no CAPS porque o CAPS tá tão longe de pensar esses processos, né, que...principalmente quando a gente foi praquela última sala lá, no começo tinha uma dificuldade de espaço...eu mesmo, assim, me deslocava porque era tão fora da realidade daqui o que o grupo oferece, tá entendendo? Éee...éee...é algo que está dentro, mas está fora...aí tu imagina se a equipe como um todo tivesse essa concepção, né...ou pelo menos conseguisse entender como aquilo ali traz repercussões positivas pra vida do paciente, tá entendendo...*

...

#### 4.2 O SOLO QUE PERMITE VIDAS DIVERSAS: MODOS DE ESTAR EM DANÇA E AS PISTAS PARA AÇÕES E RELAÇÕES ANTIMANICOMIAIS E DECOLONIAIS

Quando construía a proposta para cada sexta-feira, organizava-me por meio de uma escrita que, ao escrever, ia experimentando comigo mesma. Escrevia de um modo que fosse assessorando minha memória no momento de compartilhar as proposições com o grupo. A maneira como era dita não era necessariamente como estava escrita, que funcionava para mim mais como uma orientação, e não como algo a ser rigidamente efetuado.

As mulheres também me sinalizavam se o modo como eu propunha estava compreensível ou não e eu ia me articulando com isso. “Lá se vem a Ana com esses nomes difíceis”, Neide dizia quando eu falava os nomes científicos de regiões e estruturas do corpo. Às vezes, levava figuras para reconhecermos em nossos próprios corpos tais estruturas e, mesmo atestando a existência da nomenclatura científica, recorriamos a nomes que fossem compreensíveis para todas nós. Essas falas honestas eram tão preciosas porque indicavam os caminhos de comunicação por quais poderíamos seguir.

Muitas vezes, as propostas mudavam ao longo do encontro, com inserções de ações que eu não tinha posto no papel ou retirando algo segundo o que ia emergindo naquele dia. O que elas compartilhavam de percepções eram sinalizadores para as seguintes proposições. Os próprios movimentos eram indicadores para as ações a serem propostas. Fomos construindo uma escuta íntima com os nossos corpos a partir da percepção de seus estados, o que foi se

tornando um dos fios tramadores de uma “convivencialidade” em dança. Uma “convivencialidade” dos corpos com seus estados no tempo em que se dança. Isso possibilitava que o movimento pudesse desestigmatizar o próprio corpo na saúde mental.

*Profissional 1: ...a gente tem diversos grupos aqui, né, diversas linguagens e tal nesses anos todos...mas muito relacionado à arte de forma geral, confecção de pintura, tal...eu acho que a dança de fato foi a primeira vivência que eu vi acontecer aqui de dança mesmo...então, ela por si só e a forma como a gente conduziu o grupo, né, tinha uma relação de muita intimidade, é isso que eu tô querendo dizer...então, aquilo ali era muito vivenciado por elas e por nós de uma forma muito cuidada, zelosa, intimista...então, de fato, parecia muito diferente de tudo que a gente tinha por aqui, né...porque eu acho que a dança traz essa coisa da proximidade muito forte com o outro, né, com o toque, com a pele, com a dança, com a música...então, assim, eu não vi nenhum outro grupo que tivesse essa construção de intimidade tão forte...e eu já passei por vários grupos aqui ou conhecendo ou coordenando junto com outros profissionais...então, eu acho que traz um estreitamento no vínculo íntimo muito forte, né, enquanto íntimo na perspectiva terapêutica mesmo assim, né...terapêutica, não sei se é a palavra terapêutica, mas assim como perspectiva que o grupo tem, né, de estar no serviço que pode ter práticas terapêuticas...então, eu acho que esse grupo ele traz uma construção de vínculo muito forte e que isso repercute com certeza...*

...

Proposições para o dia 19 de maio de 2017

1 – Conversa inicial para falar da vida (em torno de 30 minutos, podendo variar para mais ou menos segundo a necessidade de fala e escuta do dia)

2 – Momento com técnicas de Educação Somática:

A – Sentadas, individualmente, cada uma massageia o próprio pé, subindo pelas pernas, coxas até chegar aos glúteos. Ao massagear, observa as regiões que você toca. O que há nelas? Músculos, ossos, nervos? Para e observa a sensação do lado massageado em relação ao lado que ainda não foi massageado. Troca e massageia o outro pé, perna, coxa e glúteo. Para e sente os dois lados.

B – Pegar duas bolinhas de tênis. Deitadas, com as pernas esticadas e os braços ao lado do tronco. Observa o contato do corpo com o chão. Quais as regiões tocam o chão? Quais não

tocam? Apoiar os pés no chão mais ou menos na largura do quadril, com os joelhos flexionados na direção do teto. Colocar uma bola de tênis no occipital. Braços ao logo do tronco. Observa o que acontece com o corpo nessa posição quando a bola entra em relação. Observa pescoço, mandíbula, ombros, região torácica, pelve. Como fica a relação dessas regiões com o chão? É possível ceder o peso da cabeça para a bola? E o que acontece com a respiração? Retira a bola, estica as pernas e observa novamente as regiões que tocam o chão.

C – Apoiar novamente os pés no chão na largura do quadril. Com a mão direita coloca uma bola, pelo lado esquerdo, na região entre a escápula e a coluna. A bola fica na borda superior da escápula sem ficar sob a estrutura óssea. Com a mão esquerda, posiciona a outra bola, pelo lado direito, na região entre a escápula e a coluna. Levanta os braços na direção do teto, com as palmas das mãos voltadas uma para a outra, cotovelos destravados. Você inspira e, na expiração, desce os dois braços na direção do chão por cima da cabeça. Não precisa tocar o chão. Na inspiração, você retorna com os braços para o centro e, na expiração seguinte, os braços descem em direção ao chão pela lateral das pernas. Na inspiração, você retorna ao certo e repete os movimentos algumas vezes. A sua respiração é quem vai tecer o ritmo. Para, retira as bolas, solta as pernas, os braços e observa como está o contato do corpo com o chão.

D – Apoiar os pés na largura do quadril, e coloca uma bola embaixo de cada glúteo. Mais uma vez a respiração vai dizer o ritmo do seu movimento. Você inspira e, ao expirar, permita que as duas pernas cedam em direção ao chão, pela direita. Ao inspirar, as pernas voltam ao centro. Na expiração, as pernas cedem ao chão pela esquerda. Você inspira e elas voltam para o centro. Você faz esses movimentos algumas vezes segundo sua respiração, como ela está nesse momento. Não precisa encostar o joelho no chão. Você vai até o limite do seu conforto. É importante que as pernas desçam juntas. Para.

E – Ainda com as bolas sob os glúteos, com os pés estabilizados no chão, você move o quadril de um lado para o outro, como se balançasse numa rede. Para. Retira as bolas. Solta as pernas e o braços. Observa mais uma vez o contato do corpo com o chão. Há diferenças em relação ao início? Gradualmente, fica em pé.

F – Em pé, observa agora o contato dos pés com o chão. Você pode ficar com olhos fechados ou abertos, como você se sentir mais confortável. Como está a distribuição do peso do seu corpo sobre os pés? A partir do apoio dos pés, transferir o peso do corpo de um lado a outro. Transfere para o lado esquerdo, volta ao centro, transfere para o lado direito. Realiza os movimentos algumas vezes. Ao realizá-los, observa a respiração e qual fluxo você cria com ela quando está realizando o movimento. Centraliza. Para. Realiza a transferência de peso para a frente e para trás. Transfere para frente, retorna ao centro e transfere para trás. Faz algumas vezes. Centraliza.

Para. Agora, você vai transferir o peso desenhando círculos. Vai para frente, lado direito, para trás, lado esquerdo. Para frente, lado direito, para trás e lado esquerdo. Após fazer algumas vezes, muda o sentido. Frente, lado esquerdo, para trás, lado direito, frente. Faz algumas vezes. Centraliza. Para. Importante falar sobre a lentidão, que o movimento é realizado de modo mais lento possível para cada pessoa. Observar novamente como está a distribuição do peso do corpo sobre os pés.

### 3 – Ações em dança:

A – A partir da sensação de como o peso do corpo está distribuído, caminhar pelo espaço observado a transferência de peso ao andar. Você percebe o peso mais na região da frente do pé ou atrás, nas bordas internas ou externas? Caminha e quando você encontrar alguém, caminha junto. Vai parando junto.

B – Ao parar, em dupla, uma pessoa vai continuar parada e a outra vai escolher regiões do seu corpo e do corpo da outra pessoa para ceder o peso dessa região para a outra pessoa. A pessoa que está parada pode variar de posição entre os níveis em algum momento, se quiser. A pessoa que está cedendo vai inventando maneiras de acompanhar, se relacionar com a mudança de posição do a outra. Depois, trocamos de posição. Vocês decidem quem começa em qual lugar.

C – Agora, não vai mais haver esse momento de uma pessoa ceder e depois a outra. Ambas vão ceder e receber num fluxo que vocês mesmas vão estabelecendo. É uma investigação de como os corpos de vocês juntos vão construir essa relação de transferência de peso sem haver paradas.

D – As duplas vão virar um grupo só. A proposição continua, mas agora são todas vocês investigando essa relação de transferência de peso juntas. Nesse momento, é interessante que não se perca o encostar, o toque.

E – Ao parar, para finalizar, todas em círculo, com os braços tocando os braços da outra, observa a respiração. Se estiver de olhos fechados, lentamente vai abrindo os olhos. Olha ao redor. E, aos poucos, vai abrindo o círculo, afastando, desencostando, sentido o contato dos pés com o chão.

...

A vinculação que construímos se deu via corpo em dança, o que foi aos poucos cultivando uma sustentação coletiva para as experimentações e para as passagens das

intensidades dos corpos ao se encontrarem. A dança, portanto, transborda as barragens que as considerações do corpo na saúde mental colocadas anteriormente e dos próprios rumos que a política de saúde mental vem vivenciando nos últimos anos. Apontando que, para se construir perspectivas e realizar práticas antimanicomiais, é preciso reconsiderar o lugar de apagamento e silenciamento ao qual o corpo foi relegado. Corpos de mulheres que podem dizer sobre si e sobre o mundo cutucam os lugares de verdade do conhecimento produzido e reproduzido na colonização desses mesmos corpos.

***Lizzie:** A oportunidade que eu tinha de expressar a liberdade que eu tinha de ser quem eu era. Uma pessoa que sonha, uma pessoa que busca conquista, que quer ser além, que não é só uma única pessoa, mas que pode ser várias, cada vez melhor.*

***Profissional 1:** Assim, na verdade, assim, a saúde mental tem vivido, a política de saúde mental no Brasil nos últimos 10 anos principalmente, o retrocesso tem sido tão grande, tão grande, né...ééé... eu tô falando do ponto de vista dos serviços, né, dos CAPS principalmente, porque a gente ainda não tem uma grande rede de saúde mental, pelo contrário, ficou muito focada nos CAPS... algumas coisinhas que podem ter diferenciado em alguns locais, né, mas especificamente Fortaleza, eu acho que a gente tem vivido um retrocesso tão grande o que os CAPS eu hoje vejo muito como ambulatórios, eu acho que os CAPS perderam aquele potencial que eles tinham de inovações, né, de pensar a política para além da medicação, do uso da medicação. Eu acho que a gente, ao longo desses 20 e poucos anos, a gente foi muito potente na arte e tal, mas muita coisa se perdeu. E eu acho que hoje o grande desafio é além de, talvez, de reconstrução desse potencial que os CAPS tinham e eu acho que ainda tem, né, é trazer, as novas discussões...tô falando novas, mas não são tão novas, tô falando de trazer para ambiência CAPS, discussões de gênero, né, racial, a questão da transexualidade, que hoje a gente tem recebido cada vez mais demandas de pessoas trans... Então, assim, ééé se você não for atrás de ler, como profissional, ler essas questões, de entender, né, como chegam essas demandas e de que forma elas se apresentam, a política pública não tá trazendo essa discussão, né... Então, assim, isso repercute também no serviço porque, a gente não faz essa discussão cara a cara como proposição de construir uma política diferenciada, né, pra atendimento a esses segmentos e tal, né, a gente acaba não sabendo também como é que os profissionais pensam sobre isso. Se você me perguntar, hoje, como é que eu percebo isso, não sei porque a gente não discute. A gente percebe, às vezes, nas entrelinhas, né, preconceito racial, a questão de gênero, né... "todas as mulheres são histéricas". A maior parte das mulheres que procuram*

*o serviço "são histéricas, tem transtorno de personalidade, né, e tal tal tal". Então, as mulheres também são muito marcadas por essa coisa, né, é de que são histéricas, né... quando elas tem outros tipos de sofrimento, seja, né, causado pela sobrecarga, né, pelo desemprego, né, pela violência, tal tal tal. Então, assim, ééé, de fato, eu acho que a gente... o grande desafio pra saúde mental, além de sair dessa perspectiva que tá se aprofundando, que é uma perspectiva muito ambulatorial, né, é sair disso, mas também construir outras possibilidades e outras compreensões, né, outras leituras da realidade porque a realidade tá batendo na nossa porta, na nossa cara e a gente tá na mesma dinâmica de atendimento, né. Então, para além da gestão, o serviço precisa construir uma perspectiva, né, é diferente de compreensão. Agora, de fato, né, ééé a gente hoje vive um serviço assim estrangulado, falta até, às vezes, assim, dos profissionais uma perspectiva de se animar pra pensar algo diferente, né, algo que amplie a nossa perspectiva de olhar para o outro, pro gênero, pra raça, pra questão da transexualidade de forma diferente enquanto serviço, né, às vezes, a gente fica muito de olho na doença ainda, né...hehehe...um pouco isso.*

A partir das considerações acima, surge a pergunta: o que podemos construir, criar a partir de nós e conosco? Quando as mulheres dançavam, elas produziam, a partir de seus corpos, um conhecimento sobre elas, sobre suas vidas. Mas também, enquanto dançavam, instauravam formas de vida em vias de tramagem, apontando outros conhecimentos sobre as patologias diagnosticadas em seus corpos, conhecimentos produzidos com elas e sobre elas enquanto moviam-se em dança.

As ações em dança no grupo se tornaram antimanicomiais porque possibilitavam, em primeira instância, associadas a processos perceptivos, que os corpos fossem escutados em seus estados de presença, possibilitavam que o corpo fosse retirado do lugar do apagamento e do silenciamento. E, quando os corpos produzem uma linguagem singular dos desejos que nele circulam via dança, mexem nas estruturas, dinâmicas e relações de poder.

As relações de poder que configuram o manicomial são forjadas nos interstícios da colonialidade, que não se desfaz apenas ao extirpar um ou outro conhecimento, uma ou outra forma de vida que venham de seu bojo eurocêntrico. A colonialidade se refere a um tipo específico de lógica e dinâmica de relações de poder.

Para instaurar outras formas, formas não coloniais de vida é preciso inventarmos o que e como podemos produzir conosco, em nossas diversidades, saberes e formas de vida sobre nós, que não deslizem para a lógica e dinâmica de poder colonial. É preciso compreender, portanto,

a lógica, dinâmicas e estratégias do poder colonial e como ele se presentifica nas relações cotidianas.

O entendimento de decolonialidade aqui se aproxima não de uma extirpação da colonialidade e seus efeitos sobre nossos corpos, nem sei se isso seria possível, mas construir, inclusive, com os respingos coloniais que nos habitam, outras formas de vida a partir dos conhecimentos que esses corpos produzem consigo e sobre si.

Com as ações em dança no grupo aquelas mulheres construía conhecimentos sobre elas e suas vidas que passaram a circular em simultaneidade com os conhecimentos psicopatológicos e psicopatologizantes sobre as mulheres, estabelecendo com eles, muitas vezes, uma relação de questionamento. O que pode gerar outras configurações de relações sociais que não estejam pautadas nas dinâmicas de opressão e de matança de existências, fundadas e fundamentadas em relações hierárquicas e dicotômicas de modos de viver.

Quando dançávamos, construía uma intimidade com os corpos, com os desejos que nele circulam e com as histórias que remexía, estávamos tramando relações que iam por percursos questionadores dos vínculos estabelecidos na hierarquia fundada nas relações de saber-poder, que tanto definem lugares a serem ocupados e as maneiras com as quais devem ser ocupados, construindo uma sociabilidade naquele contexto cotidiano estabelecida em relações que apartam.

A imposição dessas hierarquias dicotômicas foi costurada à historicidade das relações, inclusive a das relações íntimas. Neste artigo, quero entender como podemos pensar sobre resistências íntimas e diárias à diferença colonial. Quando penso sobre intimidade, não estou falando exclusivamente ou mesmo principalmente de relações sexuais; estou pensando no entrelaçado da vida social que acontece entre pessoas que não estão assumindo papéis representativos ou oficiais (LUGONES, 2019, p. 358 e 359).

Pensar como tal imposição foi costurada à história das relações entre mulheres e a condição de estar em sofrimento psicossocial e o campo da saúde mental me encaminha para o lugar do corpo nesses entrelaçamentos. O que quero dizer é que o corpo é território central para pensar práticas de resistência que não sucumbam às formas de relação colonial e manicomial.

Lugones (2019) fala que pela colonização, houve uma imposição colonial de gênero dicotômica e hierárquica, que a colonialidade de gênero foi estruturada no sistema moderno capitalista colonial pautada no dimorfismo biológico, na heterossexualidade e na estrutura patriarcal e que isso atravessa nosso ser relacional e as subjetivações.

A colonialidade dos gêneros é percebida como exercícios concretos de poder intrinsecamente relacionados, alguns corpo-a-corpo, alguns jurídicos, alguns dentro de um cômodo onde fêmeas-bestiais-mulheres-não-civilizadas são forçadas a tecer dia e noite, outros no confessionário. As diferenças na concretude e no caráter intrínseco do poder em circulação não são entendidas como níveis de generalidade; as subjetividades atribuídas de corpo e a esfera institucional são igualmente concretas (LUGONES, 2019, p.371).

Como a imposição colonial de gênero atravessa as práticas e concepções em saúde mental quando se refere às mulheres? Sobre os corpos incidem uma série de conhecimentos que estão atravessados pela colonialidade de gênero. “A colonialidade do conhecimento, por exemplo, é atribuída de gênero, e ninguém que a entendeu o fez sem a compreensão de que ela é atribuída de gênero” (LUGONES, 2019, p. 376).

Como dito, não sei se é possível pensar em práticas feministas decoloniais e antimanicomiais considerando a decolonialidade como extirpação de qualquer respingo colonial, seria negar as histórias e existências. E não há nada mais colonial do que práticas de negação e apagamento como consequência da colonialidade do poder.

É a partir mesmo desse lugar produzido pela colonialidade do poder e de gênero, onde se pode perceber os modos de exercício do poder, que se procura pensar em práticas decoloniais. Lugones (2019) chama esse lugar, que considera os efeitos da colonialidade em nossas relações e percepções, de *lócus fraturado*. “O *lócus fraturado* inclui a dicotomia hierárquica que forma a subjetivação do colonizado” (LUGONES, 2019, p.366).

A partir desse lugar, podemos pensar formas de vida que resistem ao apagamento que a colonialidade de poder e de gênero impõem. Uma prática em dança que se pretende feminista decolonial e antimanicomial precisa, portanto, considerar a diversidade de corpos de mulheres e aprender a conhecer tal diversidade, que é viva e se move, atenta a não cair na hierarquização e universalização das existências e de suas formas de vida. E se cair, levanta.

Precisa aprender, inclusive, a escutar as formações da colonialidade de gênero nos modos como as mulheres podem se perceber e se dispor a construir “convivencialidades”, porque todas nós vivemos os respingos que a imposição colonial nos gerou e ainda gera. Um feminismo decolonial e antimanicomial, portanto, só é possível com uma subversão da lógica de poder colonial e que se faça a partir de práticas políticas com corpos vivos.

Pensar a dança como uma prática feminista decolonial e antimanicomial é considerar que ela existe e atua em corpos, sendo estes territórios existenciais em que nós, mulheres no grupo, inventamos formas de lidar com as intensidades dos desejos distintas daquelas que vem de ações de amansamento, apagamento e silenciamento, mexendo nas relações de poder com

as quais nossos corpos se tramaram. Relações de poder de opressão, hierarquias, universalizações e dicotomias.

Para construir proposições feministas decoloniais e antimanicomiais não se deve estancar nas filósofas, pesquisadoras, escritoras, professoras, profissionais feministas do campo, conhecidas e estabelecidas. Mas, em primeiro lugar, é preciso perceber que existem vozes que gritam em silêncio, num silêncio que é mais surdez de quem não quer escutar do que silêncio de quem não tem o que dizer e não diz e não vive. Escutar a diversidade que nos compõe.

**Profissional 1:** *a dança também trouxe perspectivas pra elas olharem a vida, a relação, né, com os companheiros, as companheiras, com os filhos, né. Então, assim, eu acho que traz essa perspectiva dum olhar e de um amadurecimento do que é ser mulher na sociedade, eu acho que a gente trabalhou um pouco isso com elas, né, nesse sentido. Então, eu acho que o grupo também trouxe uma perspectiva da gente ter esse olhar, né, mais para as mulheres, né, no sentido de pensar as particularidades mesmo de cada uma delas.*

**Neide:** *É diferente o corpo da gente quando a gente dança..não sei, você se gosta mais, do seu corpo e aí depois que acabou o grupo e fiquei sem dançar, fiquei só em casa, só fiquei engordando, fiquei foi doente. Assim, você tem...eu não sei...é uma coisa diferente, eu não sei o que acontece, sabe, quando você...éee...dança...aí você tem assim sei lá uma sensação diferente, sabe, você acorda no outro dia animada, mais animada, sabe, não sei...uma coisa bem diferente, não sei o que acontece. Quando eu dançava eu me percebia uma mulher bem feliz, bem alegre, uma mulher bem diferente, bem disposta, bem forte.*

**Girassol:** *Assim...como eu não tenho muitos amigos, né...infelizmente não é de hoje que eu tenho essa depressão, essa síndrome de borderline o tempo todo, esse anos todos da minha vida eu perdi muito círculos de amizade, né...então foi um pouco de ter uma família. Lá eu me lembro que a gente sentia o corpo, eu comecei a sentir o meu corpo.*

A dança experimentada no grupo possibilitava a circulação do desejo. Resistir, aqui, pode ser ações que mantenham vivo o desejo. Resistir pode ser apenas deixar o desejo escorrer na legitimidade e honestidade do corpo. A dança experimentada no grupo se tornou esse lugar tão precioso, delicado e potente em sua complexidade e tem muito a ser experimentado e investigado.

O que podemos construir a partir de nós e conosco?

O antimanicomial diz respeito a todos nós.

...

Eu estava ali, dentro daquela água de rio manguezada que era quase água de mar. Braços abertos na água, sentindo o deslizar daquelas correntes de água-ar em seu percurso então inevitável: tornar-se mar, sem deixar de ser rio. Eu voei na água marrom. Sabiaguaba.

...

## 5. FOZ: VERTIGINAR, ESCOAR, DESAGUAR

...é preciso ir além do susto e de seus efeitos de superfície para sondar os gestos de reinvenção da vida que ele esboça. Não há como fazê-lo, no contexto contemporâneo, sem antenar para a miríade de riscos, ofertas e urgências na qual nos lança, na sua oscilação sincopada, a barra do presente.

Peter Pál Pelbart<sup>20</sup>

### 5.1 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM DANÇA E A TEMPORALIDADE DA “ESCORRESCÊNCIA”

Inicio este último capítulo com a citação de Pelbart (2018) como inter-referência, interferência, para pensar as articulações entre processos de subjetivação com dança e o tempo da “escorrescência”, um regime de temporalidade que se faz no encontro de corpos em uma dança que escorre.

Processos de subjetivação são compreendidos, nessa pesquisa, como processos nos quais nos constituímos com o mundo, constituindo-o simultânea e mutuamente, reproduzindo e criando modos de existência, formas de vida em relação. Portanto, torna-se desonesto pensar processos de subjetivação em termos de indivíduos isolados no contexto da saúde mental, pois processos de subjetivação acontecem em vias de vida coletiva. A água evoca outras formas de vida para viver junto, conviver próximo.

No grupo, a “convivencialidade” que fomos construindo em dança, me convidava constantemente a refletir sobre processos de subjetivação e subjetividades, pois a ideia de uma subjetividade dada, estabelecida, estabilizada, imutável e fechada em si mesma circulante em discursos, compreensões e ações naquele contexto ia tendo que coexistir com o que íamos experimentando, já que, enquanto os corpos dançavam, o aberto e inacabado nos inundava.

Talvez o deslocamento progressivo da ideia de subjetividade da consagrada noção de sujeito, na qual tem origem e da qual ela deriva, seja uma maneira de incluir uma certa dimensão de exterioridade, de pluralidade e de diferenciação que a ideia de sujeito, na

---

<sup>20</sup> Peter Pál Pelbart. Vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2018. p. 7.

sua simplicidade tautológica, interiorizada e autocentrada, sobretudo a partir de Descartes, mas talvez já muito antes dele, dificilmente comportava (PELBART, 2018, p. 14).

Quais pistas a dança passou a construir e conceder para essas reflexões, para se pensar as forças que atravessam as subjetivações com os corpos em movimento? A dança experimentada ali, instaurou e se instaurou, de algum modo, com a temporalidade da “escorrescência”, porque uma dança que escorre, que considera o corpo em sua feitura ao se movimentar com o que acontece nos encontros com as informações do mundo em relações processuais, transitórias e mútuas, começa a lidar com um tempo que também vai se constituindo enquanto se dança, um presente que escorre aberto e inacabado. A temporalidade da “escorrescência” vai se constituindo com um presente que não se encerra no aqui e agora, todavia escorre, um presente movediço.

Construir um território de amizade e intimidade pelo e com o qual vazassem os desejos, os pensamentos, os sonhos, as fantasias, os afetos, os valores e as crenças, os silêncios e os gritos, as paralisias, as tensões, os tremores, as vertigens, não apenas em palavras, mas também em gestos e movimentos, sem julgamentos e avaliações, possibilitou o testemunhar de nossas existências como estavam ali, naquele momento, em sua honestidade, singularidade e legitimidade. Amizade aqui se aproxima da compreensão que Agamben (2009) constrói do termo. “A amizade é *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política” (AGAMBEN, 2009, p. 92).

Assim, fomos nos disponibilizando à “escorrescência” que a dança nos oportunizava a partir do testemunhar as nossas existências em movimento. No testemunhar, afetávamo-nos porque, justamente aí, construíamos intimidade, essa relação de travessia à outra em nós mesmas, correndo os riscos da vertigem diante de paisagens que podem nos tirar do centramento concebido como nós mesmas.

Processos de subjetivação e subjetividades em dança, portanto, também foram escorrendo abertos e inacabados. Processos de subjetivação e subjetividades que são fluxos, e não constructos-blocos de formas de vida, de percepção e relação de si com o mundo. Subjetivações escorrentes e formas de vida que não são moldes e nem remetem a configurações pré-moldadas. São processuais e se reinventam em seus estados de presença, elas se fazem e desfazem enquanto se avivam. As formas de vida existem enquanto. Processos de subjetivação, portanto, que se fazem com a dança experimentada, vivem a possibilidade do abrir e do aberto no tempo da “escorrescência”.

As percepções via movimento possibilitam processos de subjetivação que escorrem e desaguam em fluxos diversos sem configurações preestabelecidas e com a presença do risco da vertigem. A dança e o efeito de vertigem que o corpo pode ensejar à percepção. A percepção de si pelo movimento em dança não se dá apenas via percepção de algo prontificado e nomeado. Com a dança experimentada no grupo, pode-se vivenciar outros caminhos sendo tramados, nos quais a percepção de si também aconteceu de maneira vertiginosa, quando os contornos de subjetividades tão bem desenhados se desmancham em água.

Não se trata de avaliar e qualificar as percepções e os sentidos elaborados, mas de perceber, compartilhar e testemunhar a presença múltipla e diversa das forças de subjetivação, manifestadas em silêncios, discursos e ações, que circulam em um mesmo corpo, em um mesmo espaço convivencial. E mais ainda: essa coexistência de forças subjetivantes se relacionando com as intensidades no corpo em movimento ocasionam um espaço vertiginoso que vai sendo terreiro de transformações, construções de outras formas de vida.

...

**Pesquisadora:** *O que você acha que construiu com o grupo e que continua na sua vida?*

**Lizzie:** *A percepção do sentir. Eu sou uma pessoa muito intensa, né...tudo que sinto é mais forte, mais vibrante e eu conseguir expressar isso seja num desenho ou na escrita isso é muito bom. Porque, no momento, a gente não tá tendo grupo nem tá tendo atendimento, né...poder expressar isso de uma forma, já que eu não tenho muitos amigos fora do grupo como antes, isso é sempre bom.*

**Figura 14:** Escrita de Lizzie após o término do grupo, durante a realização da pesquisa.

Aprendi que a dança tem o poder de atuar nas feridas mais profundas, transformando dor em vigor, e também descobri uma sensibilidade afeta a emoções e sentimentos desconhecidos e outros que foram aperfeiçoados aprendeu a criar laços com o externo usando o interno e colocar para fora o que precisava de liberdade e minha essência. intimamente entendi que a dança tem o poder de nos conduzir ao nosso interior e fazer as transformações necessárias. eu sentia falta de um espaço de acolhimento e suporte das minhas ideias e nesse grupo eu encontrei, no começo achei que seria complicado para mim sendo tão tímida mais aconteceu tudo natural e espontâneo tudo tão leve e alegre. o grupo me deu a oportunidade de conhecer pessoas com diferentes visões e foi troca de experiências "mutua" tivemos muitas experiências entre nós - poder expressar diversos sentimentos e emoções cultas e oprimidas e que pra mim expressar isso através da dança foi mais fácil do que seria falar dele.

Fonte: Arquivo pessoal (2021).

**Profissional 1:** *Eu acho que na verdade, assim, como eu falei...a ideia do grupo de dança e dos grupos...pelo menos eu acho que deveria ser...é gerar essa amplitude como sujeito, na vida, com todas as dificuldades, mas você se amplia...e eu acho que...eu diria assim que eu, eu, eu fiquei oito anos fora do CAPS, na verdade eu nem achava que ia voltar, quando eu voltei, né, éee de fato eu comecei a fazer atividades, acolhimento, tal, visita domiciliar, aquilo que de praxe faz parte das atividades, né, é dos projetos terapêuticos e tal. Mas eu sou muito éee...eu diria que a mesmice me causa uma angústia profunda (risos). Então, eu já tava achando ruim fazer a mesma coisa todo dia...e como eu gosto de arte do ponto de vista pessoal, eu gosto, eu vou, teatro, cinema, exposição, essas coisas...música...aí eu: "não mas eu tenho que fazer alguma coisa por mim primeiro porque eu não vou conseguir fazer nada, né, pros outros se eu não tô gostando dessa coisa que eu tô fazendo"...então, o grupo de dança, né, quando eu enxerguei a possibilidade de me oferecer, né, timidamente, foi porque eu sabia que tinha alguma coisa ali que poderia me ajudar no ponto de vista, né, de quebrar inclusive minhas amarras técnicas, né, porque às vezes a gente é muito tecnicado nos serviços...e eu vinha de oito anos de gestão, gestora, aí você vem mais dura ainda com a vida, né, com as*

*coisas...eee...aí eu vi esse caminho...então, assim, de fato, se você me perguntar, eu acho que a gente, né, trouxe, um um...ofereceu, né, algumas possibilidades de expansão pra esses sujeitos, mas eu acho que a maior expansão foi minha, né, no sentido de que depois disso, de fato, eu não me enxergo mais como antes (risos). Então, assim, a arte, trabalhar com a arte, por mais que eu não tenha formação e eu sempre digo isso, mas eu acredito muito como potencial. Então, a dança, no caso, pra mim ali o que eu enxerguei na dança naquelas pessoas ali filmando e tirando foto eu não vou enxergar em outro lugar. Então, assim, é algo espetacular do ponto de vista que pra mim foi uma vivência única mesmo, né...e a partir disso aí foi que eu me expandi mais ainda porque eu já pensava a fotografia como instrumento de trabalho, no meu trabalho e parte desses sujeitos continuaram e como eu percebi como eles mantiveram esse olhar mais pra vida, né, de encantamento com a vida, né, eu acho que a dança trazia isso de encantamento com a vida, nem que fosse naquele dia, naquela hora, né... Não tem como, né...o profissional achar que não acrescentou nada no processo de grupo é porque ele morreu e esqueceram de enterrar (risos) porque, né, se você mergulha, você mergulha com tudo. Até pode você mergulhar e ficar só, né...mas eu acho que na dança pra mim foi um mergulho muito profundo na minha dinâmica profissional, de olhar a Saúde Mental...por mais que eu compreendesse a Saúde Mental tinha que ser mais ampla e tal, no sentido de sair dos CAPS e ir pra rua, de ir, né...a dança, mesmo aqui dentro, ela tinha uma dimensão muito ampla, entendeu, ela ia pra além das barreiras, éee, éee físicas e estéticas assim, né, do processo, então ela ficou pregada na memória, no corpo, na alma, delas e nossa.*

...

Para abordar, minimamente, a relação entre processos de subjetivação e saúde mental nos de tempos de hoje, a partir das discussões e articulações realizadas ao longo de toda essa pesquisa e dissertação, é preciso se aproximar da relação processos de subjetivação e capitalismo. Como o capitalismo e suas formas de relação com o tempo e o espaço invadem e se apoderam das nossas formas de nos constituir com mundo e, mutuamente, constitui-lo? Cada fase e regime do capitalismo cria, possui e necessita de uma política de subjetivação que a sustente.

Quando se pensa em subjetivações forjadas no, pelo e com o capitalismo enquanto um vetor nas relações de forças é preciso considerar o seu próprio investimento violento e invasivo sobre as formas de vida, sobre o como eu sou com aquilo que sou, sobre as relações de travessia ao outro de nós mesmos, sobre nossas “convivencialidades”, sobre os afetos e as afetações.

Como vem sendo discutido na pesquisa, na história de constituição do campo de saúde mental no Brasil, as forças manicomiais de dominação, domesticação, docilização, opressão, exploração e apagamento dos corpos de mulheres e suas formas de vida não estão dissociadas de modos de incisão capitalística, tanto no quesito formativo da área quanto no assistencial e social, em todos os processos de colonialidade material, geográfica, de conhecimento, gênero e, portanto, sobretudo na sua fase neoliberal e financeira, de subjetivação.

As forças antimanicomiais, assim, precisam se coadunar com práticas e conhecimentos que possam possibilitar a experimentação de outras formas de perceber, sentir, afetar, ser afetado, relacionar-se, aprender, cuidar. Criar territórios que se assentam no que insurge como urgência. No grupo, as emergências e urgências se presentificavam via movimento, via dança, via sensações e, assim, relações e territórios porosos, afetáveis, pela presença da outra no corpo, enquanto experimentação de outras existências, iam também se constituindo como forças de subjetivação e de formas de vida que consideram a diversidade de ações do desejo no coletivo.

Sair da lógica da subjetividade fechada num conceito de sujeito produtivo e útil, à qual se atrelam também os conhecimentos, as sensações e percepções em estar na saúde ou fora dela. Nada disso se dá sem corpo. Construir outros lugares, práticas e entendimentos de corpo em saúde mental. Uma saúde mental aberta e inacabada. Uma saúde mental que se permita escorrer e escorra enquanto dança.

Se não terminamos de desdobrar as consequências dessa virada biopolítica, ao menos uma de suas implicações se impõe como uma evidência: somos forçados a pensar conjuntamente vida, subjetividade, política. Que o acento por vezes seja mais militante, ou bem poético, filosófico, ecológico, antropológico, significa apenas que são múltiplas as maneiras pelas quais a questão pede para ser abordada (PELBART, 2019, p. 15)

## 5.2 OS FLUXOS EM DESÁGUES: A DANÇA E AS PISTAS PARA PENSAR UMA POLÍTICA DA CONVIVENCIALIDADE

Pistas para pensar uma política da convivencialidade em saúde mental:

- Saúde aberta e inacabada
- Pensar o lugar hegemônico que o corpo possui em saúde mental
- Corpo e ambiente coimplicados
- Experimentação e criação em dança

- O encontro
- As ações do desejo
- O coletivo
- A intimidade
- A amizade
- O testemunhar
- A temporalidade da escorrescência

...

A verdade é que, nesse momento da escrita, sinto-me em deságues com tudo o que veio junto e com tudo o que precisou ficar pelas margens dos rios, pelo sob terra e nas evaporações. Percebo-me vertiginosa, no tempo da “escorrescência” pelo qual essa pesquisa acabou sendo atravessada e no espaço do escorrer em deságues, sem saber o que vou encontrar, mas sentindo as intensidades dessa presença movediça.

Porque é como se, nesse exato momento em que escrevo, eu estivesse em encontro com as histórias, as experimentações, as pessoas, as falas, os silêncios, as risadas, os medos, as lembranças, as discussões, as incompreensões, as lutas, as construções, as palavras, os desejos, as amizades, os olhares, as danças em águas que escorrem por meus olhos.

Encontro que acontece nas fronteiras íntimas da vida, do modo que me permiti viver com essas mulheres no grupo e com as dinâmicas, os movimentos e os processos de pesquisar. É importante dizer que, quando falo em encontro, não me remeto de modo algum, a uma ideia de encontro como harmônico, de convergências e afins. Mas encontro como o tocar a pele de outras existências em suas intensidades e se sentir em reverberações com elas.

É aí, no encontro, que podem surgir formas de relação que lhe são singulares. É aí, no encontro, que formas de vida coletiva podem ser produzidas e agenciadas de modo singular às necessidades e possibilidades do momento. Singular no sentido do que acontece ali com o que há, com o testemunhar das existências e das ações do desejo experimentando-se em dança. E, assim, com a coletivização do desejo que resiste, e não apenas com sua personalização, individualização e representação.

Como podemos nos coletivizar sem definições aprisionadoras de coletivo, mas em mútuas, contínuas e vivas relações de cocriação e coexistência? O coletivo se torna possível quando modos de existências são considerados e testemunhados em sua diversidade. O coletivo precisa se fazer escorrendo com o tempo, e não se cristalizando nele.

Quais “convivencialidades” insurgem com experimentações em dança que consideram a diversidade das ações do desejo? Encontro é colocar existências e suas intensidades em presença e viver as tramagens dos desejos que aí se fazem. É nesse ponto que as “convivencialidades” vão se constituindo. “Convivencialidade” não existe pronta, existe se fazendo.

Nossas histórias se encontravam para dançar e dançando. Foi em experimentações em dança que fomos instaurando formas de nos relacionarmos com o que percebíamos nos estados transitórios de nossos corpos em movimento. Havia, portanto, um espaço de vida sendo construído com e para que os corpos pudessem ser em uma relação de honestidade com o que se sentia e percebia. Uma relação com o corpo distinta das relações que se estabelecem com ele a partir do lugar hegemônico de casa e amenização de sintomas e intervenções terapêuticas na saúde mental.

A partir da experiência vivida no grupo, pode-se buscar e construir outro entendimento para o corpo e outro lugar para ele. A Teoria Corpomídia (Katz e Greiner, 2005) veio compor as articulações para essas construções, possibilitando forjar conhecimentos a partir da compreensão de que o corpo vai se fazendo processual e mutuamente nas relações com as informações com as quais se encontra no ambiente. Um fazimento que não acaba.

Tal entendimento de corpo permite testemunhar as feitura que os corpos vivos vão tramando ao dançar. O que estabelece relações de avivamento com o que surge. Uma compreensão de que o corpo pode se tornar outro. Essa possibilidade transformacional faz circular forças de criação nas convivencialidades, já que elas se fazem com os corpos.

Pensar que o corpo continua a se fazer em sua relação com o mundo se associa a ideia de seu inacabamento. Um corpo inacabado, em contínuas relações de feitura, pode construir quais apontamentos para se pensar os conceitos de saúde? E mais ainda: quais relações se tornam possíveis de existir?

No grupo, através das percepções dos efeitos, das mudanças em relação aos sintomas sinalizadores do adoecimento, foi-se construindo outras maneiras de conviver com o que se sentia. Uma “convivencialidade” que vai se fazendo com, e não excluindo e alimentando estigmas. Uma “convivencialidade” que possibilitou olharmos umas às outras e construirmos outras percepções de vida, em que existências foram experimentadas em dança, borrando estigmas que determinam e criam caricaturas de modos de se perceber e se colocar no mundo com o outro. Construimos outras tramas e narrativas para nós.

Aqui, vai se fazendo uma “convivencialidade” singular, pois ela se fez com a experimentação do corpo em dança em relações de afetações mútuas no tempo da

“escorrescência”. Com esses movimentos, fomos construindo travessias à outra em nós, de nós na outra, as outras de nós na outra, as outras da outra em nós e todas as outras além de nós que compunham o grupo.

Travessias que eram intimidade e que desaguaram em amizade, enquanto possibilidade e permissividade de estar com a outra como se pode estar. É com essa convivencialidade em dança que processos de subjetivação distintos do correntes também se presentificam enquanto insurgências do desejo.

Um fervedouro, um rio, um manguezal, um mar. Nesses encontros, nessas “convivencialidades”, as histórias têm sua possibilidade de reinvenção enquanto se testemunham em dança, desaguam em mar em caminhos próprios para, de maneira descontinuada, continuar em fluxos suas “escorrescências”.

...

Fluxos em deságues.

Nesse desaguar, a pesquisa acaba aberta, construindo tramagens entre corpos de mulheres em dança em saúde mental, subjetivação, tempo, história, memória, criação. Essa dissertação-diário apresenta em sua escrita um caráter experimental, em que me debruço sobre as possibilidades de tramar histórias reais inventadas, sensações, conceitos e até hipóteses num processo cheio de angústias e frenesis prazerosos na construção de conhecimentos inacabados que desaguam em fluxos diversos.

...

Chamo por, evoco ideias, como numa espécie de canto das águas que revoa e ressoa convocando cantos de outras fontes e outras vidas para cantar em revoada. As águas vivem no coletivo.

...

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AMARANTE, Paulo. **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.
- AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.
- AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- AMARANTE, P.; NUNES, M. O. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 2067-2074, 2018
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro – Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil**. São Paulo: Geração editorial, 2013.
- BERTHOZ, Alain. **The Brain's Sense of Movement**. Cambridge: Harvard University, Press, 2000.
- BOLSANELLO, Débora Pereira. **Educação somática: ecologia do movimento humano**. Curitiba: Juruá, 2016.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. Centro Cultural do Ministérios da Saúde: Hospício de Pedro II: da construção à desconstrução, 2014. As origens. Disponível: <[https:// http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/origens1.php](https://http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/origens1.php)>. Acesso em: 01 de jun. de 2021.
- DENYS-STRUYF, Godelieve. **Cadeias articulares e musculares: o método G.D.S**. São Paulo: Summus, 1995.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andréa; Muñoz, Pedro F. de. As insanas do Hospício Nacional de Alienados (1900-1939). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 231, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **A História da Loucura na Idade Clássica**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookmann, 2009.

KATZ, Helena Tânia; GREINER, Christine. **Arte e Cognição: corpomídia, comunicação, política**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2015.

KATZ, Helena Tânia. **Um, dois, três**. A dança é o pensamento do corpo. 1. ed. Belo Horizonte: Helena Katz, 2005.

KATZ, Helena Tânia; GREINER, Christine. Por uma Teoria do Corpomídia. In: GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

KATZ, Helena Tânia. QUANDO “LUGAR DE FALA” SE TORNA A “FALA DO LUGAR” In: MOURA, Gilsamara; EMÍLIO, Douglas de Camargo. **ÀGORA: modos de ser em Dança**, 2019.

KATZ, Helena Tânia. Corpar. Porque corpo também é verbo. In: BASTOS, Helena. **Coisas vivas: fluxos que informam**. São Paulo: ECA-USP, 2021.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

MACHADO, R.; LOUREIRO, A.; LUZ, R.; MURICY, K. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. RJ: Edições Graal, 1978.

MTSM. **Carta de Bauru**. Bauru: Movimento de Trabalhadores de Saúde Mental, 1987.

NETO, Fuad Kyrillos; DUNKER, Christian Ingo Lenz. Depois do Holocausto: efeitos colaterais do Hospital Colônia em Barbacena. *Psicologia em Revista*. v. 23, n. 3, p. 952-974, Belo Horizonte, dez. 2017.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. Mulheres e homens alienados no Ceará: o perfil dos internos do São Vicente de Paula. In: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA, MEMÓRIA, ORALIDADE E CULTURAS, 1., 3-6 set.2012, Fortaleza (CE). Anais...Fortaleza: UECE, 2012.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de; MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Asilo de alienados São Vicente de Paula, no Ceará do Século XIX: entre Fontes e Teoria. *O Público e o Privado (UECE)*, v.13, p.83-93, 2009.

PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do Assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

\_\_\_\_\_. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras 2018.

\_\_\_\_\_. **Da clausura do fora ao fora da clausura:** loucura e desrazão. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

RED DE FEMINISMOS DESCOLONIALES. **Descolonizando nuestros feminismos, abriendo la mirada.** Presentación de la red de feminismos descoloniales. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/read/12570627/descolonizando-nuestros-feminismos-abriendo-la-mirada> Acesso em: 24/09/2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum.** Porto Alegre: Sulina, 2016.

RIBEIRO, Mônica. Cognição e afetividade na experiência do movimento em dança: conhecimentos possíveis. In: KATZ, Helena Tania; GREINER, Christine. **Arte e Cognição:** corpomídia, comunicação, política. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da RFRGS, 2016.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton...[et al.]. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SOUZA, Giorrdani Gorki Queiroz. **Improvisar-se dançando:** cognição e investigação da experiência. Dissertação de mestrado, Dança, Escola de dança, escola de dança, Universidade Federal da Bahia, 2017.

TEDESCO, Silvia. Mapeando o domínio de estudos da psicologia da linguagem: por uma abordagem pragmática das palavras. In: Kastrup, Virgínia; PASSOS, Eduardo; TEDESCO, Silvia. **Políticas da cognição.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

\_\_\_\_\_. Linguagem: Representação ou Criação?. In: Kastrup, Virgínia; PASSOS, Eduardo; TEDESCO, Silvia. **Políticas da cognição.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

VALENTIM, Patrícia Forain de; MARTINS, Letícia Palmeira; MARTINS, Mariah da Silva; FREITAS, Tamires Rejane Moreira. As mulheres da colônia de alienadas do Engenho de Dentro. Revista Psicologia em Pesquisa, v. 13, n. 2, p. 42-60, Juiz de Fora, Maio-Agosto 2019.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação:** teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

**APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada para as mulheres assistidas no CAPS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA  
CURSO DE MESTRADO EM DANÇA**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: MULHERES ASSISTIDAS  
(USUÁRIAS) DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS)**

**MODELO PILOTO**

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Autodeclaração de cor: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Contato (s): \_\_\_\_\_

**PERGUNTAS**

1. Há quanto tempo você realiza acompanhamento no CAPS?

2. Em quais atividades terapêuticas, propostas de cuidado, você tem estado desde então?
3. Como tem sido estar nessas propostas? Como você se sente/sentia nelas?
4. Como você se sentiu quando foi convidada a estar num grupo de dança no CAPS?
5. Você já havia dançado antes? Como e onde foi?
6. Você poderia contar como você sente nos momentos em que você está dançando no grupo aqui no CAPS?
7. Você percebe alguma diferença em você quando dança? E na sua vida? No seu cotidiano, nas relações familiares, na sexualidade, na relação com seu corpo, com você mesma?
8. Você poderia falar como você passou a se perceber quando começou/voltou a dançar aqui no grupo?

**APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada para familiares das mulheres assistidas no CAPS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA  
CURSO DE MESTRADO EM DANÇA**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: FAMILIARES**

**MODELO PILOTO**

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**DADO DE IDENTIFICAÇÃO:**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Relação de parentesco: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Autodeclaração de cor: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Contato(s): \_\_\_\_\_

**PERGUNTAS**

1. Você acompanha a usuária ao CAPS e em seu tratamento? Há quanto tempo?
2. Você poderia falar sobre sua relação com a usuária?

3. O que você acha sobre um grupo de dança no CAPS?
4. O que você acha sobre a usuária estar em grupo de dança no CAPS?
5. Você poderia falar sobre suas percepções acerca da usuária a partir do momento em que ela começa a dançar no grupo no CAPS? Percepções sobre ela na relação com você, nas relações familiares, em casa, em relação ao próprio acompanhamento terapêutico. Você percebe alguma mudança, alguma diferença?

**APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturada para os (as) profissionais do CAPS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE DANÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**  
**CURSO DE MESTRADO EM DANÇA**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: PROFISSIONAIS****MODELO PILOTO**

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Função: \_\_\_\_\_

Tempo de trabalho na unidade: \_\_\_\_\_

Vínculo: \_\_\_\_\_

Contato(s): \_\_\_\_\_

**PERGUNTAS:**

1. Você poderia falar o que você acha das ações de dança desenvolvidas no CAPS nos anos de 2017 e 2018?
2. Como você enxerga as ações propositivas em dança no Projeto Terapêutico Singular (PTS) dessas mulheres?

3. Enquanto profissional de referência no acompanhamento das usuárias na unidade, você poderia falar o que percebe em relação a elas quando começam a prática de dança no serviço? Suas percepções sobre ela na relação com você, com o serviço, com o próprio acompanhamento terapêutico, na relação com elas mesmas? Você percebe alguma mudança, alguma diferença?
4. Você poderia falar sobre o que acha da dança no contexto da saúde mental?

**APÊNDICE D – Termo de autorização do uso de imagens**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA  
CURSO DE MESTRADO EM DANÇA**

**AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS**

Eu, \_\_\_\_\_, com CPF \_\_\_\_\_, autorizo a publicação de minhas imagens em fotografias, pela pesquisadora Ana Edwiges Silva Bento, em sua dissertação de Mestrado, orientada pela Professora Doutora Márcia Virgínia Mignac da Silva, defendida no Programa de Pós-graduação em Dança (PPGDança) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Pesquisadora: Ana Edwiges Silva Bento

[anaedwigesbento@gmail.com](mailto:anaedwigesbento@gmail.com)

CEPEE. UFBA – Comitê de Ética em Pesquisa – Escola de Enfermagem da UFBA

Rua Augusto Viana, s/n, 4<sup>o</sup> andar, sala 432-437, Canela, Salvador, Bahia, CEP: 40110-060

Tel.: (71) 32837615

E- mail: [cepee.ufba@ufba.br](mailto:cepee.ufba@ufba.br)

<http://www.cepee.enf.ufba.br/>

Fortaleza, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante



\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

**ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): mulheres assistidas no CAPS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA  
CURSOS DE MESTRADO EM DANÇA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
MULHERES ASSISTIDAS (USUÁRIAS)**

Eu, Ana Edwiges Silva Bento, psicóloga e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na qualidade de mestranda, convido você a participar do projeto “Movimentos Insurgentes: processos de criação em dança com mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial”. Este documento tem a intenção de obter o seu consentimento por escrito para participar desta pesquisa.

O intuito deste estudo é investigar se é possível apresentar a dança como ações e propostas que podem ocasionar outras maneiras de se perceber e existir com um grupo de mulheres que são acompanhadas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Assim, esse projeto contribui para a ampliação dos conhecimentos sobre os modos de ser e existir no campo da dança, da saúde mental e dos estudos de gênero.

A pesquisa será realizada no CAPS em que você realiza o acompanhamento terapêutico e acontecerá em duas etapas. A primeira ocorrerá por meio de entrevista em horário agendado de acordo com suas possibilidades e com a coordenação da unidade para que não acarrete

impedimentos na realização de consultas e atividades que fazem parte de seu acompanhamento terapêutico.

A entrevista será individual em ambiente reservado para garantir a privacidade e o sigilo. No momento da entrevista, serão feitas algumas perguntas e será utilizado gravador de áudio. A entrevista pode gerar alguns desconfortos como constrangimento, vergonha, ansiedade, receio de se expor. Caso você se sinta assim ou sinta algo parecido, você pode comunicar e escolher não responder e até mesmo desistir de participar da pesquisa, sem que isso lhe cause qualquer problema. Sua liberdade será respeitada e a confidencialidade mantida.

A segunda etapa acontecerá com os encontros em grupo apenas com as mulheres assistidas no CAPS. Nestes encontros, serão propostas ações em dança para desenvolver processos de criação. Serão utilizados recursos fotográficos e de vídeos. Esta fase da pesquisa também pode apresentar riscos/desconfortos tanto físicos quanto emocionais.

Os riscos físicos são decorrentes das movimentações e da disposição do próprio espaço. Desta maneira, os riscos podem se apresentar como desequilíbrios e trombos com objetos da sala, como cadeiras, mesas, estantes, lixeiras, entre outros. Como proteção, estes objetos serão reservados, afastados ou até mesmo retirados da sala no momento do encontro para que o espaço físico se torne o mais seguro possível.

Os desconfortos emocionais, afetivos e mentais podem aparecer como pensamentos, sensações e lembranças difíceis de situações vivenciadas em suas histórias pessoais. Ansiedade, medo, vergonha, raiva, rejeição são alguns afetos que podem surgir e ser externados através de choros, tremores e vertigem. Como cuidado e proteção às participantes, os encontros acontecerão em sala reservada concedida pela coordenação, com horários combinados anteriormente. Não haverá a circulação de outras pessoas no grupo para garantir o sigilo e a confidencialidade.

A cada encontro, será oferecido pela pesquisadora, um momento de escuta e acolhimento das emoções que surgirem. Serão utilizadas letras em substituição ao nome verdadeiro das participantes como estratégias de proteção à confidencialidade, à identidade e ao sigilo das mulheres. As imagens produzidas em fotos e vídeos serão preservadas e não serão utilizadas de modo estigmatizado.

O grupo será baseado em vínculos de respeito, confiança e liberdade de expressão. As participantes deverão estar em acompanhamento interdisciplinar frequente e continuado pela

equipe profissional do CAPS. Caso alguma participante apresente qualquer sinal de desconforto emocional, os profissionais da equipe podem ser solicitados para oferecer uma escuta qualificada, acolhimento e apoio sempre que necessário. Se você sentir qualquer desconforto nas emoções, nos pensamentos, nos movimentos, você pode comunicar e decidir continuar ou não no grupo e na pesquisa.

Para participar deste estudo você não receberá qualquer vantagem financeira nem terá nenhum custo. Desta forma, a pesquisa não acarretará custos ou despesas para as participantes. Você poderá retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa e/ou desistência em participar não acarretará qualquer prejuízo ou mudança na forma em que é tratada na unidade.

Diante da atual pandemia do coronavírus, serão necessários alguns cuidados na realização das duas etapas, que ocorrerão de acordo com as orientações e determinações da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza acerca das medidas sanitárias de proteção e do processo de retomada das atividades na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), especialmente, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Portanto, será obrigatório o uso de máscaras, ocorrerá o uso de álcool em gel, higienização do espaço a ser utilizado com água sanitária e/ou álcool 70%, respeito ao distanciamento social com afastamento mínimo de 1 (um) metro e 50 (cinquenta) centímetros, sem contatos físicos. Nas situações em que forem necessárias a utilização de objetos, como canetas, papéis, bolinhas de tênis, esteiras, entre outros, eles serão de uso individual e não compartilhado. Pessoas que façam parte do grupo de risco não poderão participar da pesquisa.

Este termo de consentimento se encontra impresso em duas vias originais de igual teor. Todas as vias deverão ser assinadas. Uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será dada a você. As informações e os instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. As pesquisadoras tratarão sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Caso você tenha alguma dúvida, queira consultar, ou ainda, deseje retirar o consentimento de sua participação da pesquisa, por favor, entre em contato com a pesquisadora, além do Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos abaixo. O Comitê de Ética é

formado por um grupo de pessoas que trabalham para defender os interesses dos participantes das pesquisas.

Pesquisadora: Ana Edwiges Silva Bento

[anaedwigesbento@gmail.com](mailto:anaedwigesbento@gmail.com)

CEPEE. UFBA – Comitê de Ética em Pesquisa – Escola de Enfermagem da UFBA

Rua Augusto Viana, s/n, 4<sup>o</sup> andar, sala 432-437, canela, Salvador, Bahia, CEP: 40110-060

Tel.: (71) 32837615

E- mail: [cepee.ufba@ufba.br](mailto:cepee.ufba@ufba.br)

<http://www.cepee.enf.ufba.br/>

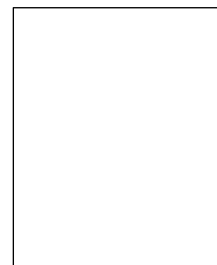
Salvador, (data)

---

Assinatura da participante

---

Assinatura da pesquisadora



**ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): familiares**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE DANÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**  
**CURSO DE MESTRADO EM DANÇA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**FAMILIARES**

Eu, Ana Edwiges Silva Bento, psicóloga e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na qualidade de mestranda, convido você a participar do projeto “Movimentos Insurgentes: processos de criação em dança com mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial”. Este documento tem a intenção de obter o seu consentimento por escrito para participar desta pesquisa.

O intuito deste estudo é investigar se é possível apresentar a dança como ações e propostas que podem ocasionar outras maneiras de se perceber e existir com um grupo de mulheres que são acompanhadas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Assim, esse projeto contribui para a ampliação dos conhecimentos sobre os modos de ser e existir no campo da dança, da saúde mental e dos estudos de gênero.

A pesquisa será realizada no CAPS em que a usuária com quem você tem vínculo familiar realiza acompanhamento terapêutico. Acontecerá por meio de entrevista, que ocorrerá em horário combinado anteriormente com você e com a coordenação da unidade, para que não acarrete impedimentos em seu cotidiano e no da instituição.

Os riscos e desconfortos da participação nesta pesquisa podem se apresentar como sensações de constrangimento, vergonha, ansiedade, receio de se expor frente a algumas

perguntas existentes. Com o objetivo de evitar e/ou atenuar possíveis desconfortos, será criado um ambiente de confiança, respeito e liberdade.

Caso você sinta qualquer desconforto emocional, você pode comunicar e escolher não responder e até mesmo desistir de participar da pesquisa, sem que isso lhe cause qualquer problema. Sua liberdade será respeitada e a confidencialidade mantida. Além de que serão oferecidos, pela pesquisadora, acolhimento, assistência e escuta qualificada para a elaboração de tais conteúdos emocionais.

No momento da entrevista, serão feitas algumas perguntas e será utilizado gravador de áudio. Para proteger os participantes no que se refere à confidencialidade e privacidade, as entrevistas serão individuais e acontecerão em sala reservada, sem circulação de outras pessoas. Ademais, seus nomes verdadeiros serão substituídos por letras com o intuito de proteger sua identidade.

Para participar deste estudo você não receberá qualquer vantagem financeira nem terá nenhum custo. Desta forma, a pesquisa não acarretará custos ou despesas para os (as) participantes. Você poderá retirar seu consentimento ou interromper sua participação em qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa e/ou desistência em participar não acarretará qualquer prejuízo ou mudança na forma em que é tratado(a).

Diante da atual pandemia do coronavírus, serão necessários alguns cuidados na realização das etapas da pesquisa, que ocorrerão de acordo com as orientações e determinações da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza acerca das medidas sanitárias de proteção e do processo de retomada das atividades na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), especialmente, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Portanto, será obrigatório o uso de máscaras, ocorrerá o uso de álcool em gel, higienização do espaço a ser utilizado com água sanitária e/ou álcool 70%, respeito ao distanciamento social com afastamento mínimo de 1 (um) metro e 50 (cinquenta) centímetros, sem contatos físicos. Nas situações em que forem necessárias a utilização de objetos, como canetas, papéis, entre outros, eles serão de uso individual e não compartilhado. Pessoas que façam parte do grupo de risco não poderão participar da pesquisa.

Este termo de consentimento se encontra impresso em duas vias originais de igual teor. Todas as vias deverão ser assinadas. Uma via será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você. As informações e os instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo

serão destruídos. As pesquisadoras tratarão sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Caso você tenha alguma dúvida, queira consultar, ou ainda, deseje retirar o consentimento de sua participação da pesquisa, por favor, entre em contato com a pesquisadora, além do Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos abaixo. O Comitê de Ética é formado por um grupo de pessoas que trabalham para defender os interesses dos participantes das pesquisas.

Pesquisadora: Ana Edwiges Silva Bento

[anaedwigesbento@gmail.com](mailto:anaedwigesbento@gmail.com)

CEPEE. UFBA – Comitê de Ética em Pesquisa – Escola de Enfermagem da UFBA

Rua Augusto Viana, s/n. 4<sup>o</sup> andar. Sala 432-437. Bairro Canela. Salvador – Bahia. CEP: 40110-060. Tel.: (71) 32837615. E- mail: [cepee.ufba@ufba.br](mailto:cepee.ufba@ufba.br).

Site: <http://www.cepee.enf.ufba.br/>

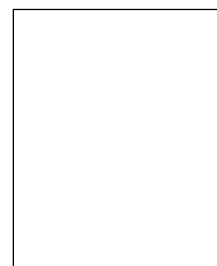
Salvador, (data)

---

Assinatura da participante

---

Assinatura da pesquisadora



**ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): profissionais**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE DANÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**  
**CURSO DE MESTRADO EM DANÇA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**PROFISSIONAIS**

Eu, Ana Edwiges Silva Bento, psicóloga e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na qualidade de mestranda, convido você a participar do projeto “Movimentos Insurgentes: processos de criação em dança com mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial”. Este documento tem a intenção de obter o seu consentimento por escrito para participar desta pesquisa.

O intuito deste estudo é investigar a possibilidade de apresentar a dança como uma ação propositiva capaz de instaurar outros modos de existência com um grupo de mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Assim, esse projeto contribui para a ampliação dos conhecimentos sobre os modos de ser e existir no campo da dança, da saúde mental e dos estudos de gênero.

A coleta de dados será realizada no CAPS em que você trabalha, através de entrevista, que acontecerá em horário previamente combinado segundo sua disponibilidade e a do serviço,

em acordo com a coordenação da unidade, considerando as atividades que você desempenha para que não acarrete impedimentos em seu cotidiano profissional.

Os riscos e desconfortos da participação nesta pesquisa podem se apresentar como sensações de constrangimento, vergonha, receio de se expor frente a algumas perguntas existentes. Com o objetivo de evitar e/ou atenuar possíveis desconfortos, será criada uma ambiência de confiança, respeito e liberdade. Para tanto, você terá total autonomia e poder de decisão para responder ou não qualquer pergunta ou até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer tempo.

No momento da entrevista, será utilizado gravador de áudio. Para proteger os participantes no que se refere à confidencialidade e privacidade, as entrevistas serão individuais e acontecerão em sala reservada, sem circulação de outras pessoas. Ademais, seus nomes verdadeiros serão substituídos por letras com o intuito de proteger sua identidade.

Para participar deste estudo você não receberá qualquer vantagem financeira nem terá nenhum custo. Desta forma, a pesquisa não acarretará custos ou despesas para os (as) participantes. Você poderá retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa e/ou desistência em participar não acarretará qualquer prejuízo ou mudança na forma em que é tratado(a).

Diante da atual pandemia do coronavírus, serão necessários alguns cuidados na realização das etapas da pesquisa, que ocorrerão de acordo com as orientações e determinações da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza acerca das medidas sanitárias de proteção e do processo de retomada das atividades na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), especialmente, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Portanto, será obrigatório o uso de máscaras, ocorrerá o uso de álcool em gel, higienização do espaço a ser utilizado com água sanitária e/ou álcool 70%, respeito ao distanciamento social com afastamento mínimo de 1 (um) metro e 50 (cinquenta) centímetros, sem contatos físicos. Nas situações em que forem necessárias a utilização de objetos, como canetas e papéis, eles serão de uso individual e não compartilhado. Pessoas que façam parte do grupo de risco não poderão participar da pesquisa.

Este termo de consentimento se encontra impresso em duas vias originais de igual teor. Todas as vias deverão ser assinadas. Uma via será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. As pesquisadoras tratarão sua identidade com padrões profissionais de sigilo,

atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Caso você tenha alguma dúvida, queira consultar, ou ainda, deseje retirar o consentimento de sua participação da pesquisa, por favor, entre em contato com a pesquisadora, além do Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos abaixo. O comitê de ética é formado por um grupo de pessoas que trabalham para defender os interesses dos participantes das pesquisas.

Pesquisadora: Ana Edwiges Silva Bento

anaedwigesbento@gmail.com

CEPEE. UFBA – Comitê de Ética em Pesquisa – Escola de Enfermagem da UFBA

Rua Augusto Viana, s/n, 4<sup>o</sup> andar, sala 432-437, canela, Salvador, Bahia, CEP: 40110-060

Tel.: (71) 32837615

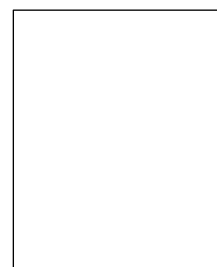
E- mail: cepee.ufba@ufba.br

<http://www.cepee.enf.ufba.br/>

Salvador, (data)

---

Assinatura da participante



---

Assinatura da pesquisadora

**ANEXO D – Parecer do Comitê de Ética****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Movimentos insurgentes: processos de criação em dança com mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial

**Pesquisador:** ANA EDWIGES SILVA BENTO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 35310620.9.0000.5531

**Instituição Proponente:** Escola de Dança

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.328.025

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se da apreciação de segunda versão de protocolo de pesquisa que abordará a implementação da dança e processos de criação com um grupo de mulheres assistidas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). O projeto objetiva apresentar a dança como uma ação propositiva capaz de instaurar outros modos de existência em mulheres com transtornos mentais.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Investigar a possibilidade da dança ser apresentada como ação propositiva capaz de instaurar outros modos de existência com um grupo de mulheres assistidas em um CAPS.

Objetivos Secundários:

- Revisitar a experiência com dança e processos de criação desenvolvida com um grupo de mulheres em um CAPS nos anos de 2017 e 2018, com o desafio de re-apresentar a dança como área de pesquisa plausível de produção de conhecimento científico;
- Promover encontros com as mulheres assistidas nos anos 2017 e 2018, com abertura para a inserção de novas mulheres, objetivando desenvolver outros processos de criação em dança;
- Compreender como a percepção do corpo aparece na construção de sentidos e modos de existência em relação à construção singular e coletiva de ser mulher;

- Acompanhar como se dão as relações entre repetição, reprodução, ruptura e criação nas relações mulher corpo-dança-saúde mental;
- Descobrir o que surge enquanto poética de cada mulher, como cada mulher pode escrever com o seu corpo e sua dança a história que ela quer contar dela mesma;
- Discutir o lugar do corpo que dança em encaminhamentos protocolares instituídos nos serviços disponibilizados no CAPS;
- Reforçar a implementação de abordagens corporais de dança nos serviços oferecidos no CAPS, em favorecimento da inclusão de profissionais habilitados na equipe

multiprofissional. Deste modo, tais objetivos se entrelaçam no desenhar de um caminho investigativo de processos de transformação, de esfumaçamento de contornos, de intensidades, de ações percepto-cognitivo-afetivas do corpo e da dança no campo da subjetividade e da relação Arte e Saúde.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Com alterações, segundo recomendações do parecerista do parecer de nº 4.209.443 e Conforme descrito pela pesquisadora no formulário de informações básicas da PB:

#### **Riscos:**

Enquanto pesquisadora e psicóloga, membro de equipe neste CAPS durante dois anos, detalho alguns possíveis riscos. Este estudo possui em sua metodologia a pesquisa de campo, que se configura em dois momentos: entrevistas individuais e encontros grupais com proposições em dança. No tocante às entrevistas, os riscos/desconfortos podem se apresentar como questões emocionais: constrangimento, vergonha, ansiedade, receio de se expor. Para evitá-los e atenuá-los, será criada uma ambiência de confiança, respeito e liberdade, considerando as singularidades de cada participante, já que, nesta etapa, serão entrevistados profissionais, familiares e usuárias do serviço. Serão oferecidos, pela pesquisadora, acolhimento, assistência e escuta qualificada para a elaboração dos conteúdos emocionais. Para proteger os participantes em relação à confidencialidade e privacidade, as entrevistas serão individuais, em sala reservada e seus nomes verdadeiros serão substituídos por letras no intuito de proteger sua identidade. Quanto aos encontros com dança, que acontecerão em grupo e apenas com as mulheres assistidas no CAPS, os riscos/desconfortos podem ser físicos e afetivo-emocionais. Os riscos físicos podem se apresentar como desequilíbrios e trombos com objetos da sala. Como proteção, cadeiras, mesas, estantes, lixeiras, entre outros objetos que possam ocasionar algum dano serão afastados ou retirados da sala no momento do encontro. Os riscos emocionais, afetivos e mentais são a emergência de pensamentos e sensações advindas do acesso a memórias corporais de situações vivenciadas em suas histórias pessoais. Ansiedade, medo, vergonha, raiva, rejeição são alguns afetos que podem surgir e ser externados através de choros, tremores e vertigem ao se trabalhar com corpo e dança. Como proteção e no intento de evitar os possíveis riscos/desconfortos, as participantes serão aquelas que estiverem em acompanhamento interdisciplinar frequente e continuado na unidade e que estiverem em um momento de vida com condições de autonomia e expressão. Será realizada uma triagem, um contato prévio com as mesmas, com membros da equipe profissional e registros de prontuário e com familiares no intuito de conhecer minimamente o modo como estão se sentindo e vivendo no momento;

conhecer o estado emocional e mental em que cada mulher se encontra para que participem da pesquisa aquelas que não estão em profundo sofrimento psíquico e em situação de crise. Será oferecida uma escuta psicológica anterior e posterior a cada encontro, ofertada pela pesquisadora, na perspectiva de conhecimento, acolhimento, apoio e elaboração das questões que possam emergir. Conta-se com a parceria da equipe profissional da unidade, que é composta por psiquiatras, psicólogas, enfermeiras, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais. Caso alguma participante apresente qualquer sinal de desconforto emocional, os profissionais da equipe serão solicitados para oferecer uma escuta qualificada, acolhimento e apoio. A utilização de câmera de vídeo e fotografia pode gerar desconfortos como constrangimento, avaliação, vergonha, invasão, discriminação, medo de exposição. Para proteção, o manejo gradativo e dialógico no que se refere ao uso desses recursos nos encontros e a garantia da preservação das imagens e sua não utilização de forma estigmatizada. Os encontros acontecerão em sala reservada e serão utilizadas letras em substituição ao nome verdadeiro das participantes como estratégias de proteção à confidencialidade, à identidade e ao sigilo das mulheres e das imagens. Serão construídos vínculos de respeito, confiança e liberdade e o cuidado com a formação grupal do início ao término. Assim, o próprio grupo se torna protetivo pois cria um espaço com liberdade de expressão e ausência de julgamentos para trabalhar questões afetivas, em que a metodologia utilizada oferece um momento de expressão e escuta do corpo que promove bem-estar e favorece processos de autoconhecimento e promoção de saúde.

#### Benefícios:

A pesquisa proposta através deste projeto, ao se posicionar como uma investigação dos processos de subjetivação e dos modos de existência pela percepção de estados corporais através da Dança, abre-se a outras maneiras de existir, a modos de estar no mundo via corpo que dança e, a partir de uma perspectiva de envolvimento com uma poética de si, instaura e, ao mesmo tempo, reflete a necessidade de olhares que possibilitem condições de construção de outros modos de cuidado, gerando afluentes que, de maneira aquosa, possam desenhar novos contornos para os limites disciplinares e normalizadores na área da saúde, especialmente, em relação aos transtornos mentais. Permite, por conseguinte, a inserção e o estar da Dança no campo da rede de Saúde Mental, espaço público e potencial de invenção de modos de existência e de vida. Logo, a Dança na vida cotidiana em relações bio e micropolíticas, englobando e indo além da Educação, tecendo fios na promoção de saberes e práticas no campo da Saúde. Tal consideração, que remete à questão de como a Dança pode estar em espaços fronteiriços com a Psicologia, mas não numa abordagem interpretativa, e sim num contágio e numa ecologia de saberes, leva, como águas de um rio, às possibilidades de inventar e construir concepções e práticas de cuidado no entre, neste lugar de matéria orgânica da vida, criando também diferença no modo de produção científica de ambos os campos de conhecimento no que diz respeito aos processos de subjetivação. Deste modo, emerge a importância para o campo da Psicologia, por suscitar questões na área a partir do corpo e da arte, o que direciona para os estudos da subjetividade mergulhados nas associações entre Psicologia, Dança e Filosofia, reivindicando outros lugares e espaços para o corpo, um corpo em movimento e em criação, e não apenas um corpo de sintoma. Contribuindo, assim, para o campo da Saúde Mental, por possibilitar modos de cuidado criativo e sensível no relacionar-se com as intensidades cambiantes em corpo. Além de permitir deslocar, recolocar, descobrir e reinventar o lugar do corpo na Saúde Mental, pois onde está o corpo na Saúde Mental, quais os seus possíveis lugares e modos de habitação? Por se dispor a se esculpir em um equipamento de uma política pública, este estudo também apresenta sua relevância para o desenvolvimento de reflexões e práticas no que dizem respeito às relações de saber-poder e ao jogo de forças de vida e, portanto, relações biopolíticas, que perpassam e constituem a percepção de si e de mundo, a maneira de habitar o próprio corpo no

coletivo, remetendo à necessidade de territórios afetivos e artísticos como veias para circulação de modos de existência singulares. A importância para as mulheres que aceitem co-mover este estudo, acredito, que elas mesmas é quem poderá dizer, já que co-mover é mover junto. Esclarece-se ainda, que a possibilidade de reapresentar a experiência de dança desenvolvida deslocada da moldura habitual, imbuída na produção de conhecimento em dança, aponta não apenas para a necessidade da pesquisadora, mas reflete também o caráter inovador da iniciativa no Programa de Pós-graduação em Dança. A ausência de pesquisas com essa arquitetura de relações entre dança, corpo, cognição, psicologia e saúde mental em uma tônica política, retratam a novidade do estudo.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:** Trata-se de projeto de pesquisa a ser desenvolvido no Curso de Mestrado vinculado ao Programa de Pós Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É um estudo relevante, inovador e motivacional na vida das mulheres que frequentam o CAPS, com perspectivas de contribuir para o campo da Saúde Mental, por possibilitar modos de cuidado criativo e sensível no relacionar-se com as intensidades cambiantes em corpo. Além de permitir deslocar, recolocar, descobrir e reinventar o lugar do corpo na Saúde Mental. A coleta de dados será realizada no CAPS onde as mulheres realizam o acompanhamento terapêutico, através de entrevista e realização de encontros em que serão propostas ações em dança. A entrevista acontecerá em horário previamente combinado segundo a disponibilidade das mulheres e a do serviço, em acordo com a coordenação da unidade, considerando as consultas e atividades, para que não ocorra impedimentos no acompanhamento terapêutico. Serão entrevistas individuais em ambiente reservado no qual seja garantida a privacidade e o sigilo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram anexados 16 documentos ao protocolo de pesquisa na Plataforma Brasil. Houve adequações, conforme solicitado no parecer consubstanciado nº 4.209.443.

**Recomendações:**

Apresentar, como notificação, via Plataforma Brasil, os relatórios parciais semestrais e final do projeto, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa, conforme a Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Protocolo de pesquisa atendeu as recomendações do parecer de nº 4.209.443 e atende aos preceitos éticos emanados das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, sugere-se parecer de aprovação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Aprovação ad referendum, tendo em vista considerações prévias em reunião de Colegiado. Ressalta-se que, após realizar modificações atendendo às recomendações descritas no parecer consubstanciado nº4.209.443, esta segunda versão do projeto atende aos princípios éticos e bioéticos emanados das Resoluções n.466/2012 e n.510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1515560.pdf	28/08/2020 21:39:41		Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCompleto.pdf	28/08/2020 21:38:08	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Outros	Declaracaodoorientador.pdf	28/08/2020 21:36:52	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	28/08/2020 21:36:14	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	28/08/2020 21:35:54	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEprofissionais.pdf	28/08/2020 21:35:18	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEusuarias.pdf	28/08/2020 21:34:51	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEfamiliares.pdf	28/08/2020 21:32:54	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Outros	Termodeconfidencialidade.pdf	11/05/2020 20:13:03	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Outros	Termodenaoiniciodecoleta.pdf	11/05/2020 20:01:30	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Outros	Declaracaodainstcoparticipante.pdf	11/05/2020 19:57:40	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Outros	Solicitacaodecampo.pdf	11/05/2020 19:56:34	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Outros	Cartadeanuencia.pdf	11/05/2020 19:54:02	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Outros	Termodecompromissodopesquisadorassinado.pdf	11/05/2020 19:48:14	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Outros	Termoinstproponente.pdf	11/05/2020 19:47:08	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoatual.pdf	11/05/2020 19:40:58	ANA EDWIGES SILVA BENTO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 08 de Outubro de 2020

---

**Assinado por:**

**Daniela Gomes dos Santos Biscarde**

**(Coordenador(a))**